

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

ANA VITÓRIA NOGUEIRA MATTAR MANSO

POLÍTICAS CULTURAIS EM IGARAPAVA/SP

UBERLÂNDIA

2021

ANA VITÓRIA NOGUEIRA MATTAR MANSO

POLÍTICAS CULTURAIS EM IGARAPAVA/SP

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Universidade Federal de Uberlândia, para fim de conclusão do curso de graduação em Teatro – Licenciatura e Bacharelado.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Molina

UBERLÂNDIA

2021

ANA VITÓRIA NOGUEIRA MATTAR MANSO

POLÍTICAS CULTURAIS EM IGARAPAVA/SP

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Universidade Federal de Uberlândia, para fim de conclusão do curso de graduação em Teatro – Licenciatura e Bacharelado.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Molina

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre José Molina - orientador (IARTE)

Profa. Dra. Daniele Pimenta (IARTE)

Profa. Ms. Cláudia Miranda (IARTE)

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso possui como tema central as Políticas Culturais na cidade de Igarapava – SP, considerando o período entre 2009 e 2019, enquanto objeto de análise. O trabalho em questão está dividido em dois capítulos, uma introdução e considerações finais, sendo o primeiro deles dedicado à sistematização de bibliografia especializada na área de Políticas Culturais, a partir dos trabalhos de Albino Rubim, Isaura Botelho, Marillena Chaui, Newton Cunha, Selma Santiago e Teixeira Coelho. O segundo capítulo foi dedicado às reflexões e explanações acerca de uma pesquisa de campo na qual foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos: coleta de dados de agentes culturais de Igarapava, a partir de formulário online, e entrevista semiestruturada com ex-gestores responsáveis pelo setor da cultura no município. Os resultados da coleta e das entrevistas foram analisados a partir da bibliografia estudada e discutida no primeiro capítulo, apontando a fragilidade nos processos de gestão da cultura no município e indicando possíveis caminhos para a superação de tais fragilidades.

PALAVRAS-CHAVE: Políticas Culturais. Igarapava. Cultura.

ABSTRACT

This Course Conclusion Work, has as its central theme the Cultural Policies in Igarapava - SP, considering the period between 2009 and 2019 as an object of analysis. This work is organized into two chapters, an introduction and final considerations. The first chapter is dedicated to the systematization of specialized bibliography in the area of Cultural Policies, based on the works of Albino Rubim, Isaura Botelho, Marillena Chaui, Newton Cunha, Selma Santiago and Teixeira Coelho. The second chapter was dedicated to reflections about field research that used the following methodological procedures: collection of information about cultural agents from Igarapava, using an online form, and semi-structured interviews with former managers responsible for the culture on the town. The results of the collection and interviews were analyzed based on the bibliography studied and discussed in the first chapter, pointing out the fragility of the cultural management processes in Igarapava and indicating possible ways to overcome such problem.

KEY WORDS: Cultural Policies. Igarapava. Brazil. Culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO 1 - CULTURA, CONTEXTUALIZAÇÕES E CONCEITUAÇÕES	8
1.1. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A PALAVRA “CULTURA”	8
1.2. CULTURA COMO AÇÃO	11
1.3. AÇÃO CULTURAL E AGENTES CULTURAIS	14
1.4. CONSIDERAÇÕES SOBRE POLÍTICA CULTURAL	16
1.5. SISTEMA NACIONAL DE CULTURA	20
CAPÍTULO 2 - IGARAPAVA = PORTO DAS CANOAS	24
2.1. IGARAPAVA = PORTO DAS CANOAS.....	24
2.2. FORMULÁRIO ON-LINE “COLETA DE DADOS SOBRE AGENTES CULTURAIS DE IGARAPAVA/SP”: OBJETIVOS E ANÁLISE	26
2.3. OBJETIVOS E ANÁLISE DE ENTREVISTAS COM EX-GESTORES CULTURAIS DE IGARAPAVA/SP	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
APÊNDICES	52
APÊNDICE A – Roteiro de entrevistas com ex-gestores culturais	53
APÊNDICE B – Entrevistas na íntegra	57
APÊNDICE C – Formulário “Coleta de dados sobre agentes culturais de Igarapava/SP”	97

INTRODUÇÃO

Considero importante que os leitores deste trabalho tenham conhecimento, mesmo que breve, de alguns dados de minha vida pessoal, pois, a partir desta aproximação, os motivos da existência desta pesquisa, assim como seus objetivos e posicionamentos, tornam-se mais claros.

Nasci em Igarapava/SP, no dia 17 de maio de 1997, em uma família de classe média, sendo uma das poucas pessoas de minha geração que realmente é igarapavense, pois, devido à falta de recursos na Irmandade Santa Casa de Misericórdia, único hospital de Igarapava, grande parte das pessoas procurava as maternidades das cidades vizinhas.

Igarapava é uma cidade de aproximadamente 30.000 habitantes e é a última cidade paulista que o viajante, seguindo pela Anhanguera, passa para acessar o Triângulo Mineiro, logo após a ponte do Rio Grande, divisa natural entre os estados. E, como quase toda cidade de pequeno porte, é um município de lugares únicos. Único hospital, único ponto de cultura, única escola de inglês, única academia de dança, única professora de teatro, única família Mattar — que é a parcela de minha família que sempre residiu em Igarapava.

A família Mattar tem como principal característica muitas mulheres fortes e à frente de seus tempos, começando por minha bisavó Aziza, que faleceu aos 93 anos, em 2001. Ela veio do Líbano para Igarapava com sete anos de idade, no último navio refugiado de uma guerra, e, já em sua juventude, foi prometida para se casar com meu bisavô, Nagib, que veio a falecer aos 45 anos, deixando-lhe o árduo desafio de criar os seis filhos do casal.

Quando penso na história de minha família, meu coração pulsa amor, carinho e orgulho por ter aprendido com essas mulheres e hoje poder trilhar meu caminho, sendo guiada por esse legado.

Além deste privilégio, tive a oportunidade de sempre ter estudado em escolas que valorizam a Arte e, nesses espaços, floresceu em mim a vontade de cursar Teatro. Esta tomada de decisão aconteceu aos 17 anos, após uma excursão de meu colégio para um espetáculo musical apresentado na capital São Paulo. Na ocasião, a escolha pareceu surpreendente e repentina, mas hoje, quando penso em minha trajetória desde a infância, percebo o quanto a Arte se fez presente em toda minha vida.

Hoje, reflito muito sobre como os lugares que frequentei na infância e adolescência trouxeram-me até aqui, na Universidade Federal de Uberlândia, mais especificamente no curso de Teatro – Licenciatura e Bacharelado, graduação que me permite entender o mundo à minha volta, conhecer a mim mesma e escolher com discernimento, sempre respeitando meus próximos.

Reflito sobre a importante função que a Arte tem em nossa sociedade pós-moderna, seguidora da alta tecnologia, cercada por informações de todas as naturezas, em todos os momentos, regida pelo tempo e pelo dinheiro, que estão acima de tudo e quase todos. Por isso, minhas reflexões também permeiam a temática dos espaços que a Arte ocupa, pode e deve ocupar.

Assim como a Arte, a Cultura teve importantíssima relevância na construção da pessoa que sou, e pondero sobre como este é um direito que não está sendo garantido para grande parte dos brasileiros.

Reflexões como estas me trouxeram para a docência, para o campo de estudos da performance, para o coletivo de teatro político que hoje integro, Coletivo Teatro de Viés, e deram norte para meu Trabalho de Conclusão de Curso, no qual busco primeiramente compreender os cenários da Cultura em nosso país, mais especificamente nas cidades interioranas, particularmente em Igarapava/SP.

Escolhi esse tema pelo valor que dou às minhas raízes e por delas querer me aproximar na finalização deste ciclo, pois pensar cultura é, de certa forma, fazer cultura. Pois pensar cultura em minha terra natal, para mim, é de certa forma pensar identidade. Pois ser artista é se desconstruir para reconstruir-se.

O ser artista é artista em tudo que faz, enquanto ensina, enquanto pesquisa, e o poder de transformação que a cultura pode ter na realidade igarapavense me interessa enquanto artista.

Primeiramente, em meu Trabalho de Conclusão de Curso, tive que localizar meu papel dentro de todo esse sistema, e entendendo que ocupo hoje o lugar de pesquisadora acadêmica, realizarei um estudo a fim de me aproximar o máximo possível da realidade do setor cultural igarapavense, dentro do que o Trabalho de Conclusão de Curso me permite aprofundar, tendo em vista que deve ser elaborado em pouco tempo.

O principal objetivo deste trabalho é lançar luzes sobre a área cultural no município de Igarapava/SP, tanto para o poder público municipal, quanto para os cidadãos igarapavenses, tendo em vista que, aparentemente, este é um setor pouco

presente no cotidiano da cidade. Este último ponto é precisamente o problema que, enquanto pesquisadora, identifiquei fortemente na realidade deste município: a falta de preocupação com o desenvolvimento do setor cultural de Igarapava por parte das políticas de cultura públicas.

Para alcançar este objetivo, decidi primeiramente me inteirar dos estudos mais recentes pertencentes ao campo de estudos das políticas culturais. Pois este tema não integra de forma muito expressiva a grade curricular do curso de Teatro, ou seja, eu mesma iniciei a construção de uma reflexão mais elaborada sobre as políticas culturais apenas no início desta pesquisa.

Sendo assim, o primeiro capítulo deste trabalho foi dividido em cinco subcapítulos e é dedicado à apresentação dos pontos considerados por mim como os mais essenciais para o início de uma reflexão sobre este campo de estudos.

Alguns dos pesquisadores de que me aproximei para a elaboração do primeiro capítulo, mas que, para além deste, atravessaram o trabalho na íntegra, foram Albino Rubim, Isaura Botelho, Marilena Chaui, Newton Cunha, Teixeira Coelho e o pesquisador acadêmico do campo de Análise de Políticas Públicas, João Batista Mamédio, através do qual acessei algum conhecimento acerca do funcionamento do processo das Políticas Públicas. Também acessei alguns documentos públicos como as cartilhas elaboradas pela Secretaria de Cultura do estado da Bahia, a Cartilha difundida pelo governo Federal a respeito do funcionamento e implementação do Sistema Nacional de Cultura, o site da Secretaria Estadual de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, e até mesmo alguns artigos da própria Constituição Federal e afins.

Após este primeiro capítulo, que sintetiza e comenta a bibliografia utilizada no trabalho, passaremos ao segundo capítulo, que está dividido em dois subcapítulos. Nele constam a exposição e análise dos dados obtidos com o levantamento de campo, que consistiu no lançamento e divulgação de um formulário on-line destinado aos profissionais do campo cultural e em entrevistas com cinco ex-gestores da pasta da cultura de Igarapava, que atuaram entre os anos de 2009 e 2019.

Ao final do trabalho, trago uma reflexão e minhas considerações finais a partir de todo o conhecimento adquirido ao longo desta pesquisa.

CAPÍTULO 1 – CULTURA, CONTEXTUALIZAÇÕES E CONCEITUAÇÕES

1.1. Breve contextualização sobre a palavra “cultura”

Com base no apanhado teórico que realizei acerca do tema “Cultura”, passando por diversos autores que abordam o conceito em suas diferentes dimensões, histórica, antropológica, sociológica e política, como Newton Cunha, Isaura Botelho, Teixeira Coelho e Marilena Chaui, realizo neste subcapítulo, uma síntese da etimologia da palavra cultura e de suas diferentes utilizações, cada uma com um sentido distinto.

O motivo desta contextualização é o fato de que o entendimento da maioria das pessoas em relação a este termo traz resquícios dessa história de utilização da palavra, de forma que, até mesmo para compreendermos o viés deste trabalho, é interessante passarmos, mesmo que brevemente, por ela.

A palavra cultura, desde sua origem, já assumiu variados significados e sentidos e, ainda hoje, agasalha diferentes significados, dependendo do contexto em que está inserida ou até mesmo na concepção pessoal de cada um.

De acordo com o texto “Cultura e Democracia” (2008), escrito por Marilena Chaui (1941), escritora e filósofa brasileira, “Cultura” vem do verbo latino *colere*, que significa o cuidado e cultivo, daí a palavra agricultura, que significa o cuidado com a terra.

Esse sentido da palavra cultura foi se perdendo ao longo da história ocidental, até reaparecer no século XVIII, no Iluminismo, porém agora como sinônimo de civilização.

O termo civilização – aqui, ainda com referência ao texto de Chaui, mas também com base no que é trazido por outros autores para alimentar a discussão a respeito do conceito de cultura – deriva da ideia de vida civil. Durante o Iluminismo, a cultura passou a ser um instrumento de avaliação do grau civilizatório de uma sociedade, abarcando com ela um conjunto de práticas (artes, ciências, técnicas, filosofia, entre outras) que permitiam avaliar e hierarquizar cada sociedade, segundo um critério evolutivo. Logo, o termo cultura passa a ser sinônimo de progresso.

Conforme Chaui (2008), já no século XIX, juntamente com o surgimento da antropologia, os antropólogos, associando o termo cultura a progresso, estabeleceram um padrão para medir o grau de “evolução” de uma cultura, e esse modelo foi o da Europa capitalista. Ou seja, a presença ou não de alguns aspectos como o mercado,

o estado e a escrita, nos moldes europeus, eram determinantes na avaliação de um povo como provido de cultura ou não. Todas as sociedades que divergissem desse modelo eram tidas como “culturas primitivas”.

Ainda segundo a autora, apenas na segunda metade do século XX os antropólogos europeus incorporaram ao sentido da palavra cultura a capacidade humana de se relacionar com o que está ausente, ou seja, a capacidade simbólica que os seres humanos possuem e que implica na criação da linguagem, religião, sexualidade, instrumentos e formas de trabalho, formas de habitação, vestuário, culinária, formas de lazer, música, dança, teatro, sistemas de relações sociais, relações de poder, noção de vida e morte, etc. Tudo isso levando em consideração a história de cada povo e, conseqüentemente, sua individualidade. Esta é a forma que a antropologia define cultura até hoje e é também o sentido mais enraizado da palavra no imaginário da maior parcela da população.

Todos os autores a que recorri, inclusive, tecem considerações nesse mesmo sentido; entretanto, a autora Isaura Botelho (2001) faz menção à dimensão antropológica de cultura, para fazer frente à dimensão sociológica, sendo esta segunda o âmbito *especializado/ organizado/ sistematizado*, ao qual daremos mais atenção, por se tratar do âmbito das Políticas Culturais.

O autor Teixeira Coelho (2008) também se utiliza do termo *habitus*, conceito de Pierre Bourdieu (1930–2002), para fazer frente ao que ele nomeará como obra de cultura, estando o termo *habitus* alinhado com a definição de cultura na antropologia – note que utilizo o termo “definição” propositalmente, pois, de acordo com o próprio Teixeira Coelho, no campo de estudos das Políticas Culturais, a intenção não é definir o conceito de cultura, mas atentarmos às ações culturais.

Retornando à contextualização trazida pelo texto de Chauí, é dito que esse conceito de cultura tão abrangente acaba também por cair em desuso com o surgimento das sociedades modernas, que, dentro do regime capitalista, segregam a população, substituindo a ideia de comunidade e valorizando a individualidade. Sendo assim, com a sociedade de classes passa a acontecer a divisão cultural, dividindo a ideia de cultura comunitária, que seria uma cultura que identificaria um povo a partir de aspectos comuns daquela comunidade, e dando lugar às culturas que dentro da mesma sociedade sejam próprias de cada classe social, como por exemplo as divisões entre cultura letrada e cultura popular, cultura de elite ou popular, dominada

e dominante, entre várias outras nomenclaturas que explicitam a luta de classes dentro da sociedade capitalista.

Como já explanado, o conceito de cultura ainda se encontra em constante transformação e ter uma breve noção de como sua utilização variou na história recente é de extrema importância para a reflexão sobre a visão que consideraremos como mais apropriada neste trabalho, que está situado no âmbito das políticas culturais.

A noção de cultura dentro das políticas culturais, por se tratar de um setor social, não pode ser tão abrangente como o utilizado nos estudos antropológicos. Também não pode ser excludente como o entendimento de cultura utilizado pelos Iluministas, movimento que nos trouxe o termo “culto”, que adjectiva o indivíduo provido de cultura, na qualidade de grande conhecedor das ciências e das artes eruditas, os mesmos que aproximavam os significados de cultura e civilização.

Para a parcela de pensadores contemporâneos a que recorri na elaboração deste trabalho, cultura, dentro do contexto das Políticas Culturais, é vista como um instrumento a serviço do desenvolvimento humano, a serviço da “ampliação da esfera de presença do ser humano”, como escreveu Teixeira Coelho em seu livro *A Cultura e seu contrário* (2008).

Neste livro, o autor se utiliza de muitas comparações, metáforas e pensamentos de outros estudiosos para alcançar uma profunda e sólida conceituação do termo em questão, mas aqui é possível apenas explaná-lo de forma concisa.

Sendo assim, considero importante refletirmos sobre o que significa “ampliar a esfera de presença do ser humano” (COELHO, 2008, p.31), sobre o que ajuda o ser humano a se desenvolver enquanto humano; o que amplia nossa perspectiva acerca da realidade que nos cerca, sobre nós mesmos, a sociedade, a existência...

Para que o ser humano se desenvolva nesse sentido, é necessário que ele se reorganize constantemente a cada nova descoberta, pois a cada novo conhecimento, cada vez que olhamos o mundo por uma perspectiva diferente, necessitamos de nos reorganizarmos por completo.

Penso que a forma como nossa cognição processa informações seja através de símbolos e são estas expressões simbólicas que são a cultura, a ferramenta que utilizamos para alcançar esse desenvolvimento, pois somos seres culturais.

Isso não significa que as obras culturais devam ser de alta complexidade; de acordo com Teixeira Coelho, na maioria das vezes uma obra cultural é facilmente diferenciada do *habitus*, que de fato é contrário à cultura, devido a seu carácter

propositalmente engessador. As grandes instituições mantedoras da ordem, da hierarquia e do macro sistema econômico e político são exemplos de *habitus*. A maioria das religiões, as leis...

Para que haja uma maior aproximação dos pesquisadores do campo das Políticas Culturais com os quais dialogo neste trabalho, trago a seguir alguns outros conceitos que são debatidos por estudiosos do tema hoje em dia; são eles os conceitos de “ação cultural” e “cultura como ação”. Conheci-os através do autor Newton Cunha (2010) e através do *Dicionário Crítico de Política Cultural* de Teixeira Coelho (1997), que possuem uma visão sobre o tema na qual pauto este trabalho.

Assim como mencionei anteriormente, para Teixeira Coelho, no campo de estudos das Políticas Culturais, a intenção não é definir o conceito de cultura, mas atentarmos às ações culturais. Sendo assim, optei pela utilização desses dois conceitos, “cultura como ação” e “ação cultural”, para que permeassem minhas reflexões.

1.2. Cultura como Ação

No subcapítulo anterior abordei apenas o sentido antropológico da palavra cultura, que é, em minha visão pessoal e na dos pesquisadores referenciados neste trabalho, demasiado abrangente quando tratamos de políticas culturais, pois uma política cultural que se baseasse na antropologia seria responsável por absolutamente todas as esferas sociais.

Entrando novamente em uma camada histórica, desta vez em relação às políticas de cultura no Brasil, no primeiro capítulo do livro *Políticas Culturais no Brasil*, escrito por Albino Rubim (2007), tal pesquisador traz parte dessa história, juntamente com reflexões a respeito. De acordo com o autor, após um grande período de tempo sem nem sequer haver políticas de cultura em nosso país (*caráter tardio/ausência*), passando por dois governos ditatoriais (*autoritarismo*) e uma confusa retomada do regime democrático (*instabilidade*), Gilberto Gil assume o Ministério da Cultura no ano de 2002.

Uma das ênfases de Gilberto Gil, de acordo com seus discursos programáticos, é a adoção de um conceito de cultura mais amplo, dito por ele próprio “antropológico”. Atitude esta que traz muitos benefícios para as políticas de cultura no país, como por

exemplo a atenção à diversidade das culturas, mas que é *talvez excessivamente ampliada*, de acordo com as palavras de Albino Rubim (2007, p. 30).

Estas “três tristes tradições” supracitadas (*ausência, autoritarismo e instabilidade*) serão abordadas com um pouco mais de atenção posteriormente neste trabalho, assim como os impactos das ações de Gilberto Gil nas políticas de cultura no Brasil, mas agora retornaremos à discussão acerca do entendimento de cultura adotado como o mais ideal no âmbito das políticas culturais até os meus presentes estudos pessoais.

As políticas culturais se voltam hoje em dia para um entendimento de cultura “especializado”, que está relacionado com meios específicos de expressão e seus respectivos públicos. Ou seja, de acordo com as palavras de Teixeira Coelho (1997, p. 103) em seu livro *Dicionário Crítico de Política Cultural*, as políticas culturais possuem um entendimento de cultura enquanto “um sistema de significações ligados à representação simbólica das condições de existência. Em outras palavras, é objeto da política cultural a cultura que produz efeitos de discurso [...]”. E, posso ainda acrescentar, a cultura que *amplia a esfera de presença do ser*, de acordo com Montesquieu (1689-1775), referenciado também por Teixeira Coelho. Ou ainda:

[...] a cultura em sua condição de instrumento para o desenvolvimento humano (o que é outro modo de dizer que o ponto de vista adotado é o da política cultural, que busca com a cultura modificar o mundo, e não o dos estudos distantes da cultura, como se é comum na antropologia e na sociologia, interessados apenas em entender a cultura). (COELHO, 2008, p. 12–13).

Deparei-me pela primeira vez com os questionamentos apresentados a seguir no livro *A Cultura e Seu Contrário*, de Teixeira Coelho, no qual ele aponta as problemáticas mais comuns nas políticas culturais, que estão diretamente relacionadas com o deslocamento do conceito de “Cultura” de outras áreas, que não este específico. Ele também levanta o que seriam as “soluções” para esses problemas conceituais, que são, algumas delas, o entendimento de “Cultura como Ação” e “Ação Cultural”.

Em relação à premissa de “Cultura como Ação”, a mesma faz frente e é apresentada pelo autor como uma solução conceitual a essa ideia de Cultura vinda da antropologia, que nesse contexto está fazendo frente à ideia de ação, mudança e transformação. Assim como dito anteriormente, esse caráter estático, de reforçar

hábitos e tradições, não é o viés considerado mais ideal pela parcela de estudiosos de políticas culturais em que me embasei.

Outro problema em relação aos antigos modelos de gestão cultural que o entendimento de “Cultura como Ação” ajuda-nos a solucionar é este modelo verticalizado de gerir a pasta da Cultura, que ainda é utilizado no município de Igarapava, por exemplo, pois ao depender da visão pessoal do suposto gestor cultural público, seus valores e imaginário acabam por prevalecer e serem impostos para toda uma população.

Uma fala que torna esta problemática mais palpável é a seguinte: “a cultura ariana é isto”, “a cultura burguesa é aquilo”, “a cultura operária é isso”, “a cultura brasileira é tal e somente tal”. (COELHO, 2008, p. 22).

Portanto, ao passarmos a entender a cultura enquanto ação e, conseqüentemente, priorizarmos a ideia de ação cultural, em se tratando das políticas culturais, iremos nos deparar com etapas de um sistema de gestão aberto a sofrer estas ações.

Este sistema que prioriza as ações culturais não poderá produzir uma única cultura, mas democratizará os recursos para que profissionais distintos produzam culturas. E estes profissionais do campo cultural, por sua vez, sofrerão eles próprios suas ações culturais, tendo em vista que as mesmas resultarão em processos não inteiramente previsíveis.

A partir da ideia de “Cultura como Ação”, integramos no termo a ideia de “poder ser”, o que, tratando-se de políticas culturais, é um movimento muito mais horizontal, pois a maneira de viabilizá-lo é através da *criação das condições para que as pessoas inventem seus próprios fins* (COELHO, 2008, p. 22), e não o equivocado oferecimento de apenas uma possibilidade, esperando que as pessoas com ela se adequem.

Sendo assim, entendo que os conceitos de “Cultura como Ação” e ação cultural estão relacionados, pois, para que uma política cultural que se pautar na ação cultural aconteça, ela tem que possuir um entendimento de cultura como ação.

Identificando-me com essas conceituações, trago-as para toda a base e fundamentação deste trabalho de conclusão de curso e utilizo-as também como ponto de partida. Elas também permearão todas as ações referentes ao levantamento de campo – elaboração do formulário, entrevistas e até mesmo minha análise perante tais entrevistas.

1.3. Ação Cultural e Agentes Culturais

Quando adotamos o entendimento de Cultura como Ação, logicamente pensaremos em uma política cultural voltada para ações culturais. A ação cultural, de acordo com o *Dicionário Crítico de Política Cultural* de Teixeira Coelho, consiste em um

Conjunto de procedimentos, envolvendo recursos humanos e materiais, que visam pôr em prática os objetivos de uma determinada política cultural. Para efetivar-se a ação cultural recorre a agentes previamente preparados e leva em conta públicos determinados, procurando fazer uma ponte entre esse público e uma obra de cultura ou arte. (COELHO, 1997, p. 31).

A partir disso podemos chegar à conclusão de que cada agente cultural irá agir junto às ações culturais que estão relacionadas ao próprio agente, e este atrairá um público que irá se relacionar de fato com aquela ação. Sendo assim, o agente cultural é nada mais, nada menos, do que a pessoa que irá aproximar as ações de uma política cultural de profissionais do campo cultural, ou a obra de cultura ou arte de seu público, por isso a importância de o mesmo estar familiarizado com o contexto no qual ocorrerá a ação cultural em si.

Ao longo desse subcapítulo optei por utilizar os termos “obra de cultura” e “obra de arte”, assim como o autor Teixeira Coelho utiliza em seus livros, mas isso não significa que ambos sejam sinônimos. É importante lembrarmos que a cultura é mais ampla que a arte, embora esta não seja uma discussão que discorrerei ao longo do trabalho.

Tendo isso em mente e retomando a elaboração do termo “ação cultural”, devemos nos atentar também que ela não necessariamente visa à apresentação de uma obra finalizada de cultura ou arte, mas pode visar os processos de criação, produção, distribuição, troca e uso.

Por exemplo, em Igarapava existem grupos tradicionais de Folias de Reis e, para que algo seja proposto para eles, é necessário que haja uma aproximação com eles. Estas pessoas podem ter o desejo de se apresentarem fora de seu município, podem ter o desejo de criar um festival ou podem ter o desejo de se inscreverem em algum edital público de financiamento às suas atividades atuais e não terem o conhecimento necessário desses meios. Em qualquer uma das circunstâncias, a aproximação do agente cultural com os grupos é necessária para que seja proposta

uma ação cultural voltada para eles, assim como o conhecimento das etapas para sua realização.

Por esses motivos, entende-se que o real papel do Estado enquanto criador de suas políticas culturais não deve ser confundido com o papel de produtor cultural, pois os órgãos públicos nunca irão possuir essa real aproximação de todas as realidades, sendo capazes de atender eficientemente a toda diversidade que existe. Quando esses papéis são confundidos, acabamos nos deparando com políticas verticalizadas, impositivas e nada democráticas.

Conclui-se, portanto, mais uma vez, que o Estado deve garantir o direito à cultura a partir de ações que garantam essa autonomia aos agentes culturais, o acesso aos seus meios e condições de produção e difusão.

Antes de passarmos ao próximo subcapítulo, que explanará sobre o tema “Política Cultural” e que certamente contribuirá para o melhor entendimento acerca das ações culturais, considero de grande importância levantarmos mais uma característica da ação cultural, que é o fato de ela não possuir um fim determinado nem mesmo para seu próprio agente: “O próprio agente cultural, de resto, submete-se ao processo por ele mesmo desencadeado, sofrendo ele também a ação cultural resultante.” (COELHO, 1997, p. 31.)

Essa é uma característica fundamental para entendermos melhor no que consiste a ideia de ação cultural alinhada com este trabalho. Até então passamos pela etimologia da palavra cultura e pelo conceito de cultura dentro do campo de estudos especializados das políticas culturais, que se trata dessa ferramenta a serviço da *ampliação da esfera do ser humano* (COELHO, 2008) e que traz a ideia de ação consigo (muito mais que uma definição, um direito, uma ferramenta com potencial transformador); pela exposição de ideias sobre as ações culturais, que fazem parte de um conjunto de ações (não são ações isoladas) e que possuem objetivos/metapas; e pelo entendimento das atuações realizadas pelos agentes de cultura, que resumidamente atuam aproximando essas políticas culturais dos profissionais de cultura e as obras de cultura de seus públicos.

A partir deste último parágrafo, no qual resumi a linha de raciocínio que tracei até o presente momento, já é possível desenhar e delimitar melhor a visão de políticas de cultura defendida pelos pesquisadores em que me embasei e opto por utilizar neste texto. Certamente este trabalho de conclusão de curso não poderá abranger todo esse campo de estudos, mas, para que o objetivo de compreender melhor o campo cultural

em Igarapava/SP seja atingido, e para que ocorra a identificação dos problemas que impedem seu desenvolvimento, é fundamental que alinhavemos minimamente esses conceitos básicos referentes a essa esfera da sociedade.

1.4. Considerações sobre Política Cultural

Como o termo “Política Cultural” é formado por duas palavras, entendamos primeiramente o significado de Política, que, de acordo com o *Dicionário Online de Português*, significa “Direção de um Estado e determinação das formas de sua organização” e “Conjunto dos negócios de Estado, maneira de os conduzir”.

Logo, uma Política Cultural é a forma que o Governo tem de conduzir a área Cultural em um âmbito público. Ela se concretizará em um conjunto de ações previamente planejadas e viabilizadas pelos órgãos responsáveis por assegurar o direito à Cultura em nosso país. Em relação a isso, é válido recorrermos ao texto da Constituição Brasileira que se refere à cultura:

O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais. (*Constituição Federal* (1988), Título VIII, Capítulo III, Seção II – Da Cultura, Art. 215).

Atentemo-nos ao trecho da constituição acima, em que a cultura é referida como um direito, ou melhor, um conjunto de direitos, o que significa que é desta forma que a cultura deve ser entendida perante a formulação das políticas públicas de cultura.

Ainda hoje não há um consenso sobre quais são esses direitos culturais especificamente, até mesmo porque o conceito de cultura é entendido de maneiras tão diversas, dependendo de cada contexto. Ainda assim os direitos culturais são mencionados em diversas leis federais, como por exemplo, a Lei nº. 13.018, de 22 de julho de 2014 e a Lei nº. 8.313, de 23 de dezembro de 1991, que trazem, dentre outros tópicos, os seguintes:

- Contribuir para facilitar, a todos, os meios para o livre acesso às fontes da cultura e o pleno exercício dos direitos culturais; (art. 1º., I da lei 8.313/91)

- apoiar, valorizar e difundir o conjunto das manifestações culturais e seus respectivos criadores; (art. 1º., III da lei 8.313/91)
- estimular a produção e difusão de bens culturais de valor universal, formadores e informadores de conhecimento, cultura e memória; (art. 1º., VIII da lei 8.313/91)
- garantir o pleno exercício dos direitos culturais aos cidadãos brasileiros, dispondo-lhes os meios e insumos necessários para produzir, registrar, gerir e difundir iniciativas culturais; (art. 2º., I da lei 13018/14)
- estimular o protagonismo social na elaboração e na gestão das políticas públicas da cultura; (art. 2º., II da lei 13018/14)
- promover uma gestão pública compartilhada e participativa, amparada em mecanismos democráticos de diálogo com a sociedade civil; (art. 2º., III da lei 13018/14)

Para além desse entendimento, considero importante trazer para este subcapítulo considerações sobre políticas culturais relacionadas à bibliografia especializada na área, que dialoga com o restante do trabalho. Para isso, trago a seguir um trecho do antropólogo argentino Néstor Canclini, referenciado por Albino Rubim ao longo do primeiro capítulo do livro *Políticas Culturais no Brasil*, no qual traz sua definição de políticas culturais.

Los estudios recientes tienden a incluir bajo este concepto al conjunto de intervenciones realizadas por el estado, las instituciones civiles y los grupos comunitarios organizados a fin de orientar el desarrollo simbólico, satisfacer las necesidades culturales de la población y obtener consenso para un tipo de orden o transformación social. Pero esta manera de caracterizar el ámbito de las políticas culturales necesita ser ampliada teniendo en cuenta el carácter transnacional de los procesos simbólicos y materiales en la actualidad. (CANCLINI, 2005, p. 78 *apud* RUBIM, 2007, p. 13).

Sendo assim, as características de uma política cultural levantadas por Canclini, e que gostaria de destacar, são: o fato de poderem ser realizadas não apenas pelo estado, mas por organizações comunitárias; seu caráter de continuidade – ou seja, um conjunto de ações organizadas/ interligadas e com metas determinadas – e de ser uma ferramenta a serviço do desenvolvimento humano, trazida por ele como transformação social.

Para conseguirmos entender melhor esse caráter de continuidade, optei por trazer também o que seria o oposto de uma política cultural devido a essa falha, a chamada de “Política Evento”. (COELHO, 1997).

De acordo com o *Dicionário Crítico de Política Cultural*, o termo de política de evento serve

[...] para designar o exato oposto de uma política cultural: designa um conjunto de programas isolados – que não configuram um sistema, não se ligam necessariamente a programas anteriores nem lançam pontes necessárias para programas futuros – constituídos por eventos soltos uns em relação aos outros. É exemplo de uma política de eventos a organização ou o apoio a shows musicais, mostras de teatro ou cinema, realização isolada de filmes ou concertos. Um concerto isolado, caracterizado pela execução de peças a que os espectadores assistem como num espetáculo comercial convencional [...] (COELHO, 1997, p. 299).

Muito das políticas de cultura em Igarapava vão ao encontro desta definição de política de evento, como veremos nas análises das entrevistas mais à frente, mas, de acordo com o viés defendido nesse trabalho, as políticas de cultura devem priorizar o desenvolvimento do setor cultural, garantindo o direito à cultura da população, ou seja, viabilizando a produção, distribuição e consumo de cultura, além de preservar e divulgar o patrimônio histórico.

Ou seja, as Políticas Culturais estão preocupadas com a “criação das condições para que as pessoas inventem seus próprios fins” (COELHO, 1997, p. 11) para produzirem, distribuírem produtos culturais etc., e não em assumir o papel de produtor cultural propriamente dito por parte do Estado.

Como dito anteriormente, essa visão de política cultural está muito associada com o conceito de cultura utilizado por mim nesta pesquisa, e também com os conceitos de “Ação Cultural” e “Cultura como Ação”, desdobrados previamente. Portanto, nesse ponto do trabalho já conseguimos refletir minimamente sobre o que já vivenciamos no campo cultural ativamente ou não, a partir dessa perspectiva.

Assim como foi dito anteriormente, este primeiro capítulo do trabalho elenca apenas reflexões-base próprias dessa esfera social, para que a escolha e elaboração dos procedimentos metodológicos sejam mais assertivas.

Sendo assim, considero enriquecedor trazer para este subcapítulo uma breve contextualização e reflexão do autor Albino Rubim. Ele descreve um processo

histórico que ocorreu em relação às políticas de cultura no Brasil como “três tristes tradições” (RUBIM, 2007), que são a ausência, o autoritarismo e a instabilidade.

Ausência, pois voltou às origens brasileiras e encontrou um Brasil Colônia que negava as culturas indígenas, que impunha um modelo europeu à população e dificultava a difusão da educação e literatura. (Certamente o caráter excludente da gestão colonial sob a cultura brasileira não caracteriza de fato uma ausência de política, mas utilizarei da terminologia com o mesmo sentido trago pelo autor Albino Rubim.) Autoritarismo, pois foi um campo imensamente afetado pelos governos ditatoriais no Brasil, que investiram neste a fim de instrumentalizá-lo a seu favor, criando uma “cultura nacional”, censurando, exilando e abrindo mão de grandes conquistas feitas anteriormente. E por fim, instabilidade, que se iniciou com a recuperação da democracia, passando por vários mandatos presidenciais e diversos gestores culturais que não davam continuidade nas ações realizadas pelas gestões passadas. Dentre essas gestões também se elegeram governos neoliberais que mercantilizaram a cultura, dando o cargo de produção cultural à grandes empresas nacionais através das famosas leis de isenção fiscal, entre muitos outros acontecimentos que marcaram a história das políticas culturais no Brasil.

O foco principal deste texto não é histórico, mas é importante termos a noção de que as políticas culturais em Igarapava são como são hoje em dia devido a todos esses processos.

Quando se trata da esfera Federal, desde o processo de impeachment sofrido pela presidenta Dilma Rousseff (2016) o país vem sofrendo uma crise em relação ao regime democrático. E, assim como já foi explanado neste trabalho, o setor cultural possui especificidades que demandam uma forma de gestão amparada nas bases da democracia.

A partir da leitura de um artigo sobre um fórum do Pensamento Estratégico – Penses Unicamp, realizado em abril de 2017, o gestor cultural e ex-secretário do extinto Ministério da Cultura – Minc, Guilherme Varella (*apaud* CRUZ, 2017) realizou uma fala sobre esta questão: “É da característica de quem produz arte de arriscar e experimentar, de ser contradiscursivo, e exige um ambiente democrático que comporte isso.”

Desde o período supracitado, é sabido que nosso país sofre com a polarização política, com a descredibilização dos principais canais de informação e com uma crise democrática, diretamente proporcional à crise econômica, e todos esses fatores estão

relacionados com o tratamento que as políticas públicas de cultura recebem hoje em todas as instâncias — federal, estadual e municipal.

Nesse mesmo fórum, proporcionado pela Universidade de Campinas, no qual o centro das discussões foi o desmonte das políticas culturais, que é um debate que só ganhou proporções mais elevadas na atualidade (2021), Adriana Nunes Ferreira (*apud* Cruz, 2017), coordenadora do fórum na ocasião, enfatizou o fato de a cultura ser potencialmente uma das primeiras (senão a primeira) áreas a serem atingidas durante crises como estas, pois, de acordo com suas próprias palavras, “É na cultura que residem poderosas possibilidades de questões de resistência”.

Pessoalmente, e concordando com uma fala de Varella, acredito que a cultura necessita de ser tratada como um direito constitucional urgentemente, pois, enquanto isso não acontecer, o desmonte deste setor continuará acontecendo diante de nossos olhos.

Um exemplo que obteve grande repercussão na atualidade, por exemplo, é a reforma da conhecida lei de incentivo à cultura, Lei Rouanet, que diminuiu o valor do teto de propostas feitas por profissionais da cultura de R\$ 60 milhões para R\$ 1 milhão. De acordo com as últimas notícias do jornal Folha de São Paulo (10 de agosto de 2021), “O projeto da reforma do Imposto de Renda, incluído na grande reforma tributária do ministro Paulo Guedes, deve gerar uma queda progressiva no montante que as empresas podem destinar à Rouanet —16,7% a menos em 2022 e 50% a menos em 2023, em relação aos valores atuais”. (PERASSOLO, 2021).

Certamente, situações que ocorrem na esfera federal atingirão a municipal, ou seja, para além de os problemas característicos de municípios semelhantes a Igarapava, devemos lembrar que estas cidades também são afetadas por um sistema muito maior.

No próximo subcapítulo, explanarei breve e objetivamente sobre o funcionamento do Sistema Nacional de Cultura, que foi criado para solucionar alguns desses problemas trazidos por essas três tristes tradições e que também contribui para essa visão sistemática do setor cultural.

1.5. Sistema Nacional de Cultura

Assim como já foi dito anteriormente, o setor cultural por muito tempo não foi visto como prioridade no Brasil. Ou seja, a visão que se possuía de cultura era diferente da apresentada neste trabalho. Aqui, para além de todos os adjetivos usados até então, admitimos a tridimensionalidade da cultura, sendo estas dimensões a dimensão simbólica, a cidadã e a econômica (maneira de tratar a cultura de acordo com o Sistema Nacional de Cultura – SNC).

De acordo com sites governamentais (o próprio site do SNC, dentre outros), o Sistema Nacional de Cultura foi citado pela primeira vez na história do Brasil no ano de 1968, mas teve sua inserção na Constituição Brasileira apenas em 2012, por meio da Emenda Constitucional nº. 71, acrescida no artigo 216-A.

Com a criação do Sistema Nacional de Cultura, Plano Nacional de Cultura e Conferência Nacional de Cultura, pretendia-se organizar, institucionalizar e democratizar a cultura em nosso país, através da capacitação de profissionais da área, diálogo com a sociedade civil, criação de um fundo com verbas destinadas especificamente para a Cultura e cooperação entre as instâncias federal, estadual e municipal. Ou seja, uma política cultural que visa a continuidade, o desenvolvimento do setor cultural e a descentralização dos recursos, que antes se concentravam apenas em algumas capitais.

O Art. 216-A da Emenda Constitucional nº. 71, de 29 de novembro de 2012, sintetiza esse conceito:

Art. 216-A O Sistema Nacional de Cultura, organizado em regime de colaboração, de forma descentralizada e participativa, institui um processo de gestão e promoção conjunta de políticas públicas de cultura, democráticas e permanentes, pactuadas entre os entes da federação e a sociedade, tendo por objetivo promover o desenvolvimento – humano, social e econômico – com pleno exercício dos direitos culturais.

É possível afirmar que o SNC foi criado como uma tentativa para solucionar alguns problemas trazidos pelas três tristes tradições (RUBIM, 2007) mencionadas anteriormente. A preocupação com a descentralização e democratização de recursos faz frente diretamente com o problema do autoritarismo, assim como a obrigatoriedade da existência de um Conselho Nacional de Cultura (CNC), e, para fazer frente à instabilidade e ausência, por exemplo, há a obrigatoriedade da existência de um Plano Nacional de Cultura (PNC). Lembrando que, correspondentemente aos órgãos nacionais, cada município e estado que ingressa no

SNC deve criar suas próprias instituições correspondentes, como, por exemplo, um Plano Municipal de Cultura, o Conselho Municipal de Política Cultural, e assim por diante.

Nesta pesquisa não me aprofundei nos procedimentos para a adesão do Sistema Municipal de Cultura, mas, através de uma básica pesquisa nos sites governamentais e cartilhas que foram distribuídas gratuitamente para os municípios e estados brasileiros no momento de implementação do SNC, que também estão disponíveis na internet, levantei algumas informações.

Para que um município ou estado integre o Sistema Nacional de Cultura, é necessário que faça sua inscrição de forma virtual, envie os documentos necessários e assine um termo de responsabilidade mútua do Ente com a Federação. Este é um documento que estabelece compromissos para ambas as partes e auxilia no desenvolvimento do SNC (Sistema Nacional de Cultura) e no sistema de cultura local.

O principal compromisso assumido no Acordo de Cooperação é o de criar, coordenar e desenvolver o sistema estadual ou municipal de cultura e seus componentes. Para que fique mais compreensível, listarei abaixo os nove componentes de qualquer sistema de cultura (nacional, estadual ou municipal):

- I – órgãos gestores da cultura;
- II – conselhos de política cultural;
- III – conferências de cultura;
- IV – comissões intergestores;
- V – planos de cultura;
- VI – sistemas de financiamento à cultura;
- VII – sistemas de informações e indicadores culturais;
- VIII – programas de formação na área da cultura; e
- IX – sistemas setoriais de cultura. (PERGUNTAS Frequentes, [20--]).

Após a adesão, que é o primeiro passo para integrar o SNC, existem mais dois passos: a institucionalização, que é quando os componentes da lista acima serão criados, e a implementação, que já é o pleno funcionamento do SNC, o que significa a possibilidade de transferências de recursos de fundo para fundo.

Para que ocorra uma real descentralização de recursos, foi criado o programa Procultura, que obriga o repasse de no mínimo 30% do Fundo Nacional de Cultura

para fundos estaduais e municipais de cultura, desde que esses entes federados possuam conselho de política cultural, plano de cultura e fundo de cultura.

O ingresso no Sistema Nacional de Cultura é uma ação básica para se desenvolver a cultura de um local e o município de Igarapava ainda não tomou as providências necessárias para concretizar tal ato, o que já diz algo sobre as gestões que passaram pelo município até então (setembro de 2021), e seu tratamento para com o setor cultural.

Para nos localizarmos melhor, lembremos que Igarapava está situada no estado de São Paulo, um dos estados que mais investem em cultura no Brasil e que fatalmente aderiu ao SNC, implementando o Sistema Estadual de Cultura no dia 6 de setembro de 2013.

Neste capítulo pudemos entender um pouco melhor – porém ainda superficialmente, por ser caracteristicamente complexo – o campo cultural no Brasil, um pouco de historicidade, legislação e a forma que vem sendo gerido. Ainda que brevemente, adentramos problematizações diretamente ligadas à gestão do campo cultural em Igarapava e, para explaná-las um pouco melhor, passarei ao segundo capítulo deste trabalho, que abordará questões mais específicas sobre o município de Igarapava/SP.

CAPÍTULO 2 – IGARAPAVA = PORTO DAS CANOAS

2.1. Igarapava = Porto das Canoas

O nome de minha cidade natal, Igarapava, significa “porto das canoas”, na língua indígena tupi-guarani (IGARA: Canoa, PAVA: porto). A cidade recebeu esse nome porque de fato foi um porto de canoas na época em que os bandeirantes paravam na região para descansar (por volta do ano 1720).

Igarapava possui uma ótima localização geográfica, devido à proximidade de bons centros comerciais paulistas (Ribeirão Preto e Franca), por fazer fronteira com o estado de Minas Gerais e por estar nas margens do Rio Grande. Ainda assim, não se tornou um grande centro comercial, mas possui como principal atividade econômica o agronegócio, mais especificamente o cultivo de cana-de-açúcar, que, apesar de movimentar uma grande quantia de dinheiro, não o distribui entre a população, concentrando-se nas mãos de poucos.

Outro importante polo econômico da cidade é a Usina Hidrelétrica de Igarapava, que foi um grande marco para a geração de energia no Brasil, devido a seu pioneirismo tecnológico.

Nas últimas apurações do IBGE, realizadas em anos distintos, foram registrados os seguintes dados em relação a Igarapava:

- População estimada (2020): 30.614 pessoas
- Área Territorial (2019): 468,355 km²
- IDHM (Índice de desenvolvimento humano municipal - 2010): 0,768
- PIB per capita (2017): 35.787,31
- Escolarização (de 6 a 14 anos - 2010): 97,8%
- Mortalidade Infantil (2016): 6,71 óbitos por mil nascidos vivos
- Expectativa de vida (2010): 70,89 anos

Em minha visão pessoal, a cidade de Igarapava possui condições naturais que a favorecem em diversos campos, embora não sejam totalmente aproveitadas. Mas, para além de suas riquezas naturais, este trabalho está preocupado com sua

produção cultural, que agregaria não só para a bagagem simbólica da população (o que não é pouco), mas também economicamente.

Um dos objetivos deste trabalho é justamente contribuir para o cenário cultural local, tendo em vista que simples ações como realizar entrevistas com os ex-gestores culturais, abrir um diálogo colaborativo com o departamento de cultura de Igarapava e divulgar um formulário destinado a profissionais do campo cultural em Igarapava já movimentarão esse setor, lançando luzes sobre ele.

Pessoalmente, um dos motivos pelos quais escolhi o município de Igarapava/SP como objeto de estudo foi o desejo de estreitar laços com minhas raízes, pois, apesar de nascida e criada nesta cidade, não conseguia identificar qual parte dela levo comigo, qual parte dela é minha identidade. Hoje, após dois anos redigindo/pensando este trabalho e vivenciando o dia a dia de Igarapava durante a pandemia, essas questões que eram inconscientes no início deste processo emergem para a consciência e tudo que passa pela minha cabeça neste momento é “como cultura tem tudo a ver com identidade”.

Embora minha relação afetiva e aspirações pessoais para com minha cidade natal não sejam o foco deste trabalho, gostaria de compartilhá-las aqui, pois afinal este é um trabalho de conclusão de um curso superior de Teatro e representa para mim a conclusão de um ciclo.

Durante quatro anos e alguns meses residi na cidade de Uberlândia e me dediquei inteiramente ao curso de Teatro na UFU, onde realizei diversos trabalhos, participei ativamente e acredito que tenha contribuído artisticamente. Mas, ainda assim, para a finalização deste ciclo, optei por regressar a Igarapava, cidade na qual passei a maior parte de minha vida, mas que não colheu os frutos dos novos conhecimentos que desenvolvi na universidade.

O tema que optei por desenvolver neste trabalho nem sequer se aproxima da realidade que vivi em minha graduação, mas acredito que representa a maior contribuição que posso realizar para com Igarapava/SP.

Sendo assim, após me aproximar um pouco deste campo de estudos específicos, iniciei a segunda etapa do trabalho, que foram as pesquisas de campo, cadastrando profissionais da cultura residentes em Igarapava e alguns dados em relação às suas produções culturais.

2.2. Formulário on-line “Coleta de dados sobre agentes culturais de Igarapava/SP”: objetivos e análise

Ao longo da pesquisa teórica que realizei, percebi que seu âmbito está mais focado em compreender os estudos específicos das políticas de cultura, ou seja, o entendimento que este campo específico tem em relação a ele mesmo. Consequentemente, acabei me aproximando da visão da gestão do setor cultural em si, embora tenha sido frisada inúmeras vezes a importância das bases democráticas na gestão deste setor específico.

Ainda assim, minha leitura é sempre do ponto de vista da agente cultural que sou, logicamente. Ou seja, eu represento nesse sentido uma pessoa que é diretamente afetada pelas políticas de cultura, pois é no setor cultural que está minha fonte de renda.

Para além de meus motivos (embora não estritamente pessoais), também acredito que, para termos uma dimensão mais condizente com a realidade, é adequado que olhemos para as situações através dos pontos de vista de todos os envolvidos em determinada situação. Mas, como não seria possível me aproximar de todos os agentes culturais de Igarapava, até porque não conheço todos, entendi que, dado o tempo disponível para finalizar a pesquisa, o melhor a se fazer seria o lançamento e a divulgação de um formulário on-line que chegasse de maneira mais facilitada a esse público.

Sendo assim, optei por realizar a primeira etapa da pesquisa de campo deste trabalho com um cadastramento dos profissionais que trabalham com cultura na cidade de Igarapava.

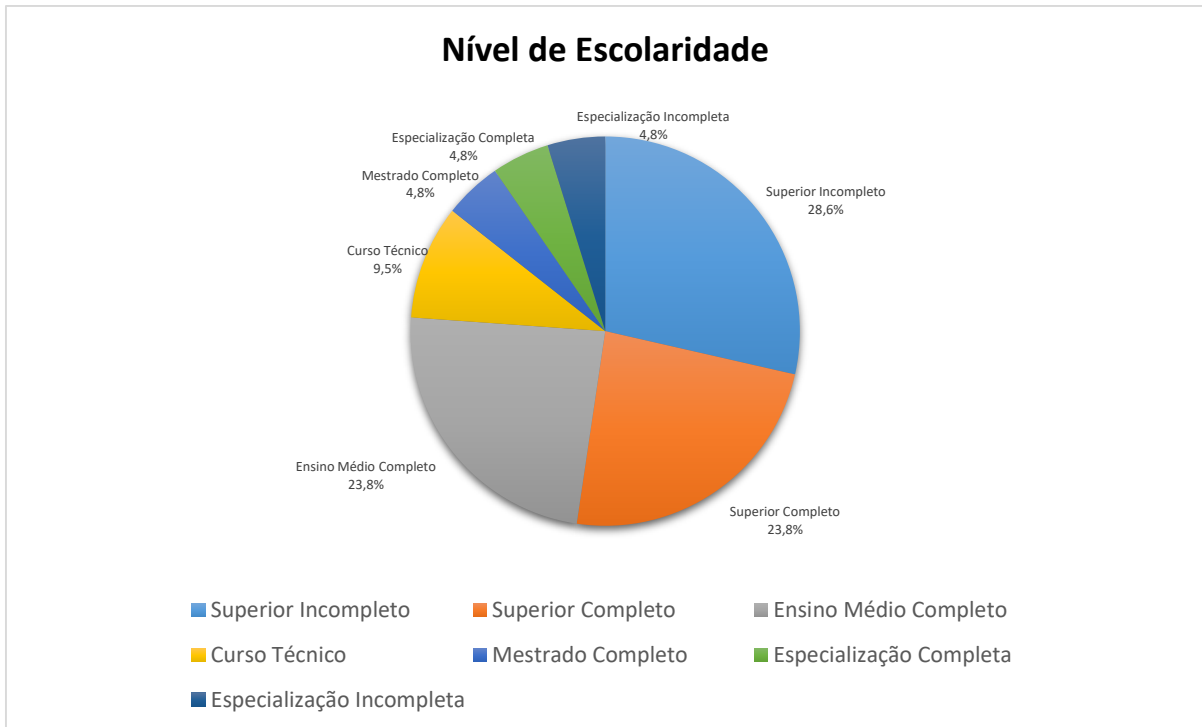
Primeiramente elaborei um “formulário Google” de perguntas, com a ajuda de meu orientador, Prof. Dr. Alexandre Molina, e, após chegar a uma versão por nós considerada satisfatória, entrei em contato com o Departamento de Cultura de Igarapava, visando formar uma parceria na obtenção de informações e divulgação.

Em tal arranjo, acordamos de nos ajudarmos mutuamente, ele mediante o fornecimento de dados para a pesquisa e divulgação do formulário acima mencionado, e eu através do fornecimento das respostas obtidas. É importante salientar que o compartilhamento de tais respostas com o Departamento de Cultura de Igarapava foi informado aos agentes culturais no corpo do texto de apresentação do próprio formulário.

Além da divulgação nas redes sociais do Departamento de Cultura de Igarapava, a divulgação do formulário Google, nomeado “COLETA DE DADOS SOBRE AGENTES CULTURAIS DE IGARAPAVA/SP”, também foi realizada em minhas redes sociais.

O primeiro dado que gostaria de ressaltar é que obtive 21 respostas com o formulário, o que corresponde a 0,07% da população do município de Igarapava. Lembrando que o mesmo ficou aberto durante 37 dias para receber respostas.

A faixa etária das pessoas que responderam foi bem variada, sendo a idade da pessoa mais velha 65 anos e a da pessoa mais nova, 18 anos. Porém, em relação ao nível de escolaridade dos participantes da pesquisa, as respostas não variaram tanto, resultando em uma média bastante elevada, levando em consideração a realidade de nosso país. O nível de escolaridade mais baixo obtido com a pesquisa foi o “Ensino Médio Completo”, o que definitivamente chama a atenção por diversos fatores. Primeiramente porque a pessoa mais jovem que respondeu ao cadastramento possui 18 anos de idade e se enquadra justamente em uma faixa etária de conclusão do Ensino Médio, o que não significa necessariamente que uma das respostas “Ensino Médio Completo” é da mesma pessoa, sendo esta apenas uma suposição. Ainda assim posso deduzir que o formulário chegou apenas a uma camada da sociedade, pois o nível de escolaridade de uma pessoa pode ser um indicativo de classe social. Novamente, esta última questão que levantei não é algo que posso afirmar com certeza absoluta, mas não se trata de um número muito pequeno de pessoas, mas sim de 21 respostas e o fato é que todas essas 21 pessoas que responderam ao formulário possuem ao menos o Ensino Médio completo. Para podermos visualizar melhor o perfil destas pessoas, apresentarei um gráfico abaixo com todas as respostas desta pergunta em questão:

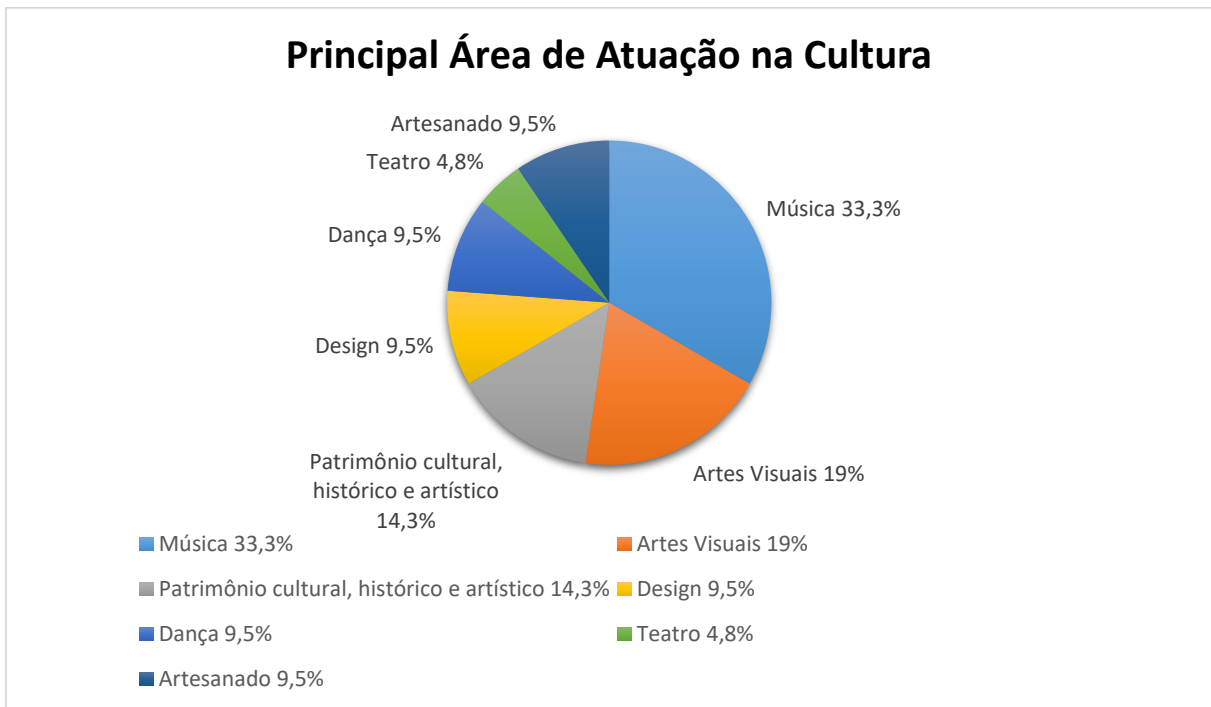


Ou seja, como não acho coerente presumir que as pessoas que trabalham com cultura em Igarapava/SP possuem majoritariamente uma classe social mais elevada, ou pelo menos um nível de escolaridade alto, considero que uma das falhas desta etapa da pesquisa foi justamente na divulgação do formulário, que não alcançou outros públicos.

Através dessa conclusão em relação à falha na divulgação do formulário, também é possível chegarmos à conclusão de que a média estimada de profissionais atuantes no campo cultural em Igarapava é superior a 0,07%.

Passando para um próximo ponto ao qual considero válido nos atentarmos, chamou-me a atenção a diversidade das áreas de atuação dentre as pessoas que responderam ao formulário. Sendo elas: as áreas de música; artes visuais; patrimônio cultural, histórico e artístico; artesanato; dança; design e teatro.

Abaixo listarei os resultados desta pergunta juntamente com os tópicos disponibilizados como possíveis respostas no próprio formulário, o qual continha também a opção “outro”. Farei isso, pois em uma outra pergunta mais à frente, na qual era pedido para que os participantes da pesquisa discorressem descritivamente sobre as ações culturais que realizaram na qualidade de participantes ou organizadores dentro do período de tempo de interesse da pesquisa (2009–2019), obtive respostas que integram outras áreas de atuação, ou seja, a diversidade é ainda maior, na realidade.



Na pergunta referente à descrição das ações culturais realizadas por eles – que consistiu exatamente na seguinte: “Ações Culturais realizadas por você: (este campo é destinado para a descrição das ações culturais nas quais participou ou promoveu no município de Igarapava entre 2009 e 2019)” –, obtive respostas que indicaram também as áreas de atuação “Cultura afro-brasileira”, “Culturas tradicionais e populares” e “Moda”, que não estava listada dentre as opções, mas poderia ser descrita na opção “Outro”.

Mais adiante no formulário foram realizadas perguntas referentes aos recursos utilizados para o desempenho das produções culturais realizadas por esses profissionais e, também, perguntas relacionadas aos ganhos financeiros que obtêm com essas produções. As respostas mostram que a maioria deles utilizam recursos próprios para executarem suas atividades; da mesma maneira, a maioria também não é remunerada e não obtêm nenhum tipo de renda com suas produções culturais. Ainda assim, existe uma minoria que alega receber anualmente, através de seu trabalho na área cultural, uma renda bastante superior ao salário mínimo.

A partir de tais resultados já podemos concluir que as políticas de cultura em Igarapava estão deixando de fornecer os recursos para que as pessoas atinjam seus próprios fins, que no caso seria o objetivo primeiro das políticas de cultura, de acordo

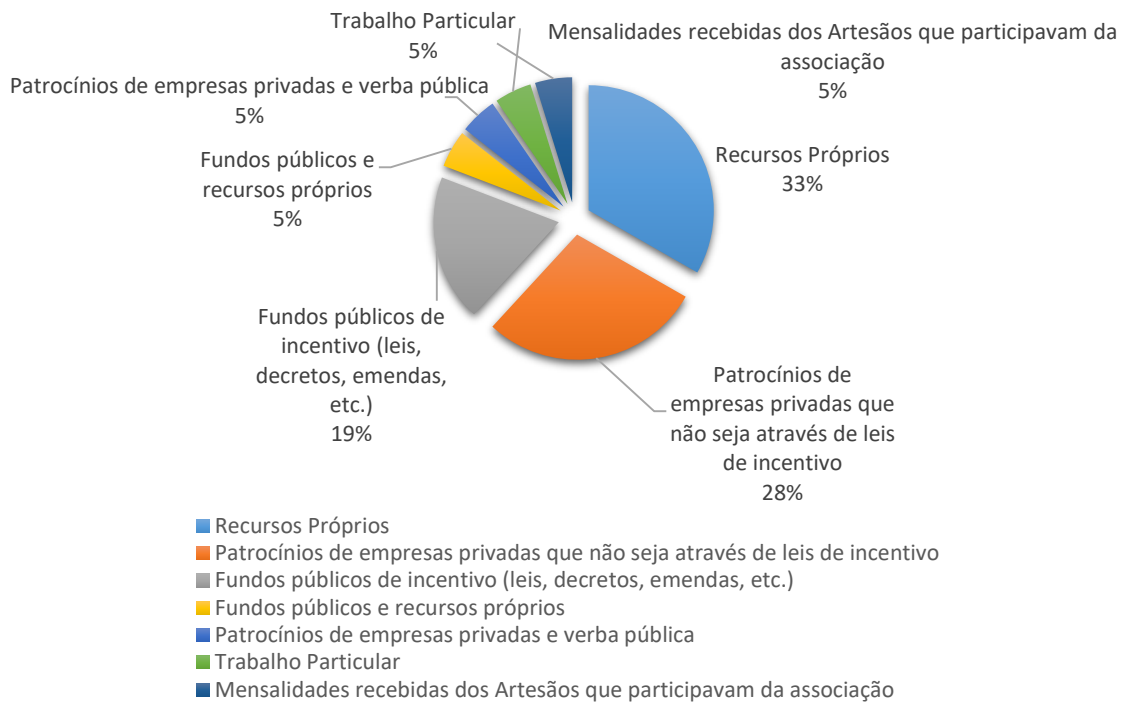
com o autor Teixeira Coelho (2008). Também chegamos facilmente ao fato de que a maioria desses profissionais realizam estes trabalhos já com uma intenção de voluntariado e, portanto, acreditam na importância do desenvolvimento do setor cultural para a sociedade igarapavense, pois, quando realizamos um trabalho voluntário, geralmente o fazemos pensando nos benefícios que tal trabalho trará para o todo. Ainda assim, o conhecimento em relação a políticas de cultura seria significativo para o aprimoramento de tais trabalhos. Também podemos questionar, a partir desses dados, a visão de cultura que a própria classe de agentes culturais de Igarapava possui sobre o setor ou até mesmo sobre a sua própria atuação. Infelizmente há um pensamento pertencente ao senso comum em relação à gratuidade dos trabalhos relacionados ao campo cultural ou até mesmo uma atitude “desprofissionalizante” das pessoas que atuam neste setor.

Quando analisamos a última questão do formulário, referente ao tempo de atuação na área cultural dessas 21 pessoas, deparamo-nos com uma maioria atuante no campo cultural há mais de 20 anos, o que é, em minha opinião, bastante significativo, tendo em vista que aparentemente desempenham esses trabalhos sem obter renda ou contar com qualquer apoio.

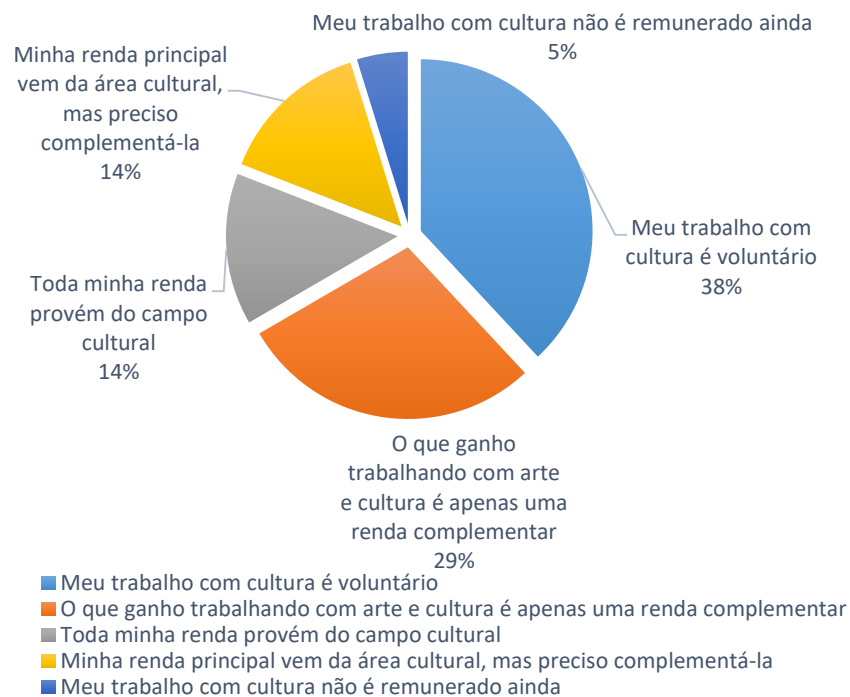
Como a maioria das perguntas deste formulário foram fechadas, evidentemente ficaram algumas dúvidas em relação à interpretação de tais dados, e estas só poderiam ser completamente solucionadas com a continuidade desta investigação.

Abaixo trarei os gráficos referentes aos questionamentos levantados nos parágrafos anteriores para concluir este subcapítulo.

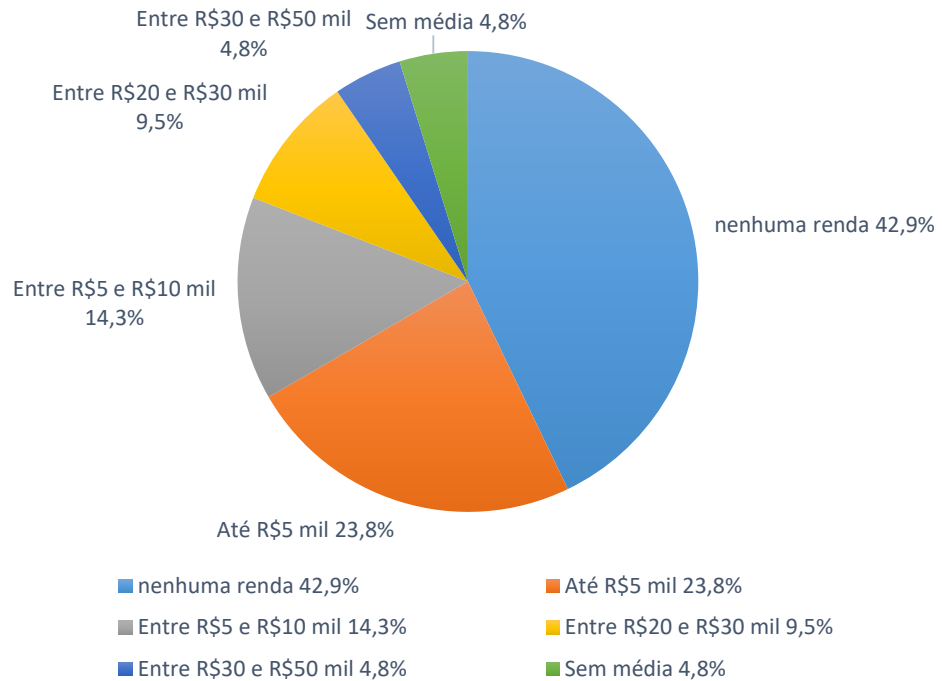
Origem dos recursos para as produções dos trabalhos que realizou no campo cultural



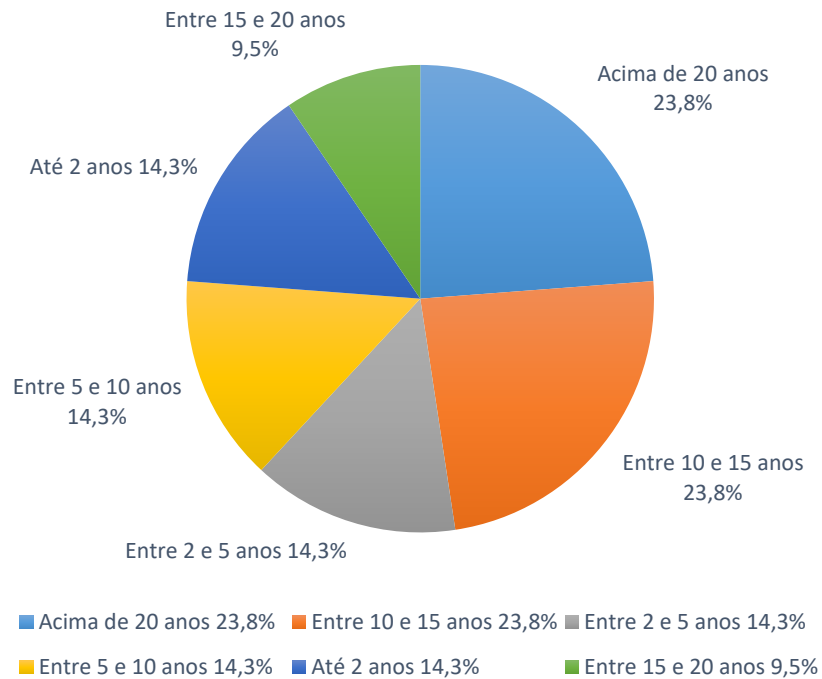
Sobre sua renda trabalhando com cultura



Qual a média anual de sua renda bruta trabalhando em cultura



Tempo de atuação na área cultural



2.3. Objetivos e análise de entrevistas com ex-gestores culturais de Igarapava/SP

Assim como foi dito no subcapítulo anterior, a pesquisa bibliográfica abordada no primeiro capítulo deste trabalho trouxe majoritariamente a reflexão dos pesquisadores de políticas culturais acerca do próprio campo das políticas culturais. Trilhamos um caminho que passou pelo entendimento do conceito de cultura mais interessante para este campo de estudos e de como o viés adotado deste conceito impacta praticamente na elaboração das políticas de cultura, por uma breve contextualização histórica das políticas de cultura no Brasil, pelas problemáticas mais comuns na gestão deste setor social, e vimos um pouco do funcionamento do SNC.

Como já afirmei anteriormente, acredito que para termos uma melhor compreensão da realidade, o ideal é que tenhamos proximidade com todas as perspectivas envolvidas em determinada situação. Por isso, os procedimentos metodológicos de campo foram pensados para me inteirar da melhor forma possível desses dois pontos de vista distintos, o dos agentes de cultura e o dos gestores da cultura.

Sendo assim, para acessar a perspectiva sobre o campo cultural de Igarapava sob o olhar da própria gestão cultural da cidade, considerei que o método mais assertivo para atingir esse objetivo seria através de entrevistas semiestruturadas com os ex-gestores da pasta da cultura de Igarapava/SP, que atuaram à frente da mesma ao longo dos anos de 2009 a 2019.

Assim como foi feito na elaboração do formulário Google, construí o roteiro de entrevistas contando com a ajuda de meu orientador, Prof. Dr. Alexandre Molina. Após fecharmos o roteiro, comecei a contatar os ex-gestores da pasta da cultura de Igarapava, a fim de marcar as entrevistas.

Dentre os anos de 2009 a 2019, passaram pela gestão cultural pública em Igarapava seis pessoas, porém uma delas não demonstrou interesse em participar desta pesquisa, fato que não prejudicou o trabalho, pois, com a execução das cinco entrevistas que constam de fato no trabalho, já é possível montar um panorama geral consistente das políticas de cultura em Igarapava.

Similarmente com o caminho conceitual percorrido no capítulo 1 deste trabalho de conclusão de curso, irei realizar esta análise das entrevistas seguindo uma lógica organizacional semelhante em relação à abordagem dos assuntos. Ou seja, de início passarei pelos entendimentos do conceito de cultura dos ex-gestores da pasta da

cultura de Igarapava, pois a visão que cada um possui do campo afeta diretamente sua atuação.

Embora não tenha sido realizada esta pergunta diretamente, a partir das respostas que os entrevistados deram para os demais questionamentos, é possível compreendermos o entendimento pessoal de cada um acerca do conceito de cultura, lembrando sempre que estamos situados no campo de estudos específicos de políticas culturais, logo, minha análise será baseada nesse contexto.

A partir deste parágrafo começarei a referenciar os ex-gestores e para isso utilizarei o código “EG” acompanhado de um algarismo para diferenciá-los, sendo tal algarismo completamente aleatório, para garantia do anonimato de cada um, assim como a utilização apenas do gênero masculino.

O EG2 (ex-gestor 2) possui o entendimento de cultura que mais se aproxima dos teóricos do campo das políticas culturais, mas não possui um vasto conhecimento em relação ao funcionamento da administração pública em si, o que o torna um perfil exatamente oposto ao EG1 (ex-gestor 1). Este último claramente possui uma boa familiaridade com o modo de funcionamento da administração pública, mas por outro lado nem mesmo reconhece a cultura como uma área independente.

Abaixo exponho alguns fragmentos dessas duas entrevistas.

EG2

ENTREVISTADORA: É, chegando ao fim. Queria saber se o senhor acredita que o desenvolvimento do setor cultural de uma cidade como Igarapava acarretaria em outras mudanças na realidade da cidade.

ENTREVISTADO: Com certeza. Porque, quando você trabalha a Cultura, as pessoas vão enxergando as coisas de forma diferente. Quando você tem o conhecimento, você consegue trabalhar a sua vida de forma diferente. Então eu acredito que culturalmente você vai enriquecer o seu ser, você se enriquece, você fica enriquecida em tudo, né. Nas palavras, na forma de conversar, você trabalha mais os assuntos, porque você lê, porque você escuta. Então isso tudo pra mim... O convívio das pessoas. [...]

Essa fala do EG2 se aproxima imensamente da noção de *ampliação da esfera do ser*, trazida para este trabalho a partir do autor Teixeira Coelho (2008). Apesar disso, o mesmo também relaciona e até mesmo confunde as dimensões culturais e históricas, trazendo para muitos momentos de sua fala um entendimento de cultura alinhado com o da esfera antropológica. E, em relação à dimensão antropológica, é válido recordarmos que, apesar de a bibliografia alinhada com este trabalho não a

considerar como a mais ideal em se tratando de políticas de cultura, as bases do SNC foram construídas em cima dela.

Mais à frente regressaremos para partes da entrevista realizada com o EG2, mas, para fazer um paralelo de comparação ao mesmo, trago agora um fragmento da fala do EG1:

EG1:

ENTREVISTADO: Que a Cultura é um dos braços do Turismo, ou a gente vê assim, né, um dos pontos que nós temos que trabalhar. Aí infelizmente veio a Pandemia, a gente não conseguiu colocar tudo em prática, né, o que nós tínhamos planejado, mas nós, hoje nós pensamos na retomada e vemos a Cultura como um dos... uma das... eu não diria falhas, né, mas um dos pontos que nós temos que trabalhar mais do que nos primeiros quatro anos. Inclusive hoje eu estou mais focado no Turismo e outra pessoa vai assumir a Cultura, porque a gente não consegue dividir duas responsabilidades. Que a Cultura tem sim que ser tratada como prioridade, assim como o Turismo está sendo tratado, que vai ser muito importante pro município, vai ser importante pro desenvolvimento e vai ser importante para mim também, que estou à frente da pasta do Turismo. Então hoje a gente vê a Cultura como um braço do Turismo, que são os principais, até diria que os principais projetos que estão nesse segmento hoje da gestão.

ENTREVISTADORA: E você acredita que o desenvolvimento do setor cultural de uma cidade como Igarapava acarretaria outras mudanças na realidade da cidade? [...]

ENTREVISTADO: Sim, com certeza.

ENTREVISTADORA: Impactaria outros campos?

ENTREVISTADO: Acho que impactaria todos os outros campos. Hoje a gente sofre ainda com a questão “ai, isso é cultural, isso é cultural”, só que em muitos pontos não aceitamos que sempre foi feito assim, né, muitos pontos a gente não aceita porque a gente está aqui para fazer diferente. Se não fosse para fazer diferente não estaríamos aqui. Mas a Cultura eu tenho certeza que vai impactar em todos os outros setores, tanto na Educação, na Saúde, na parte social, na parte de limpeza urbana, na parte do Turismo também, acho que tudo. Diretamente, praticamente todos os setores, né.

A partir desses fragmentos fica evidente a forma com que o EG1 tratou a cultura, o que refletiu diretamente nas ações culturais realizadas pelo poder público durante sua gestão. Mesmo no segundo fragmento trazido, no qual o gestor cita diversas áreas que seriam beneficiadas pelo desenvolvimento da cultura em

Igarapava, é demonstrada uma visão da área cultural como uma ferramenta assistencialista.

Surpreendentemente, este mesmo gestor demonstrou possuir conhecimento a respeito do SNC (Sistema Nacional de Cultura), PMC (Plano Municipal de Cultura), CMC (Conselho Municipal de Cultura), PMC (Plano Municipal de Cultura) e SMC (Sistema Municipal de Cultura), ao contrário do EG2, que afirmou total desconhecimento. Em ambos os casos a adesão ao Sistema Nacional de Cultura não ocorreu, evidentemente, pois esta é uma informação que já foi mencionada anteriormente: o fato de Igarapava não ter aderido ao SNC.

O problema em relação às confusões acerca do entendimento do conceito de cultura pelos próprios gestores da pasta da cultura de Igarapava traz consigo várias outras questões inerentes, como por exemplo a falta de capacitação desses profissionais, o que representa, em minha opinião, um dos principais problemas das políticas de cultura em Igarapava.

A seguir trarei alguns trechos da fala do EG3, que identificou este problema ao longo de sua gestão.

EG3:

ENTREVISTADO: Mas eu tive dificuldades sim, porque o preconceito e o desconhecimento sobre o que é a Cultura na minha opinião que... Ninguém sabe definir o que é Cultura, porque a Cultura é muito subjetiva, porém pelo menos entender que existe um pensamento sobre a Cultura, muitos nem têm esse pensamento. “Ah, Cultura é... Ah, faz uma dancinha ali, faz um teatrinho ali... Tá ótimo! Já agradei a população.” Não, Cultura não é isso. A Cultura tem que ser um agente transformador, né, da sociedade. O intuito de você fazer um programa de cultura é que ele transforme a realidade daquela comunidade de alguma forma. Senão não tem propósito mesmo, aí realmente é aquilo que as pessoas pensam. Não. Eu não quero que a Cultura seja isso. Uma pecinha. Eu quero que a Cultura transforme. Entendeu?

ENTREVISTADORA: Sim. É... Você também já falou um pouco sobre... Mas eu acho que talvez a gente possa aprofundar mais nisso. No caso, o senhor acredita que o desenvolvimento do setor cultural de uma cidade como Igarapava acarretaria em outras mudanças na realidade da cidade?

ENTREVISTADO: Com certeza. É a transformação que a cidade precisa e que nosso país inteiro precisa. Só que, como tudo começa de sementinhas, eu não sei de que forma... Acho que tinha que ter um diálogo melhor entre os Secretários de Cultura Municipais, sabe? Tinha que ter mais sobre isso... Os Agentes de formação cultural, os agentes culturais... Cada município tinha que ter contato. Fortalecer essa corrente pra que consiga ter essa mudança de pensamento.

Porque eles não vão enxergar essa mudança se ela não for realizada. Entendeu?

Nesses dois fragmentos de sua fala, o EG3 demonstra, na primeira delas, essa dificuldade do entendimento do conceito de cultura e, na segunda, uma possível solução para este problema de capacitação profissional. Solução esta que se assemelha bastante com as chamadas conferências de cultura, que são obrigatórias para os municípios que aderem ao SNC.

As conferências de cultura são justamente possíveis espaços de formação para esses profissionais que trabalham com políticas de cultura, são eventos que proporcionam esses encontros que o EG3 menciona em sua fala.

O SNC visa justamente solucionar os principais problemas das políticas de cultura que acontecem de forma muito semelhante em todo território nacional, devido a fatores históricos que já foram brevemente explanados no capítulo 1 deste trabalho (*três tristes tradições* – Albino Rubim, 2007).

O EG3 perspicazmente identificou ao longo de sua gestão os principais problemas das políticas culturais em Igarapava, mas também não chegou a aderir ao SNC e criar um SMC, o que resultou na não resolução dos mesmos problemas identificados por ele.

Para além do problema de capacitação dos profissionais, o EG3 afirmou que sua principal preocupação ao longo de sua gestão era o problema do autoritarismo e instabilidade. Ele não utilizou essas palavras, mas é evidente para quem lê a entrevista que o EG3 está se referindo a estes exatos problemas apontados pelo autor Albino Rubim como dois dos principais problemas enfrentados pelas políticas culturais brasileiras ao longo da história.

EG3:

ENTREVISTADO: Eu sabia os nomes dos antigos da Cultura que tinha aqui, admirava eles, por exemplo, a Manuela, que é uma professora maravilhosa de Literatura que tem aqui na cidade; a Clarisse, o Pedro. Todos eles tinham um esforço de impulsionar a pasta aqui. A gente via, mas a gente não conseguia ver muito resultado, eu pelo menos não conseguia. Porque eu não conseguia ver continuidade. Entendeu? Como acontece muito nas Políticas Públicas de qualquer município, sempre quando muda o prefeito, por mais que o projeto seja bom, ele é interrompido pela nova gestão. Isso é algo que meio que mata a Cultura por si só.

Em relação aos problemas da instabilidade e autoritarismo trazidos nesta última fala, estes também representam questões que receberiam um tratamento através dos mecanismos do SNC. Apoiando-se no CMC (Conselho Municipal de Cultura) e PMC (Plano Municipal de Cultura), ainda que as diferentes gestões agissem de maneiras distintas, esses dois órgãos garantiriam minimamente ações mais contínuas e democráticas para a pasta da cultura em Igarapava/SP.

Apesar de este gestor ter agido ao longo de sua gestão de maneira significativamente alinhada com o viés adotado por este trabalho como o mais ideal, em comparação com os demais, sua gestão foi comprometida por uma questão que perpassa todas as entrevistas realizadas em totalidade, que é o deslocamento da função de produção cultural para o Estado.

De acordo com o autor Teixeira Coelho, o Estado não deve assumir o papel de produtor cultural e sim viabilizar os meios para que as pessoas atinjam seus próprios fins. Somente desta maneira as políticas de cultura podem ser consideradas verdadeiramente mais horizontais.

Esta discussão já foi consideravelmente explanada ao longo do primeiro capítulo, mas não poderia deixar de ser apontada aqui, pois consiste em um dos principais problemas da pasta da cultura em Igarapava, justamente por não estar nem mesmo na consciência dos gestores que nela atuaram.

Para apoiar esta última afirmação referente ao papel do Estado como produtor cultural, trago neste momento um último trecho da entrevista com o EG3 e mais falas pertencentes às outras entrevistas, o que demonstra um problema generalizado em todas as gestões.

EG3:

ENTREVISTADO: Construí uma boa equipe com os funcionários que têm lá, desde o faxineiro até a oficial administrativa lá da Casa da Cultura, tipo, sem distinção, eu envolvi eles no projeto Cultura. Eu fiz eles acreditarem junto comigo, “Vamo, vamo fazer Cultura em Igarapava, a função nossa é essa”. Entendeu? “Vamos promover eventos, vamos fazer aulas... A Cultura tem que aparecer”.

EG4:

ENTREVISTADO: Se tivesse esse apoio, igual a gente fez o último desfile, que eu fiz, foi perfeito! Porque eu chamei o João que é professor de História, o João Silva. Eu fiz ele cavucar a história inteira da cidade. Do início. Ele achou coisa do arco da velha, literalmente! Tipo assim, de quando os colonos chegaram aqui. Chegaram ali onde

agora é aquele negócio de dentista. Então, assim, ele levantou tudo. O trabalho dele foi espetacular! Aí a gente deu um tema pra cada escola. Uns ficaram com a parte dos colonos, outros com a parte dos turcos... Tudo que o pessoal que foi vindo pra Igarapava sabe? Coisa mais linda o desfile! Inclusive a gente fez lá, lá em cima. Muita gente veio criticar e eu falei, “Gente, a intenção, se tivesse lido o roteiro, é porque aqui começou Igarapava”.

EG2:

ENTREVISTADORA: Voltando um pouco nessas ações que você disse que faltava público... Você mesmo falou que vocês faziam uma avaliação, um relatório... A que conclusão vocês chegaram na época? Por que que você acha que não enchia o Teatro, por que não tinha tanto público?

ENTREVISTADO: As pessoas não conhecem muito, eu acho. Que não tem o hábito de ir assistir a esse tipo de trabalho. Então eu acredito que seja a falta de hábito. Agora, pra você estimular, você precisa de uma política mais substancial. Então você tem que fazer um corpo a corpo, a divulgação tem que ser bem assim... Passar lá na porta, de chamar, de levar, de carregar, às vezes até carregar, né (risos) [...]

ENTREVISTADORA: (risos) Se você fosse comparar, por exemplo, na época que você não estava na gestão e você mencionou, por exemplo, que levava a Folia de Reis lá na Fundação Sinhá Junqueira... Se você comparar com uma coisa que já está latente na população.... Seria o tipo de coisa que teria uma adesão maior...?

ENTREVISTADO: Exatamente, porque o pessoal já conhece, já tem o hábito de seguir, de acompanhar. Então o Teatro aqui tem que iniciar um trabalho. Porque nós ficávamos até sem graça de não ter público, então por isso que a gente quase que intimava o pessoal da escola. Os adultos até que gostavam, porque acho que já entendiam mais a coisa, mas os mais novos, os mais jovens, não sei. Não tinha tanto, né. Mas, assim, você tem que começar desde pequeno, a trabalhar com os pequenos, com os menores, com a escola mesmo, fazendo esse tipo de trabalho. Pra você já criar um adulto que tenha a consciência, o hábito de apreciar, de achar o Teatro... O que que é o Teatro? Por que, né? Por que você faz um...?

Note que nestes três exemplos o papel do Estado está sendo confundido com o de produtor cultural e os problemas trazidos por este deslocamento já podem ser observados nas falas do EG4 e EG2, pelo reporte de não adesão ou não compreensão das ações culturais municipais por parte dos munícipes.

Gostaria de destacar, na fala do EG4, um primeiro momento em que ele relata sua idealização e produção de um projeto, que em um segundo momento foi criticado por algumas pessoas devido à falta de compreensão da ação, e, na fala do EG2, a atitude de reforçar a necessidade de se criar um hábito de cultura na população e, ao final de sua fala, o reconhecimento de um hábito cultural já existente.

Logicamente, em alguns momentos é possível a identificação de mais de uma questão considerada problemática para este trabalho ao longo de cada fragmento trazido. Mas não há necessidade de destacar questões abordadas anteriormente desde o início desta análise, pois o texto se tornaria redundante.

Outro tema que merece desdobramento, devido ao fato de se repetir em todos os depoimentos recolhidos, é o fato de todas as gestões se basearem nas chamadas “Política de Evento” pelo autor Teixeira Coelho. Inclusive a própria palavra “evento” aparece um número significativo de vezes nas entrevistas.

A política de evento, de acordo com Teixeira Coelho (2008), é justamente o oposto de uma política cultural, devido a seu caráter pontual, ou seja, de ações isoladas entre si e que não possuem continuidade.

Para ele, de acordo com o livro *Dicionário Crítico de Políticas Culturais* (1997), a força que os eventos propriamente ditos possuem em nossa sociedade pós-moderna não pode ser ignorada, pelo contrário, deve ser lida como uma realidade. O que não significa que as políticas culturais devam se resumir a este único modelo de ação por parte dos administradores culturais, mas devem sim ser aliadas ao modelo sistemático de políticas de cultura.

Um evento é, em sua definição estrita, um acontecimento fora do comum, algo que quebra uma cadeia de rotinas, despertando atenção e merecendo a atenção provocada. Se o administrador cultural defrontar-se com a possibilidade de criar as condições para que se produza um evento assim entendido, não deveria hesitar em fazê-lo. Uma política cultural, no seu sentido específico, deve compreender atividades continuadas, que prolonguem seus efeitos no tempo e no espaço, mas deve ser capaz de prever intervalos "vazios" a serem preenchidos por eventos, que, por sua singularidade, têm o poder de irrigar, com a força de um impacto de variada natureza, o tecido cultural formal (os circuitos estabelecidos de produtores, divulgadores e consumidores de cultura) e a constelação informal de produtores e consumidores (jovens, amadores, artistas profissionais, espectadores despertados para novas possibilidades e assim por diante). (COELHO, 1997, p. 300).

Sendo assim, este problema das políticas de cultura em Igarapava, a partir dos pesquisadores referenciados neste trabalho, não está na realização desses eventos isolados, mas no fato de consistirem apenas nesses eventos.

Para exemplificar este caráter de uma política exclusivamente de eventos que acontece em Igarapava, trago abaixo relatos referentes a diferentes gestões.

EG2:

ENTREVISTADORA: A quinta está perguntando em que consistiam as ações culturais do órgão responsável pela Cultura em Igarapava/SP ao longo da sua gestão. Você acha que faltou alguma coisa que a gente não abordou?

ENTREVISTADO: Bom, eu entrei em janeiro e saí em novembro, né. Então cada mês eu trabalhei um tema pra tentar, a parte cultural mesmo da cidade. Igual eu te falei, em fevereiro, Carnaval; março, não tinha uma data, mas às vezes tinha Semana Santa, essas coisas. Abril, a gente já começava a trabalhar já a parte da cidade, porque o aniversário é 22, então você tinha que fazer todo um levantamento, igual eu te falei, escolher tema, porque as escolas todas participavam do desfile (e foi um desfile muito bonito), mais o concurso de Miss, tem que trabalhar, tem que ensaiar, escolher as pessoas, tudo... Tem um técnico, né, pra fazer essa parte de desfile. E depois Festa Junina; julho, férias. Nós trabalhamos muito com a Vovó Querubina, as meninas de lá. Junho também tinha o dia dos avós, que nós trabalhamos o pessoal do asilo, do Abrigo dos Velhos, e as peças também nós convidávamos para assistir ao Teatro, eles iam.

EG3:

ENTREVISTADORA: E em relação ainda a essas ações, que aconteceram durante a sua gestão da pasta da Cultura, você sabe me dizer qual era a adesão da população frente a essas ações culturais?

ENTREVISTADO: Depende. É assim. Tem que... Dentro da Cultura você tem que enxergar a cultura em duas partes. Cultura e Eventos. Entendeu? Assim, é... Eventos eu falo, assim, de show... Festivais. Vamos pôr assim, festivais. Porque na verdade o Teatro... Tudo está no evento, mas assim, festivais onde vêm cantores famosos, com certeza. Assim como o Carnaval e a Festa da Cana, que é uma Festa Tradicional aqui, a população abraçava com muito mais anseio, porque todo mundo quer ir num show ver um cantor famoso, né?

EG3:

ENTREVISTADO: Então eu tentava trazer a cultura através desses consórcios, desses programas do Estado de São Paulo. Tinha esse que era o Ponto MIS, de oficinas de cinema pra cidade, e tinha também o Circuito Cultural Paulista, que trazia apresentações. Às vezes eram peças, às vezes eram malabaristas, não necessariamente era só Teatro, mas trazia diversas apresentações toda vez, por mês, para a cidade. Então eu consegui ter esses dois convênios. Fui apoiador e mantenedor do Projeto Guri, que é algo que também... A gente praticamente... É... Não é nosso. A gente não tem influência nenhuma sobre o Projeto Guri, porém a gente tem que dar o apoio pra que ele se mantenha aqui na cidade.

EG4:

ENTREVISTADORA: Certo. É... Eu vou pular pra baixo já que a gente está falando disso. É... Já que você já está falando dessas ações que vocês faziam, que vocês realizavam quando você estava à frente da

gestão da Cultura em Igarapava, além dessas que você mencionou, tinha mais ações que vocês faziam? Você sabe me dar exemplos?

ENTREVISTADO: As nossas ações eram organizar os eventos, inaugurações do município, os teatros, a gente trazia teatro na Casa da Cultura, fazia parceria, igual aquele menino lá de Uberaba, o José! Ele faz uma apresentação maravilhosa de teatro, eu esqueci... Faz tempo e eu nem lembro direito o nome, mas o que estava dentro do que eu podia fazer, eu tentava sempre estar dando apoio, sabe. Às vezes até incentivando, às vezes eu buscava parceiros fora, na iniciativa privada, né, porque não tinha dinheiro. Nunca tem dinheiro pra Cultura. Nunca tem, nunca sobra. Era isso... Teatro, as oficinas... Tinha muita coisinha, agora eu não vou lembrar, mas tinha tanta coisa... A Cláudia deve ter tudo.

EG5:

ENTREVISTADORA: Hoje em dia o órgão responsável pela gestão cultural em Igarapava leva o nome de Departamento de Educação, Cultura e Esportes, de acordo com o site oficial da prefeitura de Igarapava. Na época em que o senhor esteve responsável pelo órgão referente ao campo cultural, qual era o nome do mesmo e quais eram as atribuições da pasta?

ENTREVISTADO: Departamento de Cultura de Igarapava. Era só a parte cultural mesmo. Teatro, apresentação de cinema, é... Palestras, apresentação de eventos, era... Apresentação da Miss, né, qualquer coisa relacionada à... Como que diz... Qualquer coisa relacionada à apresentação... O que eu quero dizer... Quando tinha algum evento de participação de alunos, todas as escolas participavam nessa época. Nós tínhamos contato com as escolas, as escolas apresentavam no final do ano os seus teatrinhos, eles recebiam a formatura lá! O teatro naquela época, ele era bem... Toda semana tinha evento!

Como podemos notar, dentro do recorte de tempo desta pesquisa, as ações culturais por parte do poder público em Igarapava sempre se resumiram a uma política de eventos.

Considerarei importante trazer uma fala do EG3, que sinaliza uma quebra neste padrão, mas que, por não estar estruturada dentro de um órgão ou sistema, como o SMC, acabou se perdendo com o fim de sua gestão.

Para finalizar esta análise, irei levantar uma reflexão acerca da organização administrativa da pasta da cultura em Igarapava hoje em dia, que certamente reflete um panorama nacional. Como se é sabido, no dia 1º de janeiro de 2019, o Ministério da Cultura foi extinto em esfera nacional, sob direção de nosso atual governo, presidido por Jair Bolsonaro, atitude que certamente aponta para uma realidade em todo território nacional de preterição do setor cultural.

Ao longo da entrevista com o EG1, este levantou esta questão, a qual pode ser observada na organização administrativa do município de Igarapava, que desde 2012 incluiu o Departamento de Cultura dentro da pasta da Educação, o que certamente impactou o setor em esfera municipal.

Um sintoma dessa organização administrativa municipal é uma demasiada associação destas duas esferas sociais, reportada na fala de alguns ex-gestores como uma relação de dependência do departamento de cultura para com a pasta da educação.

Abaixo listarei alguns depoimentos dos ex-gestores entrevistados acerca desta questão, que está sendo colocada para reflexão ao fim desta análise e que é considerada por mim mais um problema da administração do setor cultural realizada pela esfera pública em Igarapava/SP.

EG1:

ENTREVISTADORA: Não, é mais livre mesmo... É... Ao longo desses anos, desde que você assumiu a administração, do órgão responsável pela gestão da Cultura em Igarapava, quais foram as ações Culturais do órgão?

ENTREVISTADO: Na verdade, desde o início, lá a gente tentou uma aproximação com as pessoas que trabalham com Cultura e a gente teve dificuldade, porque, segundo relatos dessas pessoas, não vou nominar, mas eles não tinham um apoio e estavam um pouco desacreditados da Cultura no município. E a gente teve essa dificuldade de ter essa reaproximação, né! Que eu acredito que tenha tido lá atrás também. E depois a gente tentou fazer uma organização, trabalhar com pequenos recursos que nós tínhamos, que hoje a Cultura, acho que é de modo geral, em esfera Federal, esfera Estadual, a gente não vê a Cultura como prioridade. Sendo assim, é muito difícil um município priorizar a Cultura, porque a gente não consegue recurso. A gente vai no Departamento, a gente vai na Secretaria de Cultura do Estado, a gente vê que é um órgão que eles não dão um mínimo de cuidado; pela própria secretaria, pela sede física a gente vê como que eles tratam a Cultura e isso dificulta muito dentro de uma administração municipal. Porque, se não tem uma prioridade lá em cima, a gente não consegue priorizar aqui em baixo também. A gente tem essas dificuldades.

EG2:

ENTREVISTADORA: Hoje em dia o órgão responsável pela gestão cultural em Igarapava leva o nome de Departamento de Educação, Cultura e Esportes, de acordo com o site oficial da prefeitura de Igarapava. Na época em que a senhora esteve responsável pelo órgão

referente ao campo cultural, qual era o nome do mesmo e quais eram as atribuições da pasta?

ENTREVISTADO: É, a Cultura era ligada à Educação, então eu respondia ao Departamento de Educação. Então a área cultural, o Departamento de Cultura, o acesso meu era só ali dentro e eu respondia à Educação. Então na época a Secretária da Educação era a Joana, então eu respondia à Joana, e era do Departamento de Cultura, mas era ligado à Educação. Hoje eu não sei... [...]

EG3:

ENTREVISTADORA: Hoje em dia o órgão responsável pela gestão cultural em Igarapava/SP leva o nome de Departamento de Educação, Cultura e Esportes, de acordo com o site oficial da prefeitura de Igarapava. Na época em que o senhor esteve responsável pelo órgão referente ao campo cultural, qual era o nome desse órgão e quais eram as atribuições da pasta?

ENTREVISTADO: Olha, era exatamente o mesmo nome e o mesmo modelo de organograma que esse governo atual faz. Nessa pasta eles não mudaram muito, porque quem vai trabalhar com Política Pública Municipal vai perceber que a pasta de Cultura não tem dinheiro nenhum, nenhum, nenhum, nenhum. E ela precisa se apoiar na pasta da Educação pra conseguir realizar os projetos. Então, isso é até uma dica pra qualquer pessoa do Brasil que for um gestor de Cultura Municipal, um Diretor de Cultura Municipal: você foi convidado pelo prefeito? Ame a Secretária ou o Secretário de Educação, faça amizade com ele, seja o melhor amigo, coma carne junto, vá pro restaurante junto, viva tudo que você puder com o Secretário da Educação. O melhor amigo que você pode ter... Nem o prefeito é necessário. O vínculo entre a Cultura e a Educação tem que ser tão íntimo... Porque senão a Cultura não desenvolve. Não desenvolve mesmo. Porque não tem orçamento pra realizar projetos. Então tem que fazer o que, tem que elaborar uns projetos com a participação da Educação e fazer com que a Secretária da Educação compre sua ideia, compre o seu projeto, pra você, junto com a Educação, fazer um projeto. Porque não tem recurso. Os recursos são muito escassos, tanto estaduais quanto federais, né. Então, pra você realizar Cultura dentro do seu município, você tem que se apoiar na Educação. Então era esse mesmo nome sim, Secretaria de Educação, Cultura e Esporte, e o que eu fazia, eu me apoiava totalmente na Educação pra realizar projetos. Então aqui, em nível municipal, eu acredito que pode ser assim mesmo, a Cultura meio que ser uma subpasta da Educação. “Ah, por quê? Você acha que a Cultura sozinha não teria capacidade nem qualidade pra realizar um trabalho?” Não. Qualidade até pode ter, mas capacidade realmente não tem, porque não tem verba própria. Não tem recurso próprio dentro da arrecadação municipal pra desenvolver uma pasta só de Cultura. Entendeu?

EG5:

ENTREVISTADORA: Certo. E existiu alguma dificuldade enfrentada pelo senhor em relação ao trabalho frente ao desenvolvimento do campo cultural em Igarapava durante a sua gestão?

ENTREVISTADO: Não. Eu não senti dificuldade não. Nenhuma dificuldade. O que a gente queria a gente sempre conseguia, né, dentro do âmbito do que era interesse da cidade, que era viável financeiramente, porque às vezes esses encargos dificultavam um pouco. Mas não senti, eu não senti dificuldade na época não.

ENTREVISTADORA: Até porque o senhor falou que a prefeitura...

ENTREVISTADO: Dava todo apoio. Todo apoio. Principalmente por ser Departamento de Cultura, né. Relacionado à cultura e a gente fazia essa parte com a Educação, porque geralmente cultura envolve educação, né. Então a gente fazia essa parceria também, com a Educação.

ENTREVISTADORA: Mas era um Departamento específico...

ENTREVISTADO: Era específico. Naquela época era específico. Todos eram específicos.

ENTREVISTADORA: E esse apoio que você fala da prefeitura, é tanto financeiro, quanto em relação às propostas...?

ENTREVISTADO: Tudo, tudo, tudo. As propostas, o financeiro... Você apresentava a proposta e diante disso aí eles te davam o aval se ia dar certo ou se não ia, né... Mesmo apresentação... O financeiro eles é que bancavam. Tudo. Os funcionários da prefeitura todos lá, os que tinha, era da prefeitura.

Ao longo de todas as entrevistas, a íntima relação entre as pastas da Educação e da Cultura é notória, mas, ao compararmos o discurso do EG5 com os demais, percebemos uma drástica diferença de tratamento para com o setor cultural.

O EG5 afirma que, ao longo de sua gestão, o departamento de cultura era desvinculado de qualquer outro, assim como afirma que se sentia apoiado pelo prefeito durante esse período.

Considero que esta pesquisa não possui suporte suficiente para avaliar os modelos organizacionais da administração pública municipal, mas não poderia deixar de relacionar essas duas informações que apareceram nas entrevistas realizadas com os ex-gestores da pasta da cultura de Igarapava/SP entre os anos de 2009 e 2019.

Sendo assim, passemos ao próximo capítulo deste trabalho, que consiste nas considerações finais acerca do todo de informações levantadas até agora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como disse o pesquisador Albino Rubim logo no título de um dos capítulos do livro *Políticas Culturais no Brasil: “Tristes tradições, enormes desafios”*. Esse título, em meu ponto de vista, representa bem os desafios a serem superados para que o desenvolvimento do setor cultural em Igarapava/SP aconteça.

Retomando as questões centrais deste trabalho, na qualidade de igarapavense, artista, agente cultural, estudante do curso de Teatro da UFU e pesquisadora, acredito que atingi meu objetivo de lançar luzes sobre o campo cultural em Igarapava, pois, através dos procedimentos metodológicos de campo, identifiquei uma sutil movimentação e diálogo entre os agentes culturais com os quais possuo algum contato em meu âmbito social, assim como percebi uma movimentação inicial do Departamento de Cultura de Igarapava, através da criação de um grupo de Whatsapp com profissionais do campo cultural e membros da gestão pública das políticas de cultura do município. Acredito também que consegui me aproximar melhor do setor cultural de Igarapava/SP, compreendendo os principais desafios a serem superados para que o seu desenvolvimento seja alcançado. Que é, em meu ponto de vista, principalmente a falta de capacitação dos profissionais que vêm atuando à frente da gestão cultural pública municipal.

Apesar de considerar o trabalho satisfatório, permaneci com uma inquietação em relação à melhor compreensão da realidade concreta de agentes culturais de áreas distintas da minha, como por exemplo, os atuantes das culturas tradicionais (como folia de reis), artesãos, dentre outros. Por isso, para além de desdobramentos pessoais em relação a esta pesquisa, acredito que a aproximação com tais profissionais igarapavenses, representa um importante passo a ser dado pela atual e próximas gestões.

De qualquer forma, esse desafio de desenvolver o campo cultural em Igarapava, com sorte, é um caminho que já vem sendo enfrentado por outros municípios brasileiros semelhantes há algum tempo. Por isso trago abaixo o exemplo de Guaramiranga, localizada no estado do Ceará, que vem colhendo bons frutos a partir do investimento em Cultura por parte do poder público.

De acordo com o artigo “A gestão cultural como instrumento de desenvolvimento em Guaramiranga, Ceará” (2009), da pesquisadora em Políticas Culturais Selma Santiago, o município de Guaramiranga encontrava-se em um

entreve de desenvolvimento econômico, pois, devido ao fato de ser uma área de preservação ambiental, não poderia desempenhar atividades agrícolas. Para além desse fator, a tentativa de tornar o município um destino turístico rural também falhou, o que resultou na proposição de um projeto de governo totalmente inovador para uma cidade daquele porte (5.193 habitantes, de acordo com o IBGE de 2019).

Esse estudo de caso foi realizado dentro do recorte temporal de 1992 a 2007 e mostra muitos bons resultados vindos desse projeto de governo, que priorizou um desenvolvimento integral (educativo, social, cultural, turístico e econômico).

Na Secretaria de Cultura de Guaramiranga encontramos pensamentos que não são típicos na gestão pública cultural de cidades pequenas do Brasil. A missão que se procura cumprir é “Promover a Cultura como via de desenvolvimento humano, posicionando-a na centralidade das estratégias municipais de promoção do conhecimento, inclusão social e desenvolvimento sustentável”. Os pilares da gestão municipal de cultura são o incentivo às artes; a preservação da memória e do patrimônio; a promoção do conhecimento e a inclusão social através de suas ações e projetos. (SANTIAGO, 2009, p. 10).

Estatisticamente, a pesquisadora reportou um investimento de 2% no setor cultural por parte do município, sendo que na realidade da maioria dos municípios brasileiros é realizado um grande esforço para que esse investimento chegue a 1%. Já em relação ao índice de desenvolvimento humano, ocorreu um aumento de 20% entre os anos de 1991 e 2002, passando de 0,55 para 0,65.

Sendo assim, considero imensamente possível que Igarapava se espelhe em municípios como Guaramiranga e solucione os problemas que atualmente mostra em relação às políticas públicas de cultura.

A partir do formulário Google lançado para coletar dados a respeito dos agentes culturais de Igarapava e das entrevistas realizadas com ex-gestores da pasta da cultura da cidade, deparamo-nos com os problemas de falta de suporte aos agentes culturais atuantes no município, falta de capacitação dos profissionais que desempenham um trabalho no departamento de cultura municipal, instabilidade e centralidade das decisões em relação às ações culturais propostas por esse mesmo departamento e falta de priorização da pasta da cultura, além de outros problemas decorrentes desses.

Informamo-nos também brevemente em relação ao funcionamento do Sistema Nacional de Cultura, que foi criado justamente para resolver problemas do setor

cultural como esses, que claramente não são exclusivos do município de Igarapava, mas que fazem parte da realidade de diversas cidades brasileiras.

Julgo que certamente a adesão ao Sistema Nacional de Cultura, por parte do departamento de cultura de Igarapava, significaria um marco em direção ao desenvolvimento do setor cultural dessa cidade, e é muito provável que tal desenvolvimento acarretaria mudanças positivas na realidade da cidade como um todo. Com o pleno funcionamento do Sistema Municipal de Cultura, o município teria acesso ao FNC (Fundo Nacional de Cultura), elaboraria seu PMC (Plano Municipal de Cultura) apoiando-se no CMPC (Conselho Municipal de Política Cultural), o que certamente tornaria a gestão desta pasta mais democrática e, conseqüentemente, atenderia melhor aos agentes culturais municipais, o que também movimentaria a economia e o desenvolvimento humano, favorecendo a população como um todo.

Em relação à minha graduação em Teatro, os conhecimentos adquiridos através desta pesquisa me possibilitaram uma maior autonomia em relação ao meu fazer artístico, pois, a partir da aproximação da visão e funcionamento prático das políticas de cultura no Brasil, pude vislumbrar outras formas de viabilização de meus trabalhos.

No curso de Teatro pude ter o contato com diversas formas de criação artística, múltiplas ferramentas para alimentar o ato teatral, mas sempre com o forte amparo da universidade, que provê recursos, infraestrutura, equipe técnica, enfim, um ambiente propício para a livre criação e circulação de arte. A falta de todos esses recursos necessários para a atuação artística representa certamente uma enorme dificuldade enfrentada pelos profissionais do campo cultural em geral, incluindo as diversas manifestações culturais, apesar de suas especificidades.

Ao longo da disciplina “Ética, Legislação, Produção e Gestão Teatral”, a qual pude cursar sob regência de meu orientador, Prof. Dr. Alexandre Molina, deparei-me de forma mais direta com essas questões enfrentadas pelos artistas autônomos e com as maneiras existentes de trabalho para esses profissionais, fato que me atravessou e contribuiu para que eu trilhasse este caminho na finalização de meu curso.

Certamente, ao final deste, também me tornei uma cidadã mais preparada para contribuir com esta esfera social, o que me possibilita participar mais ativamente das políticas de cultura já existentes e até mesmo estar atenta ao processo de implementação de novas políticas em benefício desse desenvolvimento.

Assim como disse anteriormente, finalizo este ciclo com uma inquietação latente em relação aos demais profissionais do campo cultural que atuam em áreas aparentemente bastante diferentes da minha, como os agentes das manifestações culturais tradicionais.

Em uma outra disciplina ofertada pelo curso de Teatro da UFU, chamada “Teatro e Cultura Popular”, o universo das culturas tradicionais me atravessou profundamente, de forma que vejo, no cruzamento desses dois pontos de interesse, um potencial desdobramento para esta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BARBALHO, Alexandre. **Política Cultural**. Coleção Política e Gestão Culturais. Salvador: Secretaria de Cultura, P55 edições, 2013.
- BOTELHO, ISAURA. DIMENSÕES DA CULTURA E POLÍTICAS PÚBLICAS. **São Paulo Perspec.**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 73-83, Abr. 2001. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-88392001000200011>>. Acesso em: 8 mar. 2021.
- BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal; Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. Lei nº. 8.313, de 23 de dezembro de 1991.
- BRASIL. Lei nº. 13.018, de 22 de julho de 2014.
- CHAUI, Marilena. Cultura e democracia. **Crítica y Emancipación**, (1): 53-76, jun. 2008.
- COELHO, Teixeira. **A Cultura e seu contrário**: cultura, arte e política pós-2001. São Paulo: Iluminuras; Itaú Cultural, 2008.
- _____. **Dicionário Crítico de Política Cultural**: Cultura e Imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- CRUZ, Maria Alice da; PITTA, Amanda. Desmonte de políticas culturais no foco dos debates em fórum do Penses. **Unicamp**, 4 abr. 2017. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/index.php/noticias/2017/04/04/desmonte-de-politicas-culturais-no-foco-dos-debates-em-forum-do-penses-0>>. Acesso em: 7 out. 2021.
- CUNHA, Newton. **Cultura e Ação Cultural**. São Paulo: Edições Sesc SP, 2010.
- DICIONÁRIO Online de Português**. Verbete “Política”. 2009–2021. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/politica/>>. Acesso em: 11 out. 2021.
- MAMÉDIO, João. **As políticas de fomento à cultura no município de Franca**: Uma análise das políticas de fomento à cultura no município de Franca/SP pós-redemocratização do Brasil. 2018. Dissertação (Mestrado em Planejamento e Análise de políticas Públicas) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2018.
- MINISTÉRIO DA CULTURA, SECRETARIA DE ARTICULAÇÃO INSTITUCIONAL. **Oficina de Implementação de Sistemas Estaduais e Municipais de Cultura**. Brasília: Sistema Nacional de Cultura, 2013.
- FASES de integração. **Sistema Nacional de Cultura**: Ministério do Turismo/Secretaria Especial de Cultura, [20--]. Disponível em: <<http://portalsnc.cultura.gov.br/como-fazer-parte/>>. Acesso em: 8 dez. 2020.

PEIXE, João Roberto. **Sistemas de Cultura**. Coleção Política e Gestão Culturais. Salvador: Secretaria de Cultura, P55 edições, 2013.

PERASSOLO, João. Lei Rouanet pode encolher 50% com reforma do IR e sufocar museus e orquestras. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, 10 ago. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/08/lei-rouanet-pode-encolher-50-com-reforma-do-ir-e-sufocar-museus-e-orquestras.shtml>>. Acesso em: 7 out. 2021.

PERGUNTAS frequentes: Quais são os componentes dos sistemas de cultura? **Sistema Nacional de Cultura**: Ministério do Turismo/Secretaria Especial de Cultura, [20--]. Disponível em: <<http://portalsnc.cultura.gov.br/perguntas-frequentes/>>. Acesso em: 8 dez. 2020.

SANTIAGO, Selma. A gestão cultural como instrumento de desenvolvimento em Guaramiranga, Ceará. **V ENECULT** – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 27 a 29 de maio de 2009, Salvador. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19221.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2021.

SÃO PAULO formaliza adesão ao Sistema Nacional de Saúde. 6 set. 2013. Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.gov.br/sala-de-imprensa/release/sao-paulo-formaliza-adesao-ao-sistema-nacional-de-cultura-1/>>. Acesso em: 28 set. 2021.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Políticas Culturais no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de entrevistas com ex-gestores culturais

Roteiro de entrevistas

Informações introdutórias:

Bom dia/ Boa tarde/ Boa noite, meu nome é Ana Vitória Nogueira, sou graduanda do curso de Teatro – Licenciatura e Bacharelado, da Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, e nasci e cresci no município de Igarapava/SP. Esta entrevista foi elaborada para levantar dados para meu Trabalho de Conclusão de Curso, no qual estou sendo orientada pelo professor Alexandre Molina e possui como tema central as Políticas Culturais no município de Igarapava/SP. O principal objetivo do trabalho é conhecer sobre o campo cultural em Igarapava/SP, através de alguns procedimentos metodológicos (Lançamento e divulgação de um formulário destinado aos agentes culturais de Igarapava/SP e entrevistas com ex-gestores culturais de Igarapava/SP), que serão analisados a partir de bibliografia especializada da área.

1-Fale um pouco sobre sua trajetória até o momento de sua chegada na gestão do setor cultural em Igarapava/SP.

R.:

(-Antes de o senhor assumir a gestão do campo cultural em Igarapava/SP, você já se relacionava com o mesmo em alguma medida? Ou seja, a cultura já fazia parte de forma mais direta em sua trajetória?)

R.:

2- Hoje em dia, o órgão responsável pela gestão cultural em Igarapava/SP leva o nome de Departamento de Educação, Cultura e Esportes, de acordo com o site oficial da prefeitura de Igarapava. Na época em que o senhor esteve responsável pelo órgão referente ao campo cultural, qual era o nome do mesmo e quais eram as atribuições da pasta?

R.:

3- Durante sua gestão no campo cultural de Igarapava/SP havia um Sistema Municipal de Cultura, um Plano Municipal de Cultura e um Conselho Municipal de Cultura?

R.:

4- De acordo com uma busca realizada no site do Sistema Nacional de Cultura, Igarapava/SP ainda não aderiu ao mesmo. Sendo assim, gostaria de saber se ao longo de sua gestão do campo cultural no município de Igarapava, existiam discussões à respeito da adesão do Sistema Municipal de Cultura.

R.:

(- Em caso afirmativo. O senhor poderia discorrer mais sobre essas discussões?)

R.:

5- Em que consistiam as ações culturais do órgão responsável pela cultura em Igarapava/SP ao longo de sua gestão?

R.:

6- Existe algum relatório de gestão desse período onde posso encontrar essas informações?

(Onde posso encontra-lo?)

R.:

7- E qual era a adesão da população frente à essas ações culturais?

R.:

8- Quais eram os mecanismos de avaliação dessas ações culturais? Ou seja, como a gestão chegava a essa conclusão em relação à adesão da população frente à essas ações culturais?

R.:

9- Existiu alguma dificuldade enfrentada pelo senhor em relação ao trabalho frente ao desenvolvimento do campo cultural de Igarapava durante sua gestão?

R.:

(- Em caso afirmativo. Quais foram essas dificuldades?)

R.:

10- O senhor acredita que o desenvolvimento do setor cultural de uma cidade como Igarapava, acarretaria em outras mudanças na realidade da cidade?

R.:

(-Em caso afirmativo. Quais?)

R.:

11- O senhor gostaria de colocar algo mais?

R.:

Obrigada.

Fonte: Autoria própria.

APÊNDICE B – Entrevistas na íntegra

Entrevista EG1

ENTREVISTADORA: Vou ler umas informações introdutórias: Bom dia, meu nome é Ana Vitória Nogueira , eu sou graduanda do curso de Teatro – Licenciatura e Bacharelado, da Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais e eu nasci e cresci no município de Igarapava – São Paulo. Esta entrevista foi elaborada para levantar dados para o meu trabalho e Conclusão de Curso no qual eu estou sendo orientada pelo professor Alexandre Molina e possui como tema central as Políticas Culturais no município de Igarapava – São Paulo. O principal objetivo de trabalho é conhecer melhor o campo cultural em Igarapava através de alguns procedimentos metodológicos (o lançamento e divulgação de um formulário destinado aos agentes culturais de Igarapava – São Paulo, que já foi realizado, [...])

ENTREVISTADO: uhum

ENTREVISTADORA: [...] e entrevistas com ex-gestores culturais de Igarapava – São Paulo, no seu caso você pegou a última gestão e está dando continuidade.

ENTREVISTADO: isso

ENTREVISTADORA: [...] que serão analisados, esses dados recolhidos com o formulário e com as entrevistas, vão ser analisados partir de bibliografia especializada da área cultural. Então é isso, podemos começar?

ENTREVISTADO: opa!

ENTREVISTADORA: Primeiro eu gostaria que você falasse um pouco sobre a sua trajetória até o momento da sua chegada na gestão do setor cultural em Igarapava – São Paulo.

ENTREVISTADO: É na verdade eu iniciei na administração pública em 2017 né! Antes eu tinha trabalhado na OAB por dez anos e não tinha nenhum vínculo ou aproximação com a cultura do município. E eu assumi o departamento de Turismo, este que, eu diria que os principais projetos da atual administração é nessa parte do Turismo. E tinha outra pessoa no departamento de Cultura, depois essa pessoa saiu e o prefeito pediu que eu assumisse também, paralelamente o Departamento de Cultura e trabalhasse em conjunto com o Turismo. Que a Cultura é um dos braços do Turismo, ou a gente vê assim né, um dos pontos que nós temos que trabalhar. Aí infelizmente veio a Pandemia, a gente não conseguiu colocar tudo em prática né, o que nós tínhamos planejado, mas nós , hoje nós pensamos na retomada e vemos a Cultura como um dos..., uma das..., eu não diria falhas né, mas um dos pontos que nós temos que trabalhar mais do que nos primeiros quatro anos. Inclusive hoje eu estou mais focado no Turismo e outra pessoa vai assumir a Cultura porque a gente não consegue dividir duas responsabilidades. Que a Cultura tem sim que ser tratada como prioridade, assim como o Turismo está sendo tratado, que vai ser muito importante pro município, vai ser importante pro desenvolvimento e vai ser importante para mim também que estou à frente da pasta do Turismo. Então hoje a gente vê a Cultura como um

braço do Turismo, que são os principais, até diria que os principais projetos que está nesse segmento hoje da gestão.

ENTREVISTADORA: Certo. Aí aqui eu coloquei um parênteses, se você puder especificar exatamente o ano que você entrou.

ENTREVISTADO: Eu entrei na administração em Agosto de 2017 e no Departamento de Cultura especificamente em Junho de 2019.

ENTREVISTADORA: Certo. Então essa daqui você já respondeu... Bom, de acordo com o site da prefeitura, o órgão responsável pela gestão cultural em Igarapava leva o nome de Departamento de Educação, Cultura e Esportes, isso de acordo com o site. Eu gostaria de saber se é o Departamento que você esteve, está à frente até hoje, se ainda leva esse nome e as atribuições, né, as responsabilidades do órgão.

ENTREVISTADO: Hoje na verdade está ainda assim, hoje é Departamento de Educação, a Cultura está como uma divisão, o Esporte está como divisão e o Departamento de Educação. Na verdade eu estou no Turismo né, que é um outro Departamento, só que pela aproximação dos setores o prefeito pediu que tomasse a frente nesse período de dois anos aproximadamente, pouco mais de dois anos, e hoje veio uma nova diretora de Educação, outra pessoa de fora e ela pediu que tomasse frente da Cultura e também eu não conseguindo mais trabalhar paralelamente os dois, acho importante também, que para a gente dar também a prioridade no Departamento de Cultura. Então vai vir uma outra pessoa à frente do Departamento, mas hoje a divisão continua da mesma maneira que você citou.

ENTREVISTADORA: Então hoje é, Educação, Cultura e Esporte um e o outro é [...]

ENTREVISTADO: Não, na verdade é Departamento de Educação e a Cultura está como uma divisão do Departamento, assim como o Esporte. E eu estou no Departamento de Desenvolvimento Econômico e o Turismo é uma divisão do Departamento.

ENTREVISTADORA: Ah, tá! Certo, Entendi! E você acabou assumindo os dois?

ENTREVISTADO: Isso, a gente até pensou numa reforma administrativa assim para colocar a Cultura junto com o Turismo, mas aí teria que ter outra pessoa também, porque eu não consigo dar prioridade em duas pastas, entendeu? Mas até para esse processo de retomada pós pandemia, a gente tem que trabalhar a Cultura, seja nas escolas, seja com a população total.

ENTREVISTADORA: Uhum, certo. Durante a sua gestão no campo cultural de Igarapava havia, no caso aqui, barra há né, um Sistema Municipal de Cultura, um plano Municipal de Cultura e um Conselho Municipal de Cultura?

ENTREVISTADO: Na verdade não havia o Plano, nem mesmo o Conselho e a gente estava formatando, iniciando a construção disso tudo, mas depois foi prejudicado pela pandemia e não teve continuidade, mas a gente vai reunir com a nova Secretária de Educação, não falei com a pessoa que vai tomar a frente da Cultura ainda, mas eles já tem esse planejamento de iniciar dessa maneira,

fazendo Plano, fazendo Conselho... Nós já temos, a única coisa que nós temos é o Fundo de Cultura, que a gente tentava utilizar, reverter isso para alguns projetos da Cultura, mas todo esse trabalho a nova direção vai fazer.

ENTREVISTADORA: É, eu perguntei do Plano e do Conselho, até mesmo o Fundo, porque a gente sabe que algumas... tendo algumas organizações, vamos falar assim [...]

ENTREVISTADO: Até facilita a busca de novas emendas, novas verbas[...]

ENTREVISTADORA: [...] é, até seria mais fácil para criar um Sistema Municipal de Cultura e tudo mais, por isso que eu perguntei[...]

ENTREVISTADO: [...] é, a nova direção, nós não fizemos esse planejamento. No Turismo nós temos tudo isso, porque assim, é prioridade minha à frente do Turismo, era essa. Mas a nova direção tem esse pensamento de formalizar tudo isso e planejar o desenvolvimento, as Políticas Públicas de Cultura através do Plano, através do Fundo, através do Conselho.

ENTREVISTADORA: Certo.
De acordo com uma busca que eu realizei no site do Sistema Nacional de Cultura, Igarapava ainda não aderiu ao mesmo, ao Sistema Nacional de Cultura, sendo assim eu gostaria de saber se ao longo da sua gestão do Campo Cultural do município de Igarapava existiam, barra, existem, discussões à respeito da adesão do Sistema Municipal de Cultura.

ENTREVISTADO: Sim, existiam. Lá no início, quando nós assumimos tinha esse planejamento, mas não teve sequência e até para... acho que a pergunta anterior tem relação com essa pergunta também, pra gente adaptar a esse sistema nós temos que ter tudo da pergunta anterior, Plano, Conselho, Fundo... E nós não temos. Primeiro tem que planejar, fazer a nossa parte administrativa aqui, depois, para dar acesso a esse Sistema Nacional.

ENTREVISTADORA: Certo...
Tem algumas perguntas que eu nem vou precisar fazer porque você já respondeu...[...]

ENTREVISTADO: Já falei tudo (risos).

ENTREVISTADORA: Não, é mais livre mesmo... É...
Ao longo desses anos, desde que você assumiu a administração, do órgão responsável pela gestão da Cultura em Igarapava, quais foram as ações Culturais do órgão?

ENTREVISTADO: Na verdade, desde o início lá a gente tentou uma aproximação com as pessoas que trabalham com Cultura e a gente teve dificuldade, porque segundo relatos dessas pessoas, não vou nominar, mas eles não tinham um apoio e estavam um pouco desacreditados da Cultura no município. E a gente teve essa dificuldade de ter essa reaproximação né! Que eu acredito que tenha tido lá atrás também. E depois a gente tentou fazer uma organização, trabalhar com pequenos recursos que nós tínhamos, que hoje a Cultura, acho que é de modo geral, em esfera Federal, esfera

Estadual, a gente não vê a Cultura como prioridade. Sendo assim é muito difícil um município priorizar a Cultura, porque a gente não consegue recurso. A gente vai no Departamento, a gente vai na Secretaria de Cultura do Estado, a gente vê que é um órgão que eles não dão um mínimo de cuidado, pela própria secretaria, pela sede física a gente vê como que eles tratam a Cultura e isso dificulta muito dentro de uma administração municipal. Porque se não tem uma prioridade lá em cima, a gente não consegue priorizar aqui em baixo também. A gente tem essas dificuldades. Paralelo a isso, a gente vê a Secretaria de Turismo no Ministério de Turismo, que é um dos órgãos que eles dão prioridade e a gente consegue certa facilidade pra adentrar, para a gente conseguir emendas e tudo mais. Mas na Cultura a gente vê muita dificuldade e isso vem para os municípios né. É essa a realidade nossa de Igarapava. E a gente trabalhou com o básico do básico, tentando conscientizar a importância da Cultura. Só que eu acho que é um processo a médio e longo prazo né.

ENTREVISTADORA: Lógico, teve a pandemia né, vocês pegaram a pandemia, mas você poderia me dar algum exemplo mais concreto?

ENTREVISTADO: É, nós fizemos o música na praça, que a gente prioriza os artistas municipais, que eles tem um cadastro. É um pouco burocrático, porque a administração pública demanda essa burocracia. A gente tenta reduzir a burocracia, mas mesmo assim a gente esbarra. Mas eles fazem o cadastro, só vingando, foram cinco cadastros de artistas em Igarapava, que nós tivemos. Aí tinha um retorno financeiro para eles e a gente dava a oportunidade para eles apresentarem em praça pública. A gente também teve a cidadania nos bairros, que a gente explora essa parte cultural... Acho que são esses os projetos que a gente deu mais importância para a Cultura.

ENTREVISTADORA: Certo. E existe algum registro, algum relatório dessas ações?

ENTREVISTADO: Dessas ações que eu disse sim.

ENTREVISTADORA: E onde elas se encontram?

ENTREVISTADO: Acredito que estão no Departamento de Cultura mesmo, tem tudo físico né! Digital acredito que não vai ter.

ENTREVISTADORA: Aí o Departamento de Cultura que você fala, funciona lá na Casa da Cultura?

ENTREVISTADO: Aham, hoje está fechado porque vai ter uma reforma lá, estrutural.

ENTREVISTADORA: E em relação a essas mesmas ações que você mencionou, você sabe me dizer qual a adesão da população?

ENTREVISTADO: No Cidadania nos Bairros a gente conseguiu ter uma adesão boa, que a gente ia de bairro em bairro, levava atrações culturais, a gente levava música e tudo mais. Agora o Música na Praça a adesão foi baixa, mas eu acho que por conta dessa burocracia documental que as pessoas mais humildes, que tem menos informações, não conseguiam trazer todas essas documentações para

a gente.
 A gente até colocou o Departamento de Cultura à disposição, mas eles não conseguiram trazer toda documentação por conta da burocracia. Então a adesão foi um pouco baixa, mas foi o primeiro projeto nesse sentido. A gente acha que... tenho certeza que com a continuidade as pessoas iriam se qualificar na parte documental para fazer parte do projeto. Já tinha gente procurando já. É anual, então a gente consegue abrir só de ano em ano, não consegue deixar uma inscrição sempre aberta entendeu?
 E eles procuravam, quando vai abrir, tinha sempre essa expectativa, aí depois veio a pandemia e a gente não conseguiu continuar.

ENTREVISTADORA: Aí as pessoas que se inscreveriam, seriam músicos já? [...]

ENTREVISTADO: Entrevistado: Isso.

ENTREVISTADORA: Entendi... Aí eles faziam a inscrição para participar do projeto?

ENTREVISTADO: O próprio Departamento de Cultura fazia o planejamento das apresentações.

ENTREVISTADORA: Entendi. Certo. E da população em si? O público, vamos falar [...]

ENTREVISTADO: O público foi mediano. Acho que tudo que é novidade causa desconforto para as pessoas procurarem né! Então foi mediano. Foi dentro do esperado. Não foi nem aquém, nem além da expectativa. Para um primeiro projeto foi bom.

ENTREVISTADORA: E você saberia me falar quais mecanismos vocês utilizaram para chegar a essa conclusão, que a adesão foi média [...]

ENTREVISTADO: Do público ou dos participantes?

ENTREVISTADORA: Dos dois.

ENTREVISTADO: Dos artistas a adesão foi boa porque a gente tinha um relacionamento com eles pessoal. E o da população foi mais pelo público mesmo. A gente não teve nenhuma pesquisa nem nada nesse sentido.

ENTREVISTADORA: Mais observando o público... ?

ENTREVISTADO: Isso.

ENTREVISTADORA: Agora aqui, você já falou algumas, mas eu vou perguntar novamente, que eu acho que podem ter mais coisas talvez... Existiu alguma dificuldade enfrentada por você em relação ao trabalho frente ao desenvolvimento do campo cultural de Igarapava durante a sua gestão?

ENTREVISTADO: Existem muitas dificuldades. Eu acho que a principal delas, não pode ser desculpa de falta de planejamento, de gestão, mas eu acho que a falta de recurso nos atrapalha muito na administração total. E isso demanda de muitos anos na nossa cidade. Da forma que nós encontramos né, para administrar a cidade, foram muitas dificuldades, mas a gente não deveria entrar muito nesse

mérito. Mais é no mérito organizacional do Estado e do ente Federativo, que não colocam a Cultura como prioridade hoje. E é muito difícil um município, a não ser municípios que já trabalham nesse setor de cultura há muitos anos e depende desse setor para o desenvolvimento. Mas é muito difícil um município, por exemplo, Igarapava tem um potencial cultural grande assim como um potencial turístico. A gente está iniciando esse desenvolvimento e eu coloco a cultura como uma das principais vertentes do Turismo, mas a dificuldade é essa. Os outros órgãos, tanto a Secretaria, quanto o Ministério não têm essa prioridade do desenvolvimento da Cultura no nosso país e no nosso Estado e isso reflete muito no município. E a própria população também, muito carente de Cultura e acostumaram a viver assim, sem Cultura. Eu falo de forma geral. Essas são as dificuldades, mas nós não podemos sentar e aceitar isso. A gente tem que trabalhar, planejar todos os setores, mas principalmente a Cultura, que nosso povo precisa desse desenvolvimento.

ENTREVISTADORA: E você acredita que o desenvolvimento do setor cultural de uma cidade como Igarapava, acarretaria outras mudanças na realidade da cidade? [...]

ENTREVISTADO: Sim, com certeza.

ENTREVISTADORA: Impactaria outros campos?

ENTREVISTADO: Acho que impactaria todos os outros campos. Hoje a gente sofre ainda com a questão “ai isso é cultural, isso é cultural” só que em muitos pontos não aceitamos que sempre foi feito assim né, muitos pontos a gente não aceita porque a gente está aqui para fazer diferente. Se não fosse para fazer diferente não estaríamos aqui. Mas a Cultura eu tenho certeza que vai impactar em todos os outros setores, tanto na Educação, na Saúde, na parte social, na parte de limpeza urbana, na parte do Turismo também, acho que tudo. Diretamente, praticamente todos os setores né.

ENTREVISTADORA: Bom, eu já cheguei ao fim das minhas perguntas, mas você gostaria de acrescentar, de colocar algo mais?

ENTREVISTADO: Não, acho que deu para abordar sucintamente tudo né, em relação a Cultura na nossa cidade. A gente sabe que precisa fazer mais, que precisa planejar mais, que precisa organizar, mas acho que assim como o Turismo nós estamos plantando uma semente de melhora da cidade e eu, defensor do Turismo, tenho certeza que Igarapava se desenvolverá através do Turismo, mas nós precisamos também da parte da Cultura, que é um dos braços do Turismo. Uma cidade pra se desenvolver através do Turismo precisa ter uma Cultura fortalecida também. Até para manter e pra fazer os turistas voltarem à nossa cidade.

ENTREVISTADORA: Certinho, muito obrigada.

ENTREVISTADO: Eu que agradeço.

Entrevista EG2

ENTREVISTADORA:

Começamos.

Boa Noite, meu nome é Ana Vitória Nogueira , eu sou graduanda do curso de Teatro – Licenciatura e Bacharelado, da Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais e eu nasci e cresci no município de Igarapava – São Paulo. Esta entrevista foi elaborada para levantar dados para o meu trabalho e Conclusão de Curso no qual eu estou sendo orientada pelo professor Alexandre Molina e possui como tema central as Políticas Culturais no município de Igarapava. O principal objetivo de trabalho é conhecer melhor o campo cultural em Igarapava, através de alguns procedimentos metodológicos, no caso, o lançamento e divulgação de um formulário destinado aos agentes culturais de Igarapava, que já foi realizado, e entrevistas com ex-gestores culturais de Igarapava. Esses procedimentos metodológicos no caso, vão ser analisados a partir de bibliografia especializada da área cultural.

É isso.

É, a primeira pergunta é pedindo para você falar um pouco sobre a sua trajetória até o momento da sua chegada no setor cultura em Igarapava, na gestão.

ENTREVISTADO: Bom, a minha formação, como eu te falei né, sou bibliotecário, atuei na área desde... como bibliotecário trabalhei trinta anos, trinta e dois anos como bibliotecário em Ituverava, na faculdade de Ciências e Letras lá, depois fui para São Paulo em Osasco, na Fiel, trabalhei lá mais três anos, depois retornei à Igarapava, trabalhei na municipal, três anos e depois para a Fundação Sinhá Junqueira, na qual eu terminei mais os meus vinte e cinco anos como bibliotecário lá. Me aposentei e depois eu fui convidado pra trabalhar na Cultura, na gestão, em 2016. Foi um ano né, que eu fiquei lá.

ENTREVISTADORA: Certo. Bom, essa pergunta aqui você já respondeu, mas caso tenha alguma coisa extra, a senhora antes de assumir a gestão no campo Cultural, você já se relacionava com o mesmo em alguma medida, ou seja a Cultura já fazia parte de forma mais direta da sua trajetória ?

ENTREVISTADO: Sempre né, acho que a biblioteca, ela agrega a parte cultural, porque conforme a gente vai instruindo, as pessoas vão chegando. Cada local que você trabalha, você trabalha com a Cultura local também. Em São Paulo eu tinha, quando eu trabalhei lá em Osasco, foi uma Cultura diferente que a gente trabalhou junto. Livros muito antigos, histórias que contavam coisas assim, muito antigas mesmo né. Literaturas, que era uma área até reservada que a gente não podia ter muito acesso ao público. Só em exposições. Então era uma parte Cultural do local que agente trabalhava, classificava, catalogava e fazia exposições também. Além da parte técnica, de biblioteconomia.

Em Ituverava nós trabalhamos também com a Cultura local, porque a biblioteca, você acaba aproximando muito do público, das pessoas e você acaba trabalhando também o local, quais as Culturas locais. Você faz um levantamento e sempre andam juntas né. Aqui em Igarapava também e na Fundação Sinhá Junqueira a gente montou um museu para contar a história da Fundação. Porque lá as pessoas aposentavam e iam embora, então a história morria ali. Então nós

resolvemos montar um museu para contar a história do casal, Sinhá e Quito Junqueira, porque não tiveram filhos. Senão ninguém ia pesquisar e deixar registrado. O museu foi uma forma de registrar também a cultura local e a história local da vila, que pertence à Igarapava.

ENTREVISTADORA: Essa ação do museu antes mesmo de você entrar pro Departamento de Cultura ?

ENTREVISTADO: Sim, isso foi em 1999. Então a gente montou o museu, e tinha muito assim, nós sempre tivemos um contato com a municipal, a Biblioteca Municipal, nós fazíamos o intercâmbio de livros, às vezes a Municipal tinha algum livro de interesse do nosso público lá e vice-versa. Então nós fazíamos esse intercâmbio de livros entre bibliotecas também. A gente fazia isso e tinha o acesso. E lá nós montamos muita coisa, exposições e muito mais pra trabalhar também toda a cultura do local. Então é uma área que a gente sempre trabalhou em conjunto né, onde a gente passava a gente levantava essa parte cultural do lugar. Folia de Reis, que é uma marca registrada na cidade. Então a gente convidava a Folia de Reis para fazer as apresentações lá também.

ENTREVISTADORA: Lá na Fundação Sinhá Junqueira ?

ENTREVISTADO: É, lá na vila né. Lá tinha um clube e lá no clube nós fazíamos [...]

ENTREVISTADORA: A Fundação Sinhá Junqueira que você fala é Usina Junqueira ? Que a gente conhece ?

ENTREVISTADO: É, é a Usina que vocês conhecem, é lá mesmo. Então a gente trabalhava muito a parte cultural, tinha o clube, a gente fazia apresentações, a gente fazia as gincanas que era um acontecimento em Maio né, primeiro de Maio, dia do trabalho, era um evento muito grande ali. Sorteios, tudo, mas isso começava uns dois meses antes com disputa de futebol de campo nas fazendas, depois os das fazendas disputavam com os da Vila. Fazia jogo de truco, baralho, jogo de beto, o pessoal tinha a gincana que era um grande forte lá. Pessoal saia atrás de procurar as tarefas que eram passadas. Nossa, era uma disputa bem animada, aquilo lá dava... (risos) a gente sofria porque tinha que fazer as tarefas né, a gente ficava trancado na biblioteca a noite pra fazer as provas e o pessoal doído para saber. Eles ficavam naquela expectativa, então tinha o dia de divulgar, tinha uma prova que era sempre de arrecadação de gênero alimentício, que a gente distribuía. Mas a disputa era bem acirrada, levada bem a sério e era uma tradição.

ENTREVISTADORA: (risos) A minha tia fala muito da época da Usina Junqueira que ela amava!

ENTREVISTADO: E deve ter sido convidada para ser jurada, porque tinha o júri, formava o júri lá pra... O júri tinha que ser... Ninguém podia saber, só na hora. Pra não ter [...]

ENTREVISTADORA: Maracutaia. (risos)

ENTREVISTADO: Isso tudo era fotografado. Na época era só foto, mas tem todo esse registro lá na biblioteca. Aí aqui, lá na Cultura, a gente, quando fui convidado eu tentei fazer

nesse ano que eu fiquei trabalhando datas. Que é uma coisa assim, o que que a cidade se relacionava em relação as datas né. Janeiro era férias, não tinha muita coisa, mas Fevereiro, quando eu entrei... Eu não sei se tem [...]

ENTREVISTADORA: Tem outras perguntas [...]

ENTREVISTADO: [...] que que a gente pode trabalhar de Carnaval, cultural, né. Então o que que nós podemos fazer com o pessoal, com o público, o que que é legal? Então, lá tem a biblioteca também, então a gente fazia exposições dessa parte de Carnaval aqui, o que é Carnaval na Europa, o que é Carnaval no Rio de Janeiro, o que é Carnaval em Igarapava, né ? As vezes, as crianças que frequentavam né, a gente tentava, junto com a outra bibliotecária trabalhar esses temas né.

ENTREVISTADORA: Isso lá na... ?

ENTREVISTADO: Aqui na Cultura, na Casa da Cultura. Porque na Casa da Cultura tinha a biblioteca né e tinha o nosso setor e tinha o setor de computadores também. Que era um programa que o Estado enviava os equipamentos pra quem não tinha internet na época. Então ali ele tinha todo o acesso, inclusive a impressão de trabalhos e tudo mais. Então tinham, acho que eram dez computadores e as pessoas tinham um período né, dedicado lá e tinham 20 folhas que a pessoa podia imprimir trabalhos e tudo mais, porque na época não tinha esse acesso[...]

ENTREVISTADORA: Tão fácil né!

ENTREVISTADO: [...] E o pessoal da Emeife, na época. A gente dedicava um horário pra eles, e a Ana professora, não sei se você conhece, ela levava eles pra fazer o trabalho nos computadores, então tinha um que era com o lápis na boca, então assim, era muito interessante o tipo de trabalho que ela fazia com os alunos especiais. E todos eles tinham uma forma, ela trabalhava isso, uma forma de ele poder ter acesso, assim como as outras pessoas. Então era separadinho, o dia deles, a gente deixava ela a vontade pra fazer [...]

ENTREVISTADORA: Esse período que você tá contando, você já estava na gestão ?

ENTREVISTADO: Na Cultura. Na Cultura.

ENTREVISTADORA: É... Bom, eu vou voltar um pouco aqui nas perguntas, mas depois a gente vai entrar nessas ações de novo, mas acho que se eu ficar embaralhando muito eu me perco. Então eu vou mudar completamente de tópico.

ENTREVISTADO: Tá.

ENTREVISTADORA: Hoje em dia o órgão responsável pela gestão cultural em Igarapava leva o nome de Departamento de Educação, Cultura e Esportes, de acordo com o site oficial da prefeitura de Igarapava. Na época em que a senhora esteve responsável pelo órgão referente ao campo cultural, qual era o nome do mesmo e quais eram as atribuições da pasta ?

ENTREVISTADO: É, a Cultura era ligada à Educação, então eu respondia ao Departamento de Educação. Então a área cultural, o Departamento de Cultura, o acesso meu era só ali dentro e eu respondia à Educação. Então na Época a Secretária da Educação era a Maria, então eu respondia à Maria, e era do Departamento de Cultura, mas era ligado à Educação. Hoje eu não sei... [...]

ENTREVISTADORA: Hoje é Educação, Cultura e Esportes.

ENTREVISTADO: [...] Então é um só que deve... Responde à quem ? É direto com o prefeito ?

ENTREVISTADORA: Hoje na verdade quem tá à frente do Departamento de Cultura é o Secretário de Turismo, mas a Cultura ainda está dentro da Educação. Eu acho que é Educação, Cultura e Esportes, aí acho que eles elencam pessoas diferentes pra assumir cada uma das áreas. Aí hoje em dia quem tá à frente da Cultura é a mesma pessoa que está à frente do Turismo e ele tem mais alguma função ainda. Mas eles estão mudando. Fiquei sabendo quando eu estava entrevistando ele, que eles vão mudar agora e vai ficar uma pessoa responsável só pela Cultura novamente.

ENTREVISTADO: No finalzinho da minha gestão saiu a pessoa do Turismo e me deram essa incumbência, mas não deu pra fazer muita coisa, porque foi dois meses ou três meses, então foi pouco tempo. Então assim, não deu pra você trabalhar. Que é uma área também, que tem que ser bem dedicada né. Porque acho que o que a gente pega, a gente tem que dedicar mesmo né. Eu penso assim. Não passar por cima. Então eu tentei fazer na área cultural o máximo assim, tentei trabalhar bem a parte da cultura mesmo né. Aí começa a dar outras atribuições, a gente acaba pecando em não fazer da mesma forma todas as áreas porque a gente não dá conta.

ENTREVISTADORA: Verdade, acho que por isso que eles estão achando uma pessoa para ficar só com a Cultura. Agora uma pergunta mais técnica, vamos falar assim... Durante a sua gestão no campo Cultural de Igarapava, havia um Sistema Municipal de Cultura, um Plano Municipal de Cultura e um Conselho Municipal de Cultura ?

ENTREVISTADO: Não, não tinha.

ENTREVISTADORA: Nenhum desses três órgãos ?

ENTREVISTADO: A gente procurava alinhar de acordo com o que existia antes. Assim como o desfile, que todo Maio, na festa da cidade tinha um desfile. Tinha um concurso de Miss, nesse período, abrangia nesse mês tinha, com o aniversário da cidade, então tinha desfile, tinha o concurso de Miss e tinham umas premiações, cartão, que homenageava sempre assim, uma pessoa que se destacou na área cultural.

Então era a linha, a única coisa que... E tinham as exposições, a Festa da Cana, que era também ligada à área cultural, apesar de que a parte prática era feita tudo pela, tinha a pessoa responsável lá por fazer barracas, essas coisas mais, mas era ligada também à Cultura. A Festa da Cana era uma tradição que ficava com a Cultura, era a Festa da Cana, o desfile da cidade, que envolvia todos os colégios, a gente

trabalhava um tema, escolhia m tema e distribuía pros colégios. Aí cada colégio desenvolvia. E era a única, assim, único, não se fala, não era bem um planejamento, mas era assim, uma tradição que seguia. Todo ano tinha aí na minha gestão também eu segui.

ENTREVISTADORA: Você já pensou um trabalho voltado para essas datas, igual você falou no início...

ENTREVISTADO: É, aí já tinha um... Já existia um Programa Estadual, que era esses de Teatro, que vinha para a cidade. Eu não lembro qual era o órgão Estadual, mas a gente tinha que fazer um relatório, ver a quantidade de pessoas que assistiam, a gente dava um feedback também. Eles enviavam os cartazes, enviavam o resumo da peça, como é que ia ser, os atores, tarara tá tá e depois a gente se incumbia de dar um lanche para esses atores quando eles vinham, tudo, dar um suporte né. Eles apresentavam e a gente tinha que colocar o público. Lógico né, para apresentar. E eram temas variados. Tinha infantil, tinha tema adulto, tinha pra todas as idades. Tinha musical... Muito lindo, muito bom, excelente trabalho.

ENTREVISTADORA: E esse Programa começou na época da sua gestão ?

ENTREVISTADO: Não, já existia. Porque eu já peguei no último ano assim, então desde que começou acho que era o Chico que era o secretário né, antes de mim [...]

ENTREVISTADORA: O Chico Júnior?

ENTREVISTADO: É, já existia né. Então eu só continuei com esse trabalho que era muito importante. Eu acredito que foi assim, a sensação da época. Eu não sei se continua não, porque você tinha que tá sempre conversando com o pessoal, renovando né. Era gratuito. Mas você tinha sempre que estar fazendo relatório, resumo, tudo e estar enviando pra eles. E sempre quando eles marcavam, a gente tinha que dar o feedback e dar o apoio para o pessoal que chegava.

ENTREVISTADORA: Você lembra o nome do Projeto ?

ENTREVISTADO: Nossa, já tem tempo...

ENTREVISTADORA: Mas pelo que você está falando tem registro [...]

ENTREVISTADO: Tem, tem registro. Quando eu saí eu deixei com a menina que tava lá, não sei se ainda tá porque muda né. Mas eu deixei no computador tudo o que foi feito do ano todinho né. As peças, mês a mês. Porque eu fazia o relatório todo mês e ela tinha tudo registrado lá.

ENTREVISTADORA: Você sabe se esse programa, este projeto, ele tinha... você falou que vinha de uma instância estadual né? Você sabe se tinha relação com o Sistema Estadual de Cultura?

ENTREVISTADO: Tinha, tinha sim. E acho que isso ia para todas as cidades que aderiram à esse programa. Mas é do Estado de São Paulo. Muito interessante, muito bom. Igual eu te falei né, usava o Teatro lá da Casa da Cultura, o Teatro de Arena, que é aquele da Jair

Rodrigues, utilizamos também a praça Sinhá Junqueira. Porque a gente tentava levar o público pra esses lugares né. Dependendo da peça, ela podia ser ao ar livre, era uma peça que precisava né... Então a gente trabalhava em vários pontos que a gente podia chamar mais pessoas né. Se era a noite, de dia, qual o melhor horário né... Mas assim, o público ainda não aderiu muito, o pessoal não era muito acostumado. Você tinha que fazer um trabalho mais intensivo de chamada do pessoal... Alto falante! Você tinha que fazer uma divulgação melhor né, não sei. Mas o pessoal aderiu esse tipo de ação... Acostumar a ir em um Teatro, acostumar com o cinema. Já não tinha mais cinema aqui, mas pelo menos o Teatro. Então a noite a gente conseguiu um público legal, mas não era de encher, porque a vontade da gente era de encher aquele Teatro né, porque era coisa muito bem feita. Todas as peças que vieram eram muito bem feitas. Depois a gente ficava até sem graça com pouca gente, um público pequeno né. Então nós começamos o que, a trabalhar com escola.

ENTREVISTADORA: Levar essas apresentações que já vinham do Estado para as escolas?

ENTREVISTADO: Não, nós levávamos as escolas para o Teatro.

ENTREVISTADO: Ah, entendi.

ENTREVISTADO: Então a noite por exemplo, tinha o pessoal do EJA, que eram os adultos. Tinha mais uns outros, que acho que do Ensino Médio. Então a gente trabalhava com eles dependendo da peça, com esse público. A tarde nós pegávamos uns meninos de..., os alunos de..., dependendo da peça né, aí era a tarde a gente colocava esses de Ensino Fundamental. Então chamava o Colégio lá..., ali da Industrial ali?

ENTREVISTADORA: É Industrial mesmo, eu não sei o nome [...]

ENTREVISTADO: Alfredo Cesário! Lá tem... acho que tinha uns duzentos alunos. Então a gente trabalhava com eles. Mas assim, não... Deveria por exemplo, professor de Português trabalhar legal poder levar a peça, porque a gente já abordava antes. Já informava e tudo, com a diretora, tal... Então seria legal se o professor de Português já trabalhasse o que ia ser, pra eles chegarem lá com uma expectativa e já inteirar. Mas as vezes chegava lá, né... A vontade da gente é que eles interagissem mais... Mas o pessoal era muito bom, eles conseguiam muita coisa. Com os adolescentes principalmente. Criança também.

ENTREVISTADORA: Voltando um pouco nessas ações que você disse que faltava público... Você mesma falou que vocês faziam uma avaliação, um relatório... A que conclusão vocês chegaram na época? Porque que você acha que não enchia o Teatro, porque não tinha tanto público?

ENTREVISTADO: As pessoas não conhecem muito eu acho. Que não tem o hábito de ir assistir esse tipo de trabalho. Então eu acredito que seja a falta de hábito. Agora pra você estimular você precisa de uma política mais substancial. Então você tem que fazer um corpo a

corpo, a divulgação tem que ser bem assim... Passar lá na porta, de chamar, de levar, de carregar, as vezes até carregar né (risos) [...]

ENTREVISTADORA: (risos) Se você fosse comparar por exemplo, na época que você não tava na gestão e você mencionou por exemplo que levava a Folia de Reis lá na Fundação Sinhá Junqueira... Se você comparar com uma coisa que já tá latente na população.... Seria o tipo de coisa que teria uma adesão maior... ?

ENTREVISTADO: Exatamente, porque o pessoal já conhece, já tem o hábito de seguir, de acompanhar. Então o Teatro aqui tem que iniciar um trabalho. Porque nós ficávamos até sem graça de não ter público, então por isso que a gente quase que intimava o pessoal da escola. Os adultos até que gostavam porque, acho que já entendia mais a coisa, mas os mais novos, os mais jovens não sei. Não tinha tanto né. Mas assim, você tem que começar desde pequeno, a trabalhar com os pequenos, com os menores, com a escola mesmo, fazendo esse tipo de trabalho. Pra você já criar um adulto que tenha a consciência, o hábito de apreciar, de achar o Teatro... O que que é o Teatro? Porque né? Porque você faz um... ?

ENTREVISTADORA: Eu faço Teatro né!

ENTREVISTADO: Eu falo assim, você gosta e faz porque você já tinha vontade, isso já tava em você né!

ENTREVISTADORA: Sim, fez parte de toda minha história.

ENTREVISTADO: Então! Isso daí que a gente tinha que criar nas pessoas. Você desde pequena né, apresentava na escola, então é uma coisa pra gente criar o hábito e o gosto né. Agora os adultos e Igarapava né, ainda perde um pouquinho, não teve isso. O espaço sem Teatro, sem Cinema, sem essas coisas eu acho que dificultou as pessoas a terem o acesso e aí não tiveram mais.

ENTREVISTADORA: É... A gente já fez quase todas as perguntas, só faltam as mais técnicas agora. Voltando na questão do Sistema Municipal, Estadual e tudo mais, a quarta pergunta é: Aqui é a quarta, mas a gente já respondeu outras lá da frente tá! De acordo com uma busca realizada no site do Sistema Nacional de Cultura, Igarapava ainda não aderiu ao mesmo, sendo assim eu gostaria de saber se ao longo de sua gestão do campo cultural no município de Igarapava existiam discussões à respeito da adesão do Sistema Municipal de Cultura.

ENTREVISTADO: No período em que eu estava não existiam discussões à respeito.

ENTREVISTADORA: Certo. Agora vamos ver o que a gente já respondeu...

ENTREVISTADO: Vai falando as perguntas e a gente vai vendo.

ENTREVISTADORA: A quinta está perguntando em que consistiam as ações culturais do órgão responsável pela Cultura em Igarapava – SP ao longo da sua gestão. Você acha que faltou alguma coisa que a gente não abordou?

ENTREVISTADO: Bom, eu entrei em Janeiro e saí em Novembro né. Então cada mês eu trabalhei um tema pra tentar, a parte cultural mesmo da cidade. Igual eu te falei, em Fevereiro Carnaval; Março não tinha uma data, mas as vezes tinha Semana Santa, essas coisas. Abril a gente já começava a trabalhar já a parte da cidade, porque o aniversário é 22 então você tinha que fazer todo um levantamento, igual eu te falei, escolher tema porque as escolas todas participavam do desfile (e foi um desfile muito bonito), mais o concurso de Miss, tem que trabalhar, tem que ensaiar, escolher as pessoas, tudo... Tem um técnico né, pra fazer essa parte de desfile. E depois Festa Junina; Julho, férias. Nós trabalhamos muito com a Vovó Querubina, as meninas de lá. Junho também tinha o dia dos avós que nós trabalhamos o pessoal do asilo, do Abrigo dos Velhos e as peças também nós convidávamos para assistir o Teatro, eles iam. Tinham aqueles que tinham condições de ir, então a gente conseguia o pessoal da EMEIFE dava o ônibus, então a gente fazia o horário certinho de o ônibus buscar os avós, os vovozinho né, que eu falava, pra assistir o nosso tetro e levava de volta né. O pessoal da EMEIFE também assistia nossas peças, e aí nós fizemos, nesse dos avós nós fizemos entrevistas cos eles e também levantamos coisas antigas pra lembrar algumas coisas que eles comentavam. Então nós fizemos bastante assim, uma exposição só de coisas bem antigas, peças antigas, na Cultura. Agosto foi o Folclore né, que nós trabalhamos o Folclore, as plantas medicinais, mais outras crenças né. Fomos até à Mansão do Vovô, que lá tinha um arquivo interessantíssimo, de uma senhora que trabalhou muito tempo e juntou coisas. Tem até uma sala só de coisas antigas de época de Folclore mesmo que ela arrecadou lá de gente que foi dando, coisas feitas de papel machê, ferro à brasa, olha, tem uma infinidade de coisas. Então nós selecionamos algumas peças, eles nos emprestaram, nós levamos, expomos tudo e depois nós devolvemos. Muito interessante também. Aí já foi Setembro né, primavera, tal, nós fizemos festinha, coisas assim, pra lembrar e um monte de pesquisa que dava pra fazer, a gente fazia também. Aí Outubro já começou a parte de... O levantamento já de... Não, Outubro foi Teatro, nós trabalhamos bastante esses teatro que vieram, vieram duas peças no mesmo mês, eu acredito que foi em Outubro. Aí depois a gente já caminhou pra... Não deu pra fazer muito mais. A gente não ficou até o fim. Mas o que deu pra fazer e sentir foi isso né, a gente tentou ter bastante contato com as pessoas, levantar essa parte de cultural mais assim, de sentir o que devia, o que não devia, fazer o que mais chamava a atenção deles, o que era mais importante na parte cultural da cidade, levantar... Fotografias né, também, antigas. O pessoal gostava muito, queriam fazer uma exposição. Então...

ENTREVISTADORA: Certo, aí a cinco perguntava dessas ações que a gente já tinha conversado bastante sobre, agora complementou mais, a pergunta seis pergunta justamente sobre os registros e os relatórios desse período que você já falou também. A sétima pergunta sobre a adesão da população que a gente também já conversou sobre. Eu te falei que a gente foi mudando a ordem.

ENTREVISTADO: Um assunto puxa outro...

ENTREVISTADORA: Essa aqui também já foi, vamos lá...

ENTREVISTADO: Depois você tem que achar tudo aqui né!

ENTREVISTADORA: Exatamente, mas vai dar certo. Agora eu queria perguntar pra você se existiu alguma dificuldade enfrentada pela senhora em relação ao trabalho frente ao desenvolvimento do campo cultural de Igarapava, durante a sua gestão.

ENTREVISTADO: Olha, quando a gente entra, no início, quando a gente acaba de formar e você entra num primeiro trabalho seu, tudo que você aprende... Na faculdade você tem tudo né, então por exemplo, eu como bibliotecário, quando eu entrei... Quando eu saí da faculdade eu tinha a ficha tal, a ficha tal, a ficha tal. Tava tudo completinho o meu material. Só que quando eu comecei a trabalhar eu vi que não era assim. Porque nem sempre você tem todo o seu material na mão. As vezes é uma dificuldade financeira, você não pode ter aquilo. Então o que que você faz? Então eu fui trabalhar em São Paulo, em Osasco, e lá eu aprendi como trabalhar sem ter o material, aquele específico. Então se você não tem aquela etiqueta que tem lá assim, que tem que ser desse tamanho e tal, o que que você faz? Você pega um papelzinho, escreve lá bota o durex, entendeu?

ENTREVISTADORA: Entendi.

ENTREVISTADO: Então, eu aprendi a trabalhar assim. Mesmo que você não tenha o seu material, o que que você pode fazer? Então você tem que trabalhar a sua criatividade. Então eu sempre trabalhei pensando na criatividade. Porque todo lugar que a gente trabalha tem as vezes algum problema financeiro e não dá pra você compra tudo. Porque tudo gera custo né! Então eu sempre fiz assim.

Então quando eu trabalhei em Ituverava foi assim, quando eu trabalhei na Fundação Sinhá Junqueira foi assim também. A fundação as vezes dava um material, lá a gente até que conseguia ter mais coisa, mas por exemplo, meu computador lá foi feito com peças daquele que sobrou daqui, dali e eu ganhei um computador da escola, da diretora da escola, mas ótimo entendeu! Adorei! Fiquei com aquele computador muitos anos. E aquela impressorinha que eu tinha que dar uns tapinhas nela, dar uma descansada pra ela poder funcionar. Então quando eu cheguei ali na Cultura eu não pensei que ia ser fácil. E nem pensei em fazer coisas deslumbrantes, porque a gente sabe como é que é. E cada ano parece que as coisas pioram financeiramente.

Então eu fiz assim, trabalhar... O que que dá pra fazer sem muito custo ou sem custo nenhum. E foi assim que eu trabalhei. Sem pensar que eu poderia fazer... né... Que eu ia ter um valor todo mês pra eu poder gastar. Nunca pensei nisso porque realmente não era por aí. Tudo que eu fiz foi convidando um, outro, "o que que você tem para oferecer?", as exposições era tudo doações, empréstimos né, naquele período, depois a gente devolvia. O que que dá pra fazer com papel... com o que que a gente tem. Então nós trabalhamos assim. Pra mim não teve dificuldades, porque eu não pensei em fazer coisas suntuosas, porque a gente sabe que não ia ter. E esses teatros foram

uma coisa muito legal e foi tudo gratuito. Então o que a gente podia fazer gratuito a gente conseguia fazer. Pra mim foi legal.

ENTREVISTADORA: É, chegando ao fim. Queria saber se a senhora acredita que o desenvolvimento do setor cultural de uma cidade como Igarapava acarretaria em outras mudanças na realidade da cidade.

ENTREVISTADO: Com certeza. Porque quando você trabalha a Cultura, as pessoas vão enxergando as coisas de forma diferente. Quando você tem o conhecimento, você consegue trabalhar a sua vida de forma diferente. Então eu acredito que culturalmente você vai enriquecer o seu ser, você se enriquece, você fica enriquecida em tudo né. Nas palavras, na forma de conversar, você trabalha mais os assuntos, porque você lê, porque você escuta. Então isso tudo pra mim... O convívio das pessoas. Então se você trabalha a música... Lá tinha uma sala que tinha um senhor que dava aula de violão uma vez por semana. Fazia parte lá da Cultura também. Então ele resgatava algumas crianças que nem sabia né, ele ensinava. Só acrescentou para aquelas pessoas. Então muda, muda uma cidade, muda tudo, muda até o país né.

ENTREVISTADORA: Por fim, eu queria saber se você queria colocar algo que não foi dito.

ENTREVISTADO: Acho que eu falei até demais né! (risos) Mas assim é muito legal agente falar porque a gente relembra né. A gente revive, e isso é muito gostoso. Reviver um período que eu achei... Eu sempre gostei do que eu fiz, do que eu faço. Então assim, é muito bom, muito gostoso. E Cultura é muito importante. Educação, Cultura. Eu acho que tudo agregado... É muito importante pra vida da gente. Pra todos né. E muito bom, fiquei muito feliz com você trabalhando uma área que é muito legal! Nossa! Vai te abrir leques pra tudo quanto é jeito...

ENTREVISTADORA: Muito obrigada. Muito obrigada pela disposição, boa vontade.

ENTREVISTADO: É um prazer.

ENTREVISTADORA: Vou desligar.

Entrevista EG3

ENTREVISTADORA: Já está gravando.

ENTREVISTADO: Ok.

ENTREVISTADORA: Vou ler algumas informações introdutórias.

ENTREVISTADO: Tá.

ENTREVISTADORA: Boa noite, meu nome é Ana Vitória Nogueira , eu sou graduanda do curso de Teatro – Licenciatura e Bacharelado, da Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais e nasci e cresci no município de Igarapava – São Paulo. Esta entrevista foi elaborada para levantar dados para o meu trabalho e Conclusão de Curso no qual eu estou sendo orientada pelo professor Alexandre Molina e possui como tema central as Políticas Culturais no município de Igarapava. O objetivo principal do trabalho é conhecer melhor o campo cultural em Igarapava – São Paulo, através de alguns procedimentos metodológicos: o lançamento e divulgação de um formulário destinado aos agentes culturais de Igarapava, que já foi realizado, e entrevistas com ex-gestores culturais de Igarapava. Que serão analisados, os dois procedimentos metodológicos, a partir de bibliografia especializada da área.

É

isso.

É isto, podemos começar ?

ENTREVISTADO: Ok, podemos sim.

ENTREVISTADORA: Primeiramente, se você puder falar um pouco sobre sua trajetória até o momento de sua chegada na gestão do setor cultural em Igarapava.

ENTREVISTADO: Sim. Bom gente, eu sou o Chico, fui diretor da Cultura de Igarapava entre 2013 até 2015 e vou falar um pouquinho da minha história. Eu comecei fazendo o curso de Teatro, esses cursos de teatro que tinham na Casa da Cultura quando eu tinha 13, 14 anos. Então sempre me despertou esse interesse a área cultural, porém não era meu foco. Quando entrei na faculdade – eu fiz faculdade de Jornalismo, Comunicação Social com habilitação em Jornalismo – e dentro do curso de Jornalismo, pra melhorar a interpretação, principalmente nas aulas de televisão, a gente fez um pedido lá na diretoria do curso da época e a gente pediu que a gente tivesse aula extra de Teatro pra colocar no currículo nosso e o curso aceitou. Então a gente fez mais dois anos de Teatro dentro do curso de Jornalismo, como atividade extracurricular. Foi muito bom! E eu sempre tive essa paixão pela Cultura de modo geral e pelo Teatro também. Aí depois eu comecei – sempre gostei muito de língua inglesa mesmo fazendo Jornalismo. Quando eu terminei a Faculdade de Jornalismo, a escola de inglês onde eu fazia aula, que era o ABC, me convidou pra trabalhar lá na área de marketing e secretaria. E eu fiquei trabalhando logo depois da universidade lá no ABC e comecei a dar aula de inglês também, que é uma paixão! Eu despertei o interesse pela área de Educação e cursei Letras, porém não finalizei o curso, parei no segundo ano, tranquei o curso. Até hoje eu não sei porque, mas assim, eu não concluí o curso de Letras, mas fiz especialização dentro do ABC, fiz pós-graduação em “Inglês

Intermediário e suas Literaturas” no Rio de Janeiro... Então eu sempre tive ligado à área de Educação e Cultura. E dentro do ABC eu fazia algumas ações de marketing que chamavam bastante a atenção da cidade em geral, que era gincanas grandiosas, fazia várias ações dentro da escola de Inglês ligadas à cultura americana que despertava a atenção da cidade. Promovia Halloweens... Então isso criou certa visibilidade de mim para a cidade inteira. Então quando o prefeito, na época o João, foi eleito prefeito, ele me convidou pra entrar na pasta de Cultura devido à isso né. Meu destaque como professor de Inglês [...]

ENTREVISTADORA: Em que ano que você entrou ?

ENTREVISTADO: Eu entrei no ano de 2013 e fiquei até 2015. E a minha saída da área da Cultura, como é tudo sigiloso aqui, eu vou realmente falar o motivo da minha saída.

ENTREVISTADORA: Você pode falar o que você quiser.

ENTREVISTADO: Então, pra mim foi a realização de um sonho, esse convite né... Tipo, eu sempre gostei, admirei a Cultura. Eu sabia os nomes dos antigos da Cultura que tinha aqui, admirava eles, por exemplo, a Ana, que é uma professora maravilhosa de Literatura que tem aqui na cidade; a Maria, José. Todos eles tinham um esforço de impulsionar a pasta aqui. A gente via, mas a gente não conseguia ver muito resultado, eu pelo menos não conseguia. Porque eu não conseguia ver continuidade. Entendeu ? Como acontece muito nas Políticas Públicas de qualquer município, sempre quando muda o prefeito, por mais que o projeto seja bom ele é interrompido pela nova gestão. Isso é algo que meio que mata a Cultura por si só. E eu fiquei chocado com isso. Eu tinha muitos sonhos, mas essa realidade já foi direto ao meu encontro quando eu conversei com os próprios funcionários da Casa da Cultura de Igarapava, que até hoje me mandam mensagens porque... “Chefe, volta por favor!”. Eu amo eles de paixão! Construí uma boa equipe com os funcionários que têm lá, desde o faxineiro até a oficial administrativa lá da Casa da Cultura, tipo, sem distinção, eu envolvi eles no projeto Cultura. Eu fiz eles acreditarem junto comigo, “Vamo, vamo fazer Cultura em Igarapava, a função nossa é essa.” Entendeu ? “Vamo promover eventos, vamo fazer aulas... A Cultura tem que aparecer.” E realmente consegui ter um certo destaque. Até hoje sou muito elogiado enquanto eu era secretário da Cultura, fiz ótimas festas, a população de forma geral acreditou no meu Projeto né, que eu apresentei, e abraçou e gostou muito.

Porém infelizmente, logo no início de 2015, surgiu vários boatos, até então é... De corrupção dentro da minha administração é.... E eu comecei a notar algumas coisas assim... Que as pessoas meio que associavam eu àquela gestão. Associava que eu seria, vamos dizer, corrupto também, por fazer parte daquela gestão. E aquilo foi me desagradando muito sabe! Foi assim... Por mais que eu não tinha provas, que eu não sabia de nada, mancha a imagem da gente. E não era isso que eu queria pra mim, para a minha imagem. Não, eu quero ser um Secretário da Cultura numa gestão também que faça bem pra cidade, porque, tipo... O que muitos prefeitos, principalmente aqueles corruptos fazem quando a situação fica feia

pra eles, eles gostam de usar a Cultura como pão e circo pra distrair a população sobre... Sobre aquilo que realmente eles deveriam prestar atenção. Então pra evitar isso, que eles usassem eu pra camuflar algumas coisas que traziam insatisfação para a população, eu pedi demissão pra ele. Então eu não fui demitido, eu fui lá e falei assim para o prefeito “Estou saindo porque eu discordo de algumas atitudes desse governo e não quero continuar.” Sabe, e acho que é isso. Não é que eu abandonei a Cultura, porque fala “a tá abandonando a Cultura...” não é isso. Eu quis me tirar, porque eu não queria construir algo numa coisa que depois tudo ia por água abaixo por si só. Porque tudo que o governo fizesse, por mais que fosse bom ou ruim, ele ia ser taxado como um governo corrupto e de pessoas corruptas, né! Então eu saí, pedi demissão, fui trabalhar como assessor de imprensa na câmara municipal e minha vida foi criando outros rumos e outras trajetórias, porém até hoje eu tenho a Cultura dentro do meu coração.

ENTREVISTADORA: Já começamos assim já... (risos)

ENTREVISTADO: (risos) Essa foi a primeira pergunta né ?

ENTREVISTADORA: Essa foi a primeira pergunta... não mas, ó, na primeira pergunta tinha vários parênteses aqui que você já falou todos eles.

Porque é isso também, se você falar alguma coisa que eu ia perguntar lá na frente eu nem preciso perguntar mais. Bom, eu vou mudando as vezes drasticamente tá ? Meio bruscamente de assunto... De tópico...

ENTREVISTADO: Tá!

ENTREVISTADORA: Hoje em dia o órgão responsável pela gestão cultural em Igarapava- São Paulo, leva o nome de Departamento de Educação, Cultura e Esportes, de acordo com o site oficial da prefeitura de Igarapava. Na época em que o senhor esteve responsável pelo órgão referente ao campo cultural, qual era o nome desse órgão e quais eram as atribuições da pasta ?

ENTREVISTADO: Olha, era exatamente o mesmo nome e o mesmo modelo de organograma que esse governo atual faz. Nessa pasta eles não mudaram muito, porque quem vai trabalhar com Política Pública Municipal vai perceber que a pasta de Cultura não tem dinheiro nenhum, nenhum, nenhum, nenhum. E ela precisa se apoiar na pasta da Educação pra conseguir realizar os projetos. Então, isso é até uma dica pra qualquer pessoa do Brasil que for um gestor de Cultura Municipal, um Diretor de Cultura Municipal: Você foi convidado pelo prefeito? Ame a Secretária ou o Secretário de Educação, faça amizade com ele, seja o melhor amigo, coma carne junto, vá pro restaurante junto, viva tudo que você puder com o Secretário da Educação. O melhor amigo que você pode ter... Nem o prefeito é necessário. O vínculo entre a Cultura e a Educação tem que ser tão íntimo... Porque senão a Cultura não desenvolve. Não desenvolve mesmo. Porque não tem orçamento pra realizar projetos. Então tem que fazer o que, tem que elaborar uns projetos com a participação da Educação e fazer com que a Secretária da Educação compre sua ideia, compre o seu projeto pra você junto com a Educação fazer um projeto. Porque não tem recurso. Os recursos são muito escassos, tanto Estaduais, quanto

Federais né.
 Então pra você realizar Cultura dentro do seu município, você tem que se apoiar na Educação. Então era esse mesmo nome sim, Secretaria de Educação, Cultura e Esporte e o que eu fazia, eu me apoiava totalmente na Educação pra realizar projetos. Então aqui, em nível municipal eu acredito que pode ser assim mesmo, a Cultura meio que ser uma subpasta da Educação. “A, por que? Você acha que a Cultura sozinha não teria capacidade nem qualidade pra realizar um trabalho?” Não. Qualidade até pode ter, mas capacidade realmente não tem, porque não tem verba própria. Não tem recurso próprio dentro da arrecadação municipal pra desenvolver uma pasta só de Cultura. Entendeu?

ENTREVISTADORA: Entendi. Durante a sua gestão no campo Cultural de Igarapava, havia um Sistema Municipal de Cultura, um Plano Municipal de Cultura e um Conselho Municipal de Cultura ?

ENTREVISTADO: Exatamente. Eu fui o primeiro na verdade... Bom... Fui o primeiro porque eu sei que fui eu que passei a lei lá né. Na minha gestão a primeira coisa que eu queria fazer é o que. Eu queria que um projeto... Que não acabasse quando eu saísse. Aí eu pensei, quais são os passos que eu preciso fazer pra que isso aconteça?

O Conselho era uma delas né, porque aí a gente poderia abrir uma Fundação Cultural e essa Fundação Cultural, meio que separada, porém dependente do município, mas uma instituição mais separada. Essa Fundação Cultural tomaria conta dos projetos e manteria esses projetos ao longo dos anos, independente do secretário da cultura que fosse, por quê? Porque a Fundação Cultural responderia ao Conselho Municipal de Cultura, ou seja o Secretário ia ter uma certa influência, porém não ia ter autonomia pra fazer assim ó “Vamos fechar esse projeto, vamos interromper, isso não presta, isso não vira.” A Fundação Cultural ia funcionar independente ao longo dos anos. Então eu criei na minha época, com lei, fiz, estruturei... Tem a Lei lá na Câmara Municipal. Eu que fui o Secretário que apresentou e os vereadores aprovaram.

A gente tem o Conselho Municipal de Cultura e Patrimônio Histórico de Igarapava. Que eu já aproveitei e já puxei o patrimônio histórico pra que não perdesse, e pra que se a gente precisasse tomar algumas coisas, a gente tombaria com mais facilidade. Por exemplo, a ponte velha foi uma preocupação que eu tive na época. Eu fiz um tombamento dela municipal, sabe, eu fiz questão de tomar pra preservar. Porque o medo com esses projetos de Turismo... Que tá chegando próximo lá... A gente perder a riqueza do Patrimônio Histórico que é a ponte, que tem símbolos e marcas da Revolução de 32 do Estado de São Paulo, ente Minas né, a guerra de Minas e São Paulo. A guerra do café e do leite. Então a gente ia perder isso facilmente.

Então eu fiz o Conselho Municipal de Cultura e Patrimônio Histórico de Igarapava.

ENTREVISTADORA: Certinho. Então é isso né, você fez, criou o Conselho Municipal, mas o Sistema, não chegou a aderir? O Sistema Municipal e o Plano Municipal de Cultura?

ENTREVISTADO: Não, fiz o Plano também, porque tinha que apresentar junto com o Conselho e o Sistema Municipal a gente não teve. Porque eu não consegui desenvolver todo trabalho, eu meio que tive que sair, entendeu? Por essas questões que eu já falei antes. Mas a gente fazia o Plano, Plano Anual e Plano, quatro anos né. Tipo assim, o Plurianual eu acho, se eu não me engano. Que a gente fazia os projetos que a gente ia desenvolver ao longo do ano e os próximos três anos também. Uma ideia do que a gente ia querer realizar.

ENTREVISTADORA: Certo. Então baseada nisso que você acabou de falar, então existiam discussões, vocês discutiam sobre a adesão de um Sistema Municipal de Cultura?

ENTREVISTADO: Sim, sim. O próprio. Né, que poderia ser uma Fundação, algo que se mantivesse sozinho. Não sozinho, mas que não tivesse tanta influência do prefeito e sim da comunidade, através desse Conselho Municipal.

ENTREVISTADORA: Certo. É... Agora, se você puder falar um pouco sobre as ações culturais do órgão responsável pela Cultura em Igarapava, ao longo de sua gestão. Em que consistiam suas ações, além de todas essas que você já falou, da criação do Conselho...

ENTREVISTADO: Bom, além dessas de estruturação da pasta em si, onde eu pegava tudo... Eu tentei fazer com que ela ficasse firme, resistente. Eu tava preparando para que ela não se fragmentasse, que deixasse boas informações pros próximos. Pra cada vez mais dar continuidade, então eu tentei primeiro estruturar ela, primeiro projeto. E eu queria parcerias estaduais aqui. É... Eu falei assim "Não é possível que o Estado de São Paulo não tem nenhum programa que possa trazer pra cá..." Tipo, o Estado de São Paulo, um dos Estados mais ricos do Brasil, deve investir em Cultura de alguma forma. Então eu descobri que tem vários Sistemas no Estado de São Paulo, vários... É... Tipo consórcios que você pode estar pedindo através do Estado pra estar aqui. Então eu fiz o contato com o Museu da Imagem e Som e mantive o Ponto Miss, que trazia oficinas sobre cinema para a cidade [...]

ENTREVISTADORA: Eu fiz uma oficina.

ENTREVISTADO: Você fez! ? Então!

ENTREVISTADORA: De fotografia.

ENTREVISTADO: E gostou? Foi maravilhosa né! Então eu tentava trazer a cultura através desses consórcios, desses programas do Estado de São Paulo. Tinha esse que era o Ponto Miss, de oficinas de cinema pra cidade, e tinha também o Circuito Cultural Paulista, que traziam apresentações. As vezes eram peças, as vezes eram malabaristas, não necessariamente era só Teatro, mas trazia diversas apresentações toda vez, por mês, para a cidade. Então eu consegui ter esses dois convênios. Fui apoiador e mantenedor do Projeto Guri, que é algo que também... A gente praticamente... É... Não é nosso. A gente não tem influência

nenhuma sobre o Projeto Guri, porém a gente tem que dar o apoio pra que ele se mantenha aqui na cidade. E teve... Tive vários problemas, porque o prefeito já chegou a cogitar na minha época de tirar o Projeto Guri e eu tive que brigar bastante. Jamais! Que é algo que a gente só tem que manter, dar uma estrutura legal pra que o projeto aconteça. E infelizmente é isso que acontece, tem prefeito que acha que Cultura é desperdício de dinheiro, sabe! Não vê a importância daquelas crianças carentes estarem lá no Projeto Guri, que traz música. Eles aprendem violão, eles aprendem percussão, aprendem coral, sabe... O benefício que isso traz pra família. É aquela forma, achar que cultura... É o que eu tinha te falado lá antes, não é uma ciência, não é uma... Algo que vai trazer benefício pra uma... Pra cidade de forma geral.

Infelizmente muitas pessoas são assim. Não vê que o Teatro é uma ciência e não vê. Tipo, isso não é só a população mais mal informada não.

Igual eu tinha te falado, eu acredito que tem secretários da cultura que tenham passado pela pasta que tem a mesma mentalidade. Que Teatro é uma brincadeira “Vamo lá fazer uma pecinha e pronto acabou.” Não entende a cultura como ciência, como esforço, como trabalho, como... Que traga resultados pra cidade. Pra baixar a taxa de criminalidade, sabe. Até mesmo de violência doméstica, de abuso infantil. Porque essas crianças quando estão nesses projetos, elas têm contato com outros adultos que podem contar mais sobre sua realidade, dentro de casa. Tiram essas crianças de ambientes que as vezes... Infelizmente a gente não pode falar hoje em dia que... Tá em casa, tá seguro. É tão alarmante o número de violência doméstica que a gente tá vendo nos dias de hoje, que as vezes, quanto mais a criança está fora de casa, talvez ela esteja mais segura. Então tudo isso é... Tudo isso pode ser proporcionado através da pasta da Cultura. Entendeu? E infelizmente não... Ainda depende do prefeito. A realidade é essa. Depende da mentalidade que o prefeito tem sobre... Enxerga o que é cultura ou não.

ENTREVISTADORA: Entendi. Sobre essas ações que você acabou de falar. Existe algum relatório de gestão desse período? Onde eu possa encontrar essas informações?

ENTREVISTADO: Eu acho que tá lá na Casa da Cultura, com a Tereza. Você pode procurar.”

ENTREVISTADORA: Mas tinha? Vocês faziam esse relatório?

ENTREVISTADO: Uhum. Fazia. Fazia tudo. Era tudo documentado.

ENTREVISTADORA: Certo. E em relação a [...]

ENTREVISTADO: Se eu não me engano você pode requerer. Fazer o requerimento lá na Câmara Municipal pedindo... “Eu quero a Lei do Conselho Municipal de Cultura e Patrimônio Histórico”. Se eu não me engano ela é de 2015, não tenho certeza se é 2014 ou 2015, mas você fala assim “Quero ver essa Lei.”. Você pode pegar a cópia dela e ver lá como que foi feita a estrutura certinha.

ENTREVISTADORA: Uhum. E em relação ainda à essas ações, que aconteceram durante a sua gestão da pasta da Cultura. Você sabe me dizer qual era a adesão da população frente à essas ações culturais?

ENTREVISTADO: Depende. É assim. Tem que... Dentro da Cultura você tem que enxergar a cultura em duas partes. Cultura e Eventos. Entendeu?

Assim, é... Eventos eu falo assim, de show... Festivais. Vamos por assim, festivais. Porque na verdade o Teatro... Tudo estão no evento, mas assim, festivais onde vem cantores famosos com certeza. Assim como o Carnaval e a Festa da Cana que é uma Festa Tradicional aqui, a população abraçava com muito mais anseio, porque todo mundo quer ir num show ver um cantor famoso. Né? E ficar bêbado e tal, lá! Mas eu acredito que na minha gestão foi boa também, porque além disso a gente recebia companhias teatrais. Iam várias da cidade ver esses shows... Tanto Teatro Infantil, tudo terceirizados mesmo... Eu recebia essas companhias teatrais que vinham fazer essas apresentações e eu lembro de a casa sempre estar cheia... Tipo, na minha época, eu sei porque eu estava lá né. Então eu via que a comunidade de forma geral abraçou a cultura, tipo... Ia... Oficina ia, Oficina de Teatro tinha... Tinha... É... Oficina de Dança do Ventre, Oficina de Violão. Aí tinha o Projeto Guri. Tudo isso ajudava a massificar e divulgar. Usava muito a publicidade, punha nas minhas redes sociais mesmo! “Gente, vem pro Teatro, vai ter uma peça, tal...” Motivando pra cada vez mais o público fosse e aderisse esses projetos culturais. Não só aqueles festivais que a grande massa vai. Sabe? Abraçar mais o Teatro, o Violão, a oficina de fotografia, como você mesma foi. Então esses programas eu fazia o máximo pra divulgar o máximo possível.

ENTREVISTADORA: E quais eram os mecanismos de avaliação dessas ações que vocês realizavam?

ENTREVISTADO: A pesquisa da prefeitura. O prefeito fazia uma pesquisa de três em três meses sobre todas as Secretarias. Porque político o que tem mais medo é de não reeleger né! Então ele sempre faz uma pesquisinha, pra ver o que... Que secretário está bom, que secretário está mal, pra trocar... Aí eu sempre fui bem avaliado pela população. Até quando eu saí, sempre estava entre os mais bem avaliados.

ENTREVISTADORA: É... Isso eu acredito que você já falou um pouco né, mas se tiver alguma coisa a mais... Eu queria saber se você considera que existiram dificuldades enfrentadas por você em relação ao trabalho frente ao desenvolvimento do campo cultural em Igarapava.

ENTREVISTADO: Muitas, muitas, muitas... Tipo... Eu falava coisa que nenhum secretário tinha falado até então. Eu cheguei a bater de frente com o prefeito. Sabe... Isso... Eu fiz uma equipe muito forte, que os meninos ficaram motivados porque até então eles eram uns funcionários que eram deixados... “Cultura. Ah, você trabalha na Cultura? Você não faz nada.”. Era isso que meus funcionários tinham na carreira deles de trabalho, no serviço público. “Ah, você é funcionário da Cultura? Ah você não tá fazendo, você não faz nada.” Os outros setores da prefeitura falavam isso pra eles. E quando eu trouxe essa proposta, essa força, esse senso de união dentro daquele grupo. “Vamos fazer a Cultura! Cultura gente! O departamento de Cultura sabe, é o mais chique. É chique. Você é da

Cultura”. Deu uma autoestima nos funcionários que até hoje, igual eu te disse, até hoje eles gostariam que eu voltasse porque eles se sentiam valorizados pela população. Eles deixaram de ser os funcionários que não faziam nada e faziam alguma coisa. Sabe, e eles estavam sempre comigo, sempre comigo. Eu... Assim, as dificuldades que eu tive foi enfrentar esses preconceitos sobre a cultura que tem dentro da cidade. Essas motivações políticas e influências políticas que atrapalham o desenvolvimento da pasta. Porém, eu tive um retorno e uma equipe muito boa, que me ajudou a contornar essas situações. Eles foram muito parceiros. Mas eu tive dificuldades sim, porque o preconceito e o desconhecimento sobre o que é a Cultura na minha opinião que... Ninguém sabe definir o que é Cultura, porque a Cultura é muito subjetiva, porém pelo menos entender que existe um pensamento sobre a Cultura, muitos nem tem esse pensamento. “Ah, Cultura é... Ah, faz uma dancinha ali, faz um teatrinho ali... Tá ótimo! Já agradei a população.” Não Cultura não é isso. A Cultura tem que ser um agente transformador né, da sociedade. O intuito de você fazer um programa de cultura é que ele transforme a realidade daquela comunidade de alguma forma. Senão não tem propósito mesmo, aí realmente é aquilo que as pessoas pensam. Não. Eu não quero que a Cultura seja isso. Uma pecinha. Eu quero que a Cultura transforme. Entendeu?

ENTREVISTADORA: Essa aqui você já respondeu... Estamos no fim!

ENTREVISTADO: Já! ?

ENTREVISTADORA: Sim. É... Você também já falou um pouco sobre... Mas eu acho que talvez a gente possa aprofundar mais nisso. É... No caso, o senhor acredita que o desenvolvimento do setor cultural de uma cidade como Igarapava, acarretaria em outras mudanças na realidade da cidade?

ENTREVISTADORA: Com certeza. É a transformação que a cidade precisa e que nosso país inteiro precisa. Só que como tudo começa de sementinhas, eu não sei de que forma... Acho que tinha que ter um diálogo melhor entre os Secretários de Cultura Municipais. Sabe? Tinha que ter mais sobre isso... Os Agentes de formação cultural, os agentes culturais... Cada município tinha que ter contato. Fortalecer essa corrente pra que consiga ter essa mudança de pensamento. Porque eles não vão enxergar essa mudança se ela não for realizada. Entendeu?

A gente tem que começar a desenvolver isso cada vez mais. Formas pra mostrar... O município que tem uma taxa de cultura melhor, onde o departamento se desenvolva mais, ele tem melhores índices, por exemplo: com a criminalidade reduzida, com a alfabetização de maior número... Tipo, o impacto tem que ser sentido nas estatísticas pra que as pessoas percebam o tanto que é importante a Cultura. Aí depende do prefeito... O que barra mesmo... E o Plano de Governo do prefeito que foi eleito. Se ele não acredita em Cultura, ele não vai desenvolver nada. E nunca vai desenvolver, porque não vai ter oportunidade. Infelizmente a gente tem que esperar que tenha um gestor, um prefeito que abrace a cultura pra que ela se desenvolva.

ENTREVISTADORA: Chegamos ao fim, mas eu gostaria de saber se você quer colocar algo mais que não foi dito... Se você acha que a gente deixou de abordar algum ponto importante [...]

ENTREVISTADO: Deixa eu ver... Hm... Como é um trabalho científico e vai para uma grande Universidade do Brasil, gostaria que as universidades... Os pesquisadores que tiverem acesso à essa pesquisa, que eles se sensibilizassem com isso. Como que a Universidade poderia atingir mais a sua região, seu entorno... Por exemplo, normalmente as universidades ficam nas grandes cidades, que já tem um nível cultural mais desenvolvido. Como que eles podem atingir as cidades satélites do seu entorno pra desenvolver a Cultura daquele município. Cada vez mais também através da ciência. O apoio da universidade dentro não só da cidade onde ela está, mas das cidades ao entorno. Acho que quanto mais elas chegarem lá, o desenvolvimento vai ser maior e melhor.

ENTREVISTADORA: Tá certo. Muito obrigada. Acabamos. Vou pausar.

ENTREVISTADO: Obrigada você.

Continuação:

ENTREVISTADO: Gente, voltando aqui só pra falar uma coisa que eu lembrei.

Que é muito presente aqui na nossa região, que são as Folias de Reis, sabe... É algo tão importante, enraizado na Cultura de quem é do interior do Estado de São Paulo. E eu não consegui... Eu falo isso, me dá tristeza esse assunto. Que eu tentei desenvolver algo e não consegui e eu acho alarmante que isso vem se perdendo cada vez mais.

A essência da Festa de Folia de Reis, o simbolismo, a parte cultural da festa em si só cada vez se perde mais, por falta de incentivo público e por falta de gestores também que possam olhar um pouco mais sobre isso. Porque eles querem apenas aquele apoio simples. Quando eu tentei desenvolver alguns projetos com eles, eles queriam um violão, instrumentos, figurinos. E nem isso a gestão municipal da época conseguiu dar. E é com pesar. Então eu só queria adicionar isso, pela vivência que eu tive aqui. Beijos.

Entrevista EG4

ENTREVISTADORA: Boa noite, meu nome é Ana Vitória Nogueira , sou graduanda do curso de Teatro – Licenciatura e Bacharelado, da Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais e nasci e cresci no município de Igarapava – São Paulo. Esta entrevista foi elaborada para levantar dados para o meu trabalho e Conclusão de Curso no qual eu estou sendo orientada pelo professor Alexandre Molina e possui como tema central as Políticas Culturais no município de Igarapava – São Paulo. O objetivo principal do trabalho é conhecer melhor o campo cultural em Igarapava – São Paulo, através de alguns procedimentos metodológicos: o lançamento e divulgação de um formulário destinado aos agentes culturais de Igarapava e entrevistas com ex-gestores culturais de Igarapava. Que serão analisados, os dois procedimentos metodológicos, a partir de bibliografia especializada da área cultural.

Certo ?

ENTREVISTADO: Certinho.

ENTREVISTADORA: Vamos começar?

ENTREVISTADO: Pode.

ENTREVISTADORA: Primeira pergunta. Fale um pouco sobre sua trajetória até o momento de sua chegada na gestão do setor cultural em Igarapava – São Paulo.

ENTREVISTADO: Bom, na verdade eu acho que essa parte de cultura sempre me encantou. A parte de... Alma florida. Tinha um amigo meu que era professor de Teatro que falava isso: “Marco, a sua alma é florida.” Eu gosto. Eu gosto do belo, do bonito, é... Eu comecei, eu era vendedor de loja. Então assim, eu sempre me interessei por moda, tudo relacionado à moda. E bem ou mal, acaba tudo ligado, acaba estando ligado né. Que aí eu comecei a fazer o curso de Moda e o curso de Moda tinha História da Arte, História da Moda, como que a moda influenciou... Influencia em tudo né. Como que as pessoas não reconhecem como que a moda influencia... Então acabou assim, tendo uma pequena ligação na cultura. Em dois... Não vou lembrar a data certa... Mas eu e o Luís, a gente era parceiro, fazia algumas fotos, fazia evento junto... E a gente sentiu a necessidade de dar uma fomentada no concurso de Miss Igarapava. Foi o meu primeiro contato com a Cultura, com o Departamento de Cultura, porque a gente pensou em fazer um projeto bem ousado. A gente fez um... Uma homenagem pras Misses, pra todas as Misses. A gente conseguiu Miss de 72 eu acho. 74... A gente fotografou elas, a gente conversou com elas, pegou história e aí a gente apresentou esse projeto no dia do desfile... Eu não lembro a data, vou te ser sincero, assim certinho... Eu acho que a Tereza vai lembrar. Foi perfeito! Elas tavam lá, algumas subiram no palco, passou no telão as fotos. Foi a coisa mais linda! Então fiquei bem apaixonado assim...Mesmo que “Ah, Miss Igarapava não tem muito haver com Cultura”, eu acho que tem. Se você parar pra pensar foi um dos primeiros eventos, se não foi o primeiro evento implantado no Departamento de Cultura, na cultura. Aí eu comecei a ter um contato lá no Departamento né, e quando passou o tempo a gente fez isso. Eu nunca me envolvi com o Teatro, essa parte, mas eu sempre gostei. Eu sou uma pessoa que gosto de

ler, que gosto de Teatro, eu gosto. Eu gosto de Cultura. Então a gente começou em 2016. Tinha minha loja, mexia com fotografia, essas coisas, então assim, mas tudo muito ligado à Arte né. Tudo que eu fiz até hoje foi ligado à Arte. Em 2016 fui trabalhar pro prefeito, na campanha dele a gente trabalhou junto, ele ganhou e me convidou pra trabalhar com ele. Fui fazer assessoria de comunicação dele, trabalhei um tempo na assessoria de comunicação. Gostava, mas não era bem o que eu queria fazer né. Aí em conversa a gente chegou num consenso que o Departamento de Cultura seria perfeito pra mim. Então foi assim. Tipo, o meu primeiro contato foi em 2011 eu acho, 2012, 2010, 2011... Algo assim, não lembro data corretamente. E a gente começou... E aí eu fui pro Departamento de Cultura. Cheguei bem sem saber nada né, porque gestão pública é super diferente, tipo, você faz Teatro, mas se você entrar na gestão pública de Cultura é outro mundo. Tudo que você sabe é nada, tudo que você leu, tudo que você viu de reportagem, nossa... É completamente diferente. Ali é um mundo a parte. É muita coisa, são muitas regras, são leis, sabe... É complicado. Então eu fui estudar né, aprofundar pra fazer bem feito meu trabalho. Então eu entrei no Departamento de Cultura eu acho que foi em 2017. Foi em 2017 ? Foi em 2017. No final de 2017. Mas desde o início que eu entrei mesmo, que eu tava lá na comunicação com o prefeito, eu já cuidava da parte... Dessas partes sabe, mas aí eu não tinha muito acesso a nada. Aí quando eu cheguei, eu e a Tereza, a gente acabou tendo uma proximidade e aí a gente... Acabou até nascendo uma amizade. Ela me passou algumas coisas que tinha... Eles tinham só um projeto de Teatro, que foram oferecer pra eles e eles pegaram. Vinha... Mas era muito legal, porque esse daí era um projeto patrocinado pela Secretaria do Estado que tinha um panfletinho, aí tinha várias peças teatrais.

Então assim, a Secretaria do Estado pagava os artistas, pagava a parte de montagem do que eles precisavam, essas coisas eles traziam. Aí ficava pro município pagar som, iluminação, um lanche pra eles... Era bem irrisório o valor que gastava, mas mesmo assim aqui acabava tendo que pegar sempre os mais baratos. E mesmo assim eram peças legais. As pessoas eram dedicadas no que faziam, mas a gente não tinha muito pessoal. A população não aderiu muito não. A gente divulgava e tal, mas as pessoas aqui elas não tem muito costume. Não tem a cultura de cultura. Entendeu? Do teatro. Foi aí que a gente começou né. Era esse daí. Foi o projeto que eu cheguei lá e tinha.”

ENTREVISTADORA: Certo. Aqui ó, você já respondeu várias perguntas.

ENTREVISTADO: (risos)

ENTREVISTADORA: Vou só averiguar se está gravando... É... Essa já foi...

ENTREVISTADO: Qual que já foi?

ENTREVISTADORA: Eu ia perguntar o período que você atuou à frente da pasta da Cultura, quando você entrou, você falou que entrou em 2017 né!

ENTREVISTADO: Na Cultura foi. 2017 à 2019.

ENTREVISTADORA: É... Aí eu ia perguntar os seus contatos com a Cultura antes de você entrar [...]

ENTREVISTADO: Eu já falei.

ENTREVISTADORA: [...] você já falou também. É... Eu vou mudar um pouquinho, bastante assim, o assunto porque eu acho que se eu ficar indo lá pra frente eu me embaralho, mas depois a gente vai voltar em algumas coisas que você já estava falando.

ENTREVISTADO: Tudo bem.

ENTREVISTADORA: Hoje em dia o órgão responsável pela gestão cultural em Igarapava, leva o nome de Departamento de Educação, Cultura e Esportes, de acordo com o site oficial da prefeitura de Igarapava. Na época em que o senhor esteve responsável pelo órgão referente ao campo cultural, qual era o nome do mesmo e quais eram as atribuições da pasta ?

ENTREVISTADO: É... Era o mesmo, não mudou. As atribuições eram, é... Tava bem fraquinha a descrição das atribuições na lei né, que regulamenta os cargos e tal: Cuidar da Casa da Cultura, cuidar da parte de som, cuidar da parte de... Sonora...

ENTREVISTADORA: Dos equipamentos?

ENTREVISTADO: Tipo assim, se você for ver dentro lá... Se for ver a lei você praticamente não fazia nada. Entendeu? Mas era bem mais profundo né, tipo, tudo que tinha de evento... O prefeito gostava de fazer um evento que chamava Cidadania nos Bairros, aí eu convocava o Departamento de Educação pra dar... Fazer um Teatro, com livrinhos, chamava artista da cidade pra cantar, chamava o Departamento de Assistência Social, fazia corte de cabelo gratuito. Então assim, era um evento bem legal... Tinha pula-pula, algodão doce pras crianças... Era assim, extraoficialmente, não estava na lei, mas eu cuidava dessa parte de evento, do evento social. Era coordenado pela Cultura, tinha participação do Departamento de Desenvolvimento Social. Eu conseguia as oficinas, que era a parte que o prefeito queria... "Ah, vamos dar uma fomentada..." Aí conseguia alguns parceiros lá na Secretaria do Estado. Tinham oficinas, era tudo a gente que cuidava, oficina de fotografia, oficina de Teatro... Eu não lembro todas, a Tereza vai te passar tudo certinho. Foram várias oficinas que a gente trouxe, super legal! Totalmente de graça! Financiado pela Secretaria do Estado. Tudo relacionado a eventos. Vinha inauguração... Então assim, eu sempre tentava colocar alguma coisa de cultura em todos os eventos. Até teve um evento que acho que é da USP e a gente acabou fazendo uma parceria também, eles tinham jogos, atividades, aí a gente colocou música, sabe? Tentando dar uma aquecida né. A gente ligava, tentava um Teatro...

ENTREVISTADORA: Então todos os eventos que tinha, por exemplo, vocês faziam parcerias?

ENTREVISTADO: Tudo que era evento relacionado ao município era a Cultura que cuidava. Todos os eventos. Desde esses eventos

menores como... Eu não sei os outros gestores, eu acho que não. Você pode até confirmar, mas a Festa da Cana, saia tudo da Cultura... O edital eu que fazia, a parte de fiscalização da Festa da Cana, Réveillon, Carnaval... Era tudo a minha pasta.

ENTREVISTADORA: Edital que você fala...

ENTREVISTADO: Eu fazia o termo de referência pra lançar o edital, tipo... O edital do chamamento lá, pra fazer a licitação. Então saia do Departamento de Cultura. Na minha época era tudo feito lá.

ENTREVISTADORA: Certo. É... Eu vou pular pra baixo já que a gente está falando disso. É... Já que você já está falando dessas ações que você faziam, que vocês realizavam quando você estava a frente da gestão da Cultura em Igarapava, além dessas que você mencionou, tinham mais ações que vocês faziam? Você sabe me dar exemplos?

ENTREVISTADO: As nossas ações eram, organizar os eventos, inaugurações do município, os teatros, a gente trazia teatro na Casa da Cultura, fazia parceria, igual aquele menino lá de Uberaba, o Luiz! Ele faz uma apresentação maravilhosa de teatro, eu esqueci... Faz tempo e eu nem lembro direito o nome, mas o que estava dentro do que eu podia fazer eu tentava sempre estar dando apoio sabe. As vezes até incentivando, as vezes eu buscava parceiros fora, na iniciativa privada né, porque não tinha dinheiro. Nunca tem dinheiro pra Cultura. Nunca tem, nunca sobra. Era isso... Teatro, as oficinas... Tinha muita coisinha, agora eu não vou lembrar, mas tinha tanta coisa... A Tereza deve ter tudo.

ENTREVISTADORA: Existe algum relatório da sua gestão?

ENTREVISTADO: A Tereza deve ter tudo, porque eu sempre gostei de deixar tudo muito arquivado. Pode perguntar pra ela que vai ter. Panfletos... vê lá! Tinha. Se sumiu eu não sei, mas tinha.

ENTREVISTADORA: E qual a adesão da população frente a essas ações?

ENTREVISTADO: Baixa. Tipo assim, quando o evento tinha pula-pula, algodão doce, picpoca de graça, eles iam. Quando era teatro, oficina... As oficinas ainda tinha um pouco mais de adesão, porque era específico né. Tipo, você gosta de teatro, você vem fazer o curso de teatro; Você gosta de fotografia, vem fazer a oficina de fotografia. Então tinha um pouco mais de adesão, agora, a parte de teatro a gente penava.

Igual a gente fez uma Festa Junina em 2018 acho... Ficou perfeita! A gente colocou até o nome de Igaraiá, ficou a coisa mais linda o Ginásio de Esportes, foi logo depois da Festa da Cana. Decorou, fez uma fogueira enorme e as pessoas não foram. Pois as barracas das entidades, foi uma coisa maravilhosa! E não foi. Foi pouca gente.

ENTREVISTADORA: Bom, você falou que era baixa a adesão da população, iam poucas pessoas, mas existiam outros mecanismos de avaliação dessas ações? Ou seja, como a gestão chegava à essa conclusão em relação à adesão da população?

ENTREVISTADO: Pelo número de pessoas. Público né. O público era baixo.

A não ser quando envolvia coisa de graça, tipo social sabe? Aqyela parte do fundo social, de dar as coisas... Assistencialista. Quando tinha a parte de assistencialismo aí o povo ia, porque eles iam ganhar né.... Tinha roupa pra doar, comida, prêmios, showzinho... Aí eles iam, mas quando era a parte tipo teatro, ihhh... Ah, e tinha o Projeto Guri também! O Projeto Guri também entra no Departamento de Cultura. A gente colocava eles sempre nas apresentações! Eu gosto disso! Eu gostava de colocar eles nas aberturas! Eles, o pessoal da luta, kung fu, capoeira... Eu sempre colocava sabe assim? Quando tinha algum evento eu colocava, incentivava.

ENTREVISTADORA: Essas lutas também entravam [...]

ENTREVISTADO: Não. São iniciativas privadas, mas a gente convidava eles. O pessoal do Kung Fu, o pessoal da capoeira... Pra fazer uma apresentação de abertura... Entendeu?

ENTREVISTADORA: Entendi. Agora vou mudar um pouco bruscamente de tópico. A gente foi fazendo em ordem invertida, mas vai dar certo. Agora umas perguntas mais técnicas: Durante a sua gestão no campo cultural de Igarapava, havia um Sistema Municipal de Cultura, um Plano Municipal de Cultura e um Conselho Municipal de Cultura?

ENTREVISTADO: Tinha o Conselho Municipal de Cultura, a gente tinha. O Plano a gente tinha entre a gente, não tinha nada oficializado, mas como eu te falei, eu gostava de ser organizado, então a gente no começo do ano já falava "Vou fazer isso, isso e isso. Janeiro a gente tem isso, Fevereiro a gente tem isso, Março..." Entendeu? Eu mesma fazia um Plano ali. Internamente.

ENTREVISTADORA: Era um Plano, mas não oficial?

ENTREVISTADO: Extraoficial, internamente. Pra gente se organizar. Porque não tem muito apoio pra ter isso sabe? Tudo demanda... Seilá... Na maioria das vezes dinheiro, mas muitas vezes a mão de obra, um jurídico, um administrativo... Eles não têm tempo, não pode estar envolvido com outras coisas, então nunca... Mas o Conselho eu sei que tem, você pode até ir lá ver.

ENTREVISTADORA: De acordo com uma busca realizada no site do Sistema Nacional de Cultura, Igarapava ainda não aderiu ao mesmo. Sendo assim eu gostaria de saber se ao longo da sua gestão no campo cultural do município de Igarapava, existiam discussões à respeito da adesão do Sistema Municipal, de Cultura.

ENTREVISTADO: Existia. A gente tentou. Mas igual eu te falei, só com a gente lá, dois, três funcionários não consegue. A gente precisava da assessoria jurídica... Não podia usar. Porque aí ficava envolvido... "Ah, vamos focar na Festa da Cana. Vamo focar no Carnaval, vamo focar..." Entendeu?

A gente tentou fazer os cadastros tudo. Inclusive, até ia acabar dando certo, de ter uma assessoria da CNN né, a Confederação Nacional dos Municípios. Que tem a pessoa que orienta na parte de Cultura, mas aí eu acabei saindo e acho que parou tudo. Tava mais ou menos até encaminhado.

ENTREVISTADORA: Que pena né, que...

ENTREVISTADO: Ah não, cansei!

ENTREVISTADORA: É... Acho que já está no fim...

ENTREVISTADO: Já?

ENTREVISTADORA: Eu te falei que era tranquilo. Bom, vamos pras duas últimas perguntas: Existiu alguma dificuldade enfrentada pelo senhor em relação ao trabalho frente ao desenvolvimento do campo cultural de Igarapava durante a sua gestão?

ENTREVISTADO: Sim, dificuldade financeira. Não tinha dinheiro pra nada. Nem pra alugar um som. Tinha que ficar implorando. É isso. Não tinha dinheiro pra Cultura. Era tipo, segundo plano. Fica pra quando sobrar, quando der, o ano que vem, pede patrocínio, passa a sacola... Como diz a Tereza, nos comércios. Era assim. A dificuldade financeira. Não podia nada, não tinha nada, nada. Porque eu acho que é uma coisa que as vezes não daria um retorno tão grade a curto prazo que é o que a política, a gestão né, 4 anos, precisa, de um retorno a curto prazo né. A Cultura é uma coisa que você forma, você vai criando né, o hábito. Então pra eles não era viável né, politicamente falando.

ENTREVISTADORA: O senhor acredita que o desenvolvimento do setor cultural de uma cidade como Igarapava, acarretaria em outras mudanças na realidade da cidade?

ENTREVISTADO: Com certeza, com certeza. Em muitas né! Pra começar, os teatrinhos que a gente fazia pras crianças, ensinando. Usando Arte pra ensinar não maltratar animais, usando Arte pra ensinar, entendeu? Eu acho que formaria cidadãos melhores. Nossa, com certeza. Se tivesse esse apoio, igual a gente fez o último desfile, que eu fiz, foi perfeito! Porque eu chamei o Cláudio que é professor de História, o Cláudio Silva. Eu fiz ele cavucar a história inteira da cidade. Do início. Ele achou coisa do arco da velha literalmente! Tipo assim, de quando os colonos chegaram aqui. Chegaram ali onde agora é aquele negócio de dentista. Então assim, ele levantou tudo. O trabalho dele foi espetacular! Aí a gente deu um tema pra cada escola. Uns ficaram com a parte dos colonos, outros com a parte dos turcos... Tudo que o pessoal que foi vindo pra Igarapava sabe? Coisa mais linda o desfile! Inclusive a gente fez lá, lá em cima. Muita gente veio criticar e eu falei, "Gente, a intenção, se tivesse lido o roteiro, é porque aqui começou Igarapava." Então assim, o último desfile que a gente fez foi a coisa mais linda! E as escolas se viraram assim, sem dinheiro entendeu? Sem dinheiro, sem nenhum apoio, mas foi perfeito. Eu não sei a Tereza tem, ela deve ter alguma coisa, ou ela pode te ajudar a achar com o Júlio, que filma e grava. Márcio... Deve ter foto...

Foi a coisa mais linda! E o Cláudio, o Cláudio deve ter. Você tem amizade com ele?

ENTREVISTADORA: Com o Cláudio eu tenho amizade sim.

ENTREVISTADO: Pede pra ele o roteiro. Fala, “Cláudio, me dá o roteiro.”, ele ficou... Porque eu começava antes né, então acho que ele deve ter ficado uns quatro meses só nisso. Pesquisando. Eu falava pra ele que que eu queria, ele ia, pesquisava. Nossa, cada história, cada... Fala com ele que você vai ficar doidinha. A história de Igarapava, entendeu? Um resgate. Aí o meu projeto era... Aí eles montaram né, montaram as coisas relacionado aos temas. Meu projeto era colocar Museu Itinerante nas escolas e ir trocando. Entendeu? Pra cada um ir conhecendo, mas aí eu saí.

ENTREVISTADORA: Bom, a gente terminou as perguntas e eu gostaria de saber se você gostaria de acrescentar algo que não foi dito, algo que você considere importante.”

ENTREVISTADO: Considero, igual eu te falei na parte de não ter apoio financeiro, eu quero deixar assim... Deixar bem registrado o tanto que os professores aderiam tudo que a gente propunha. Sem dinheiro, sem apoio... Eles se viravam, colocavam do bolso. Então assim, a Educação, os professores! Não digo os funcionários concursados que estão lá trabalhando, eu falo, os comissionados, as pessoas que devem uma obediência extrema né. Mas os professores eu tenho que ressaltar o tanto que eles eram demais! Os meninos que trabalhavam na Cultura! A Tereza e o Chico, ó... 10! A gente em três fazia trabalho assim, que tinha que ser feito por 15, 20 pessoas, entendeu!

É
Você quer fazer mais alguma pergunta?
Tem mais alguma coisa?

ENTREVISTADORA: Eu já fiz todas as perguntas, algumas eu nem cheguei a fazer porque você já falou...

ENTREVISTADO: (risos) É eu fui seguindo a linha de raciocínio pra não perder...

ENTREVISTADORA: Vou deligar.

ENTREVISTADO: Pode.

ENTREVISTADORA: Muito obrigada.

ENTREVISTADO: Eu que agradeço.

Entrevista EG5

ENTREVISTADORA: Já está gravando! Vou deixar aqui ó, pra pegar a sua voz. Acho que eu posso bloquear, deixa eu ver... Isso. Continua gravando. Eu vou ler umas informações introdutórias tá ? Antes de fazer as perguntas.
Bom dia, [...]

ENTREVISTADO: Bom dia!

ENTREVISTADORA: [...] meu nome é Ana Vitória Nogueira, sou graduanda do curso de Teatro – Licenciatura e Bacharelado, da Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais e nasci e cresci no município de Igarapava – São Paulo. Esta entrevista foi elaborada para levantar dados para o meu trabalho e Conclusão de Curso no qual eu estou sendo orientada pelo professor Alexandre Molina e possui como tema central as Políticas Culturais no município de Igarapava – São Paulo. O principal objetivo do trabalho é conhecer melhor o campo cultural de Igarapava, através de alguns procedimentos metodológicos: o lançamento e a divulgação de um formulário destinado aos agentes culturais de Igarapava e entrevistas com ex-gestores culturais de Igarapava. Que serão analisados, a partir de bibliografia especializada da área cultural. É isto.
Podemos começar ?

ENTREVISTADO: Podemos começar.

ENTREVISTADORA: Primeira pergunta, fale um pouco sobre sua trajetória até o momento da sua chegada na gestão do setor cultural em Igarapava – São Paulo.

ENTREVISTADO: Bom, minha trajetória sempre foi de professor. Professor primário; Eu fiz faculdade, é... Fui ser também diretor de escola, da Escola Técnica Agrícola; De escola técnica de segurança do trabalho. E depois de aposentar de professor efetivo, eu fui isso aí né... Professor primário, assistente de diretor... Parti depois pro Departamento de Cultura. Departamento de Cultura substituí o Manuel, depois do Manuel eu fui Secretário de Cultura. Departamento de Cultura... Depois do Departamento de Educação. Aí vim aposentei mesmo, parei. Depois disso da Cultura eu fui da Educação. Coordenador da parte de Educação.”

ENTREVISTADORA: Certo. E o senhor poderia me falar qual o período em você atuou à frente da pasta da Cultura?”

ENTREVISTADO: (risos)

ENTREVISTADORA: (risos) Se o senhor não souber com exatidão não tem problema, mais ou menos...”

ENTREVISTADO: Eu tenho que fazer mais ou menos uma média... Eu to em... Foi na gestão do Diego, eu não lembro. Não lembro.

ENTREVISTADORA: Logo que ele entrou?”

ENTREVISTADO: *Não, logo que ele entrou foi o Manuel que foi o Secretário. Aí depois eu substituí o Manuel. Foi na segunda gestão parece... Acho que foi isso mesmo."*

ENTREVISTADORA: Certo, e o ano mais ou menos... Até quando você ficou, quando você saiu?

ENTREVISTADO: Não lembro. E aí depois eu fiquei três anos lá e fiquei um ano na Educação.

ENTREVISTADORA: Uhum...

ENTREVISTADO: Eu não lembro. Já faz um pouquinho de tempo...

ENTREVISTADORA: (risos) É!

ENTREVISTADO: Faz um pouquinho de tempo. A gente passa por vários lugares e a gente perde o...

ENTREVISTADORA: Tudo bem! É... Antes do senhor assumir a gestão do campo cultural em Igarapava, você já se relacionava com o mesmo, ou seja, o campo cultural, em alguma medida? Ou seja, a Cultura já fazia parte, de forma mais direta, em sua trajetória?

ENTREVISTADO: Não, a Cultura sempre fez parte né, gosto muito de teatro, de leitura, eu lia muito. Eu trabalhava na escola também essa parte, então era isso aí que tinha. Minha parte era isso aí. De ensinamento e de gostar né. Sempre estava participando de vários eventos em Igarapava, como participante também! Mas não fazia nada relacionado a isso não.

ENTREVISTADORA: Certo...
Hoje em dia...
Deixa eu bloquear isso aqui né! Fica incomodando a gente...
Hoje em dia o órgão responsável pela gestão cultural em Igarapava, leva o nome de Departamento de Educação, Cultura e Esportes, de acordo com o site oficial da prefeitura de Igarapava. Na época em que o senhor esteve responsável pelo órgão referente ao campo cultural, qual era o nome do mesmo e quais eram as atribuições da pasta ?

ENTREVISTADO: Departamento de Cultura de Igarapava. Era só a parte cultural mesmo. Teatro, apresentação de cinema, é... Palestras, apresentação de eventos, era... Apresentação da Miss né, qualquer coisa relacionada à... Como que diz... Qualquer coisa relacionada à apresentação... O que eu quero dizer...
Quando tinha algum evento de participação de alunos, todas as escolas participavam nessa época. Nós tínhamos contato com as escolas, as escolas apresentavam no final do ano os seus teatrinhos, eles recebiam a formatura lá! O teatro naquela época, ele era bem... Toda semana tinha evento!

ENTREVISTADORA: Sério? Lá na Casa da Cultura?

ENTREVISTADO: Na Casa da Cultura.

ENTREVISTADORA: Então era só Departamento de Cultura?

ENTREVISTADO: Departamento de Cultura e tem a biblioteca também, relacionada do lado. É... a participação de alunos, escolas, da comunidade em geral. Porque a comunidade não é só escola. A

comunidade também participava. Tinham competições, várias competições que tinham em Igarapava, tudo era lá na Casa da Cultura. Então, por isso que ela era bem atuante, estava sempre aberta... (interferência celular)

ENTREVISTADORA: Tá certo... Pode ir continuando né? Durante a sua gestão no campo cultural de Igarapava, havia um Sistema Municipal de Cultura, um Plano Municipal de Cultura e um Conselho Municipal de Cultura?

ENTREVISTADO: Um Plano sempre teve né! Um Plano de Cultura, tinha que apresentar. No começo do ano a gente já tinha né, o esquema, tinham as ligações que a gente tinha que fazer, apresentações, as vezes teatro de fora, que tinha... A gente já tinha todo o esquema relacionado. Agora a... O que você perguntou... ?

ENTREVISTADORA: O Sistema e o Conselho.

ENTREVISTADO: O Conselho na época não lembro. Tinham vários conselhos né, mas da Cultura eu não lembro se tinha não... Não, não tinha não. Na época não tinha não.

ENTREVISTADORA: De acordo com uma busca realizada no site do Sistema Nacional de Cultura, Igarapava ainda não aderiu ao mesmo. Sendo assim eu gostaria de saber se ao longo da sua gestão do campo cultural do município de Igarapava, existiam discussões à respeito da adesão desse Sistema Municipal de Cultura.

ENTREVISTADO: Sempre houve discussão quanto a isso né! Mas, nós participávamos muito com outras cidades, teatros de outra cidade, de São Paulo veio muito. Nós tínhamos muito teatro também lá, mas sempre... Era feito um contato do Departamento de Cultura de Igarapava com a pessoa relacionada ou com o campo relacionado, mas participar da cultura do estado eu não lembro. Eu lembro que naquela época era bastante atuante mesmo. O prefeito dava todo o amparo, o pessoal, os vereadores estavam sempre atuantes junto com a gente. Agora, depois eu não...

ENTREVISTADORA: Que beleza! Bom né! O senhor poderia me falar um pouco, agora sobre as ações que vocês realizavam a partir do órgão gestor da Cultura em Igarapava?

ENTREVISTADO: Nossa bem, nós tínhamos tanta... Lembrar agora... São participações né?

ENTREVISTADORA: As ações que vocês faziam igual... Alguns exemplos igual você falou que o teatro era muito ativo, que você faziam eventos...

ENTREVISTADO: Teatro tanto fora quanto daqui de dentro mesmo; Escolas que as vezes tinha alguma coisa pra apresentar, ia apresentar lá!

A gente envolvia a comunidade com o pessoal. Cinema, o que a gente podia oferecer de cinema a gente oferecia... Depois nós ganhamos uma máquina pra projeção né, mais no fim nós ganhamos uma máquina pra projeção; Tinha os dias que apresentava o... Um funcionário nosso ia e ficava mais uma funcionária; Tal dia ia tal escola...

Depois aquela freira também que estava em Igarapava que hoje em dia fundou aquela escola lá em cima a...

ENTREVISTADORA: Entrevistadora: AMADA.

ENTREVISTADO: AMADA! A Gabriela né! Ela era muito atuante também! Ela arrumava pra gente teatro, apresentações, a gente tinha bastante contato. Era isso mais o que a gente fazia. Apresentação, competição... A Miss Igarapava na época foi uma das épocas que mais teve né. Sempre foi isso aí! De leitura, a parte da biblioteca, campeonato da leitura... Ver quem mais pegava livro, essas coisas.

ENTREVISTADORA: E existe algum registro, ou relatório da gestão desse período onde eu possa encontrar essas informações?

Entrevistada:

“Só se tiver lá. Porque tudo que a gente fazia registrava lá. Registrava. Tudo era registrado. A prefeitura tinha tudo. Tudo que fazia a prefeitura registrava. Se tiver é lá.”

Entrevistadora:

“Todos esses eventos, você falou que o teatro era muito efervescente... Tudo tem registro então?”

ENTREVISTADO: É. Deve ter registro lá na Cultura mesmo.

ENTREVISTADORA: E... O senhor sabe me falar qual que era a adesão da população frente a essas ações que vocês realizavam?”

ENTREVISTADO: Era total. Tudo que a gente apresentava tinha efeito né! Era total.

ENTREVISTADORA: E tinha... As pessoas tinham interesse, elas iam, procuravam?

ENTREVISTADO: Tinham interesse, procuravam. Interesse e procuravam. Porque sempre estava tento e a gente divulgava bastante. Tinham já os órgãos que divulgavam pra gente, faziam contato com lanchonete, hotel e tinham esses contatos pra apresentação. Era onde que traziam as pessoas e em tudo a gente tinha contato. Tinha apresentação, tinha a prefeitura que dava respaldo, os meios de comunicação também fazia isso.

ENTREVISTADORA: Então vocês tinham essas parcerias com essas pessoas pra divulgar? Você fala hotel, lanchonete... Eles ajudavam a divulgar?

ENTREVISTADO: Ajudavam a divulgar, porque entrava eles como participação também né!

ENTREVISTADORA: Aí colocava o nome deles?

ENTREVISTADO: Isso.

ENTREVISTADORA: Entendi. Parcerias.

ENTREVISTADO: Isso aí. Parcerias.

ENTREVISTADORA: E vocês tinham algum mecanismo de avaliação dessas ações? Ou seja, como vocês chegavam a essa conclusão em relação à adesão da população?

ENTREVISTADO: A, principalmente com a participação né. Participação e interesse deles. Se tinha participação e interesse a gente sabia que podia continuar com aquilo lá. Aí quando não havia participação nem interesse a gente já sabia que podia eliminar aquele evento ou alguma coisa relacionada a isso.

ENTREVISTADORA: Certo. E existiu alguma dificuldade enfrentada pelo senhor em relação ao trabalho frente ao desenvolvimento do campo cultural em Igarapava durante a sua gestão?

ENTREVISTADO: Não. Eu não senti dificuldade não. Nenhuma dificuldade.

O que a gente queria a gente sempre conseguia né, dentro do âmbito do que era interesse da cidade, que era viável financeiramente, porque as vezes esses encargos dificultavam um pouco. Mas não senti, eu não senti dificuldade na época não.

ENTREVISTADORA: Até porque o senhor falou que a prefeitura...”

ENTREVISTADO: Dava todo apoio. Todo apoio. Principalmente por ser Departamento de Cultura né. Relacionado à cultura e a gente fazia essa parte com a Educação, porque geralmente cultura envolve educação né. Então a gente fazia essa parceria também, com a Educação.

ENTREVISTADORA: Mas era um Departamento específico...

ENTREVISTADO: Era específico. Naquela época era específico. Todos eram específicos.

ENTREVISTADORA: E esse apoio que você fala da prefeitura, é tanto financeiro, quanto em relação às propostas... ?

ENTREVISTADO: Tudo, tudo, tudo. As propostas, o financeiro... Você apresentava a proposta e diante disso aí eles te davam o aval se ia dar certo ou se não ia né... Mesmo apresentação... O financeiro eles é que bancavam. Tudo. Os funcionários da prefeitura todos lá, os que tinha, era da prefeitura.

ENTREVISTADORA: Certo... E o senhor acredita que o desenvolvimento do setor cultural de uma cidade como Igarapava acarreta em outras mudanças na realidade da cidade em geral?

ENTREVISTADO: Sim. Claro. O advento cultural é muito bom pra cidade né. Se não houver desenvolvimento cultural eu acho que a cidade para. Eu acho que tem que ter e envolver todos os setores também né. Envolvimento da comunidade, dos setores, tudo.

ENTREVISTADORA: Você poderia me dar alguns exemplos de mudanças que o senhor acredita que acontecem?

ENTREVISTADO: Mudanças na parte da comunidade... É de conhecimento. Maior conhecimento da cultura, porque as vezes a cultura é... Eles acham que é só uma novela, que é uma apresentação

de teatro... E a cultura envolve tudo né. Envolve apresentação, leitura, participação. Eu acho que é isso aí.

ENTREVISTADORA: Bom, acabamos as perguntas já.

ENTREVISTADO: A, é...

ENTREVISTADORA: É. Eu gostaria de saber se você quer colocar algo a mais, algo que eu não perguntei e que você considera importante...

ENTREVISTADO: Importante eu acho... Eu, no meu entender – eu não tenho participado tanto – mas eu acho que Igarapava parou na parte de cultura. Eu acho que Igarapava está precisando desenvolver mais a cultura. Porque na minha época havia esse desenvolvimento, mas eu acho que poderia ter melhorado mais ainda. Igarapava precisa de muito mais.

Precisa desenvolver mais, precisa apresentar mais coisas, parece que parou... A cultura quando envolveu mais com outras coisas... Eu não sei... Eu estou sentindo Igarapava parada. As vezes pode até ser eu que não estou aparecendo tanto, mas eu acho que não. Porque eu tenho neto na escola, eu tenho neta que fez faculdade... Então nisso aí você já vê né; Tenho filho mais novo que trabalha fora...

Eu até as vezes posso não estar indo tanto, mas a gente lê, a gente vê, a gente escuta o povo falar né. É o que eu te falei, aqui todo mundo me conhece e todo mundo reclama, todo mundo fala que não tem isso, não tem esporte, não tem teatro, não tem uma apresentação... Aqui na escola mesmo eles começaram a apresentar mais na parte de teatro né.... Apresentar o Muai Tai e aí de repente tiraram. Agora, as professoras são muito boas, elas apresentam muito teatrinho no final, a gente vê aqui; Musiquinhas, teatrinhos. Então quanto as professoras e o pessoal envolvido, eu acho que eles trabalham, só não tem esse amparo legal. Trabalhar todo mundo está trabalhando, principalmente nas escolas. A gente vê apresentações de teatro, apresentações de alguma coisa, conversa sobre teatro... Eu estou falando de teatro, porque é mais essa parte que quando a gente fala em cultura a gente pensa nele, porque o teatro envolve tudo, não envolve só também você ir lá e divertir. Envolve leitura, envolve conhecimento, mas é por isso aí.

ENTREVISTADORA: Certo. Acabou as perguntas. Muito obrigada.

ENTREVISTADO: Nada bem. Eu acho que... O Manuel, você conversou com o Manuel?

ENTREVISTADORA: Não, ele não está dentro do tempo. Porque se eu não colocasse um tempo eu não ia conseguir terminar a pesquisa. (risos)

ENTREVISTADO: A sim, ele estava antes de mim. Eu estou te perguntando porque está no Maranhão hoje em dia, mas amanhã ele está aqui.

ENTREVISTADORA: Nossa, olha! Por um acaso!

ENTREVISTADO: Por um acaso.

ENTREVISTADORA: Posso pausar?

ENTREVISTADO: Pode.

APÊNDICE C – Formulário “Coleta de dados sobre agentes culturais de Igarapava/SP”

21/10/2021 11:06

COLETA DE DADOS SOBRE AGENTES CULTURAIS DE IGARAPAVA/SP

COLETA DE DADOS SOBRE AGENTES CULTURAIS DE IGARAPAVA/SP

Prezado(a) Agente Cultural de Igarapava,

A realização dessa coleta de dados é parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso da graduanda em Teatro - Bacharel e Licenciatura, Ana Vitória Nogueira Mattar Manso, pela Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação do Professor Doutor Alexandre José Molina.

O trabalho em questão, "Políticas Culturais em Igarapava/SP", tem como objetivo realizar uma análise sobre o campo cultural do município de Igarapava/SP, no período de 2009 a 2019, levando em considerações as ações propostas pela gestão municipal nesse período. Para contribuir com a análise, essa coleta pretende reunir informações sobre a atuação de agentes culturais do município e suas ações realizadas.

Portanto, deve responder este formulário o(a) agente cultural que realizou ações culturais em Igarapava/SP no período compreendido entre 2009 e 2019, independentemente da finalidade lucrativa ou não da ação. Com essas informações, pretendemos traçar um perfil desse(as) agentes culturais no município e contribuir para futuras proposições de políticas culturais por parte da prefeitura da cidade.

Por fim, cabe destacar que esta é uma pesquisa científica e os dados pessoais aqui fornecidos NÃO SERÃO divulgados sem a prévia autorização dos(as) respondentes.

A Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer de Igarapava está ciente desta ação e terá acesso à tal estudo visando o benefício do campo Cultural.

Dúvidas ou informações sobre essa coleta, favor entrar em contato através do e-mail: anavitorianmm@gmail.com

 anavitorianmm@gmail.com (não compartilhado) [Alternar conta](#)



*Obrigatório

Nome Completo (sem abreviações) *

Sua resposta



21/10/2021 11:06

COLETA DE DADOS SOBRE AGENTES CULTURAIS DE IGARAPAVA/SP

Endereço de e-mail *

Sua resposta

Nome Artístico (se for o caso)

Sua resposta

Como você se identifica *

- Mulher
- Homem
- Não Binário
- Outro:

Nome social (se for o caso)

Sua resposta

Qual é sua data de nascimento (Ex.: 17/05/1995) *

Sua resposta



21/10/2021 11:06

COLETA DE DADOS SOBRE AGENTES CULTURAIS DE IGARAPAVA/SP

Qual é o seu nível de escolaridade *

- Não alfabetizado
- Fundamental completo
- Fundamental incompleto
- Ensino médio completo
- Ensino médio incompleto
- Curso técnico
- Superior completo
- Superior incompleto
- Especialização completo
- Especialização incompleto
- Mestrado completo
- Mestrado incompleto
- Doutorado completo
- Doutorado incompleto
- Outro:

Bairro *

Sua resposta

Cep *

Sua resposta



21/10/2021 11:06

COLETA DE DADOS SOBRE AGENTES CULTURAIS DE IGARAPAVA/SP

Principal área de atuação na Cultura *

- Artes Visuais
- Artesanato
- Audiovisual/Cinema
- Circo
- Cultura Afro-Brasileira
- Cultura Cigana
- Cultura Indígena
- Cultura LGBTQI+
- Culturas tradicionais e populares (como Folia de Reis, Congada, entre outros)
- Dança
- Design
- Literatura
- Música
- Patrimônio cultural, histórico e artístico
- Teatro
- Outro:

Ações Culturais realizadas por você: (este campo é destinado para a descrição das ações culturais nas quais participou ou promoveu no município de Igarapava entre 2009 e 2019). *

Sua resposta



21/10/2021 11:06

COLETA DE DADOS SOBRE AGENTES CULTURAIS DE IGARAPAVA/SP

Sítio eletrônico (campo destinado para informar link sobre sua atuação profissional no campo da cultura, tais como site, portfólio online, blog dentre outros)

Sua resposta

Rede Social (página pessoal ou profissional que conste registros de sua atividade no campo cultural, podendo ser Facebook, Instagram, entre outras)

Sua resposta

Próxima

Limpar formulário

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários

